ABRIL OS PRIMEIROS 75 ANOS DO MAIS INFLUENTE GRUPO EDITORIAL DO BRASIL, QUE SE REINVENTA NA ERA DA INTERNET

Editora ABRIL
edição 2950 - ano 58 - nº 26
27 de junho de 2025



veja

www.veja.com



EQUILÍBRIO FRÁGIL

Ao final de uma guerra de doze dias, Estados Unidos, Israel e Irã gritam vitória e o acordo de cessar-fogo está longe de afastar os riscos de novos conflitos no barril de pólvora do Oriente Médio

NESTA EDIÇÃO ESPECIAL DA VEJA, CELEBRAMOS TAMBÉM UM MARCO DA NOSSA HISTÓRIA: OS 50 ANOS DA ITAÚSA.

Há meio século, investimos em empresas que fazem a diferença na vida dos brasileiros. Com ética, visão de longo prazo e governança sólida, colocamos nossos valores em ação para transformar o presente e construir o futuro.

Acreditamos que informação de qualidade e investimentos responsáveis caminham juntos na construção de um país mais forte.

ITAÚSA
VALORES EM AÇÃO

50 ANOS

SAIBA MAIS EM



ITAUSA.COM.BR

O FUTURO ACONTECE COM O BNDES



O BNDES valoriza o passado, investe no presente e constrói o amanhã.

Há 73 anos, o BNDES investe no desenvolvimento do Brasil, financiando obras e projetos que ajudam a transformar o país. Nos últimos anos, intensificamos o apoio à inclusão social, à transição energética e à conservação da biodiversidade. Esse caminho tem feito o BNDES subir diversas posições no ranking das marcas mais valiosas do Brasil, segundo a Brand Finance. É crescimento que chega a todos, do grande ao pequeno, do Norte ao Sul do país. **E quando o BNDES se fortalece, a economia se aquece, o emprego aparece e o futuro acontece.**

futuroacontece.bndes.gov.br






ANS 30.214-7
PREVENT SENIOR
Istambul

Conheça o novo plano Prevent Senior e descubra um acolhimento que não para de inovar!

PREVENT SENIOR


Banco
BRB.
AINDA
MAIS SEU

brb.com.br

O BANCO BRB CRESCEU.

Expandiu suas possibilidades, diversificou seus produtos e serviços e se tornou ainda mais completo para acompanhar você em cada momento da sua vida.

Seja para tirar seu negócio do papel, conquistar a casa própria, investir no futuro de sua família ou proteger o que mais importa pra você, o BRB está sempre ao seu lado.

Mais do que um banco, o BRB é um parceiro que te entende, e caminha junto a você rumo aos seus objetivos.

O banco BRB agora é mais seu do que nunca.

- **IMOBILIÁRIO**
  Realize o sonho da casa própria
- **SEGUROS**
  Proteção completa para você
- **CRÉDITO PF E PJ**
  Crédito pessoal e empresarial
- **INVESTIMENTOS**
  Crescimento com segurança
- **CARTÕES**
  Mais benefícios para você
- **CONSIGNADO**
  Perfeito para o seus planos



ABRA SUA CONTA

banco BRB





COMIDA SABOROSA E NUTRITIVA, NA MESA DE QUEM MAIS PRECISA.

40 milhões
DE REFEIÇÕES JÁ SERVIDAS







No café da manhã, almoço ou jantar, o Governo do Estado garante alimentação de qualidade para os que mais precisam, servindo mais de 60 mil refeições diárias, de forma gratuita ou a preços simbólicos. E vem mais por aí, com duas novas unidades do Restaurante do Povo, em Queimados e Madureira.



Acesse e confira horários e endereços



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

veja

ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui





LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

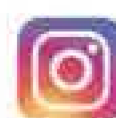
Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sérgio Roberto Vieira Almeida **Editora-assistente:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe Soderini Erlich, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Anita Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Natalia Tiemi Hanada, Valentina Soares Rocha Alves **Arte — Diretor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: 301 Usina – Av. Alcides Sangirardi, s/nº – Espaço C – Cidade Jardim, São Paulo, SP, CEP 05672-015

VEJA 2 950 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 26. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead

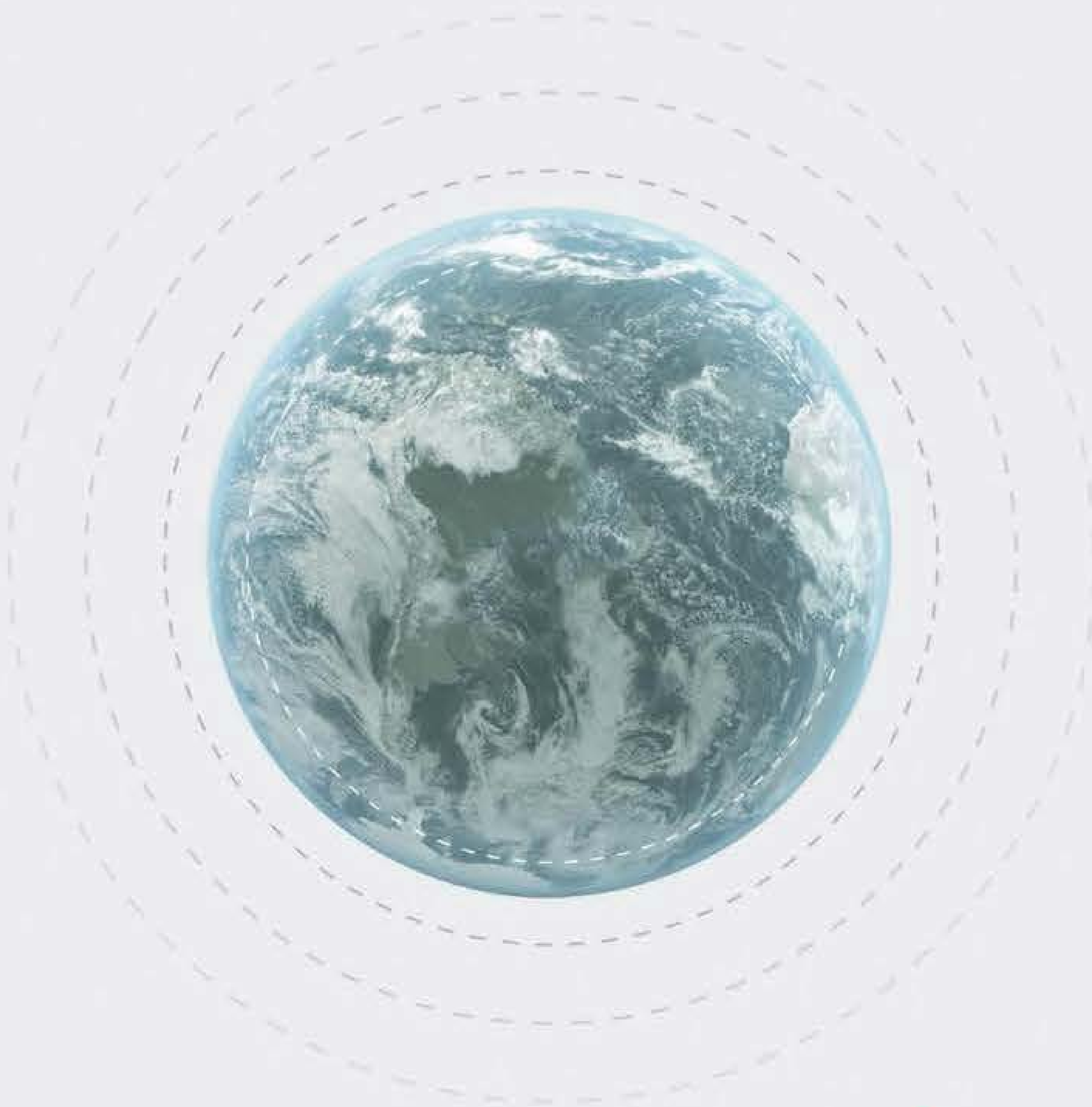
GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS PARA UM PLANETA MELHOR

Na ACCIONA, oferecemos soluções sustentáveis para responder aos principais desafios globais. O nosso foco está nas pessoas e no planeta, e projetamos infraestruturas regenerativas para alcançar o seu bem-estar e conservação.

Porque acreditamos que existe uma maneira diferente de fazer negócios.





BUSINESS AS UNUSUAL

COMBUSTÍVEL QUE PULSA NO CORAÇÃO CARIOCA

HÁ QUASE 70 ANOS, A REFIT MOVIMENTA O RIO, GERANDO EMPREGOS, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE.

Ao longo de sete décadas, a Refit consolidou-se como um dos principais pilares da indústria de óleo e gás no Brasil, forjando uma trajetória marcada pela resiliência, inovação e profundo compromisso com o desenvolvimento econômico e social do país.





Acesse o QR Code e saiba mais sobre a história da Refit.



Refit 70 anos



CLAUDIO GATTI

SALTO TECNOLÓGICO O estúdio de VEJA, em São Paulo: programação jornalística agora disponível na Samsung TV

DA ARTE DE INOVAR

EM MEADOS DE 1969, VEJA lançou uma seção que faria parte da história da imprensa brasileira: uma entrevista para abrir a revista, todas as semanas. A criativa ideia inicial sugeria uma cor diferente. Como havia um razoável volume de papel amarelo guardado na gráfica, decidiu-se utilizá-lo. Quando o estoque chegou ao fim, a fórmula estava consagrada, e as Páginas Amarelas nunca perderam a mítica tonalidade. Foi assim, quase por acaso — como em outros grandes momentos da inventividade humana, feita de surpresas fascinantes —, que a Editora Abril deu um dos passos inaugurais em uma permanente revolução: o zelo pela inovação. Vale a frase de Peter Drucker (1909-2005), reputado pensador da administração moderna: "Todas as inovações eficazes são surpreendentemente simples. Na verdade, o maior elogio que uma inovação pode receber é haver quem diga: isso é óbvio, por que não pensei nisso antes?".

A Editora Abril, que deu origem ao Grupo Abril, completa neste mês 75 anos de ampla renovação, levando aos brasileiros de três gerações invenções surpreendentes, de sucesso imediato e espanto pelo ineditismo. REALIDADE representou um olhar diferente para as reportagens. VEJA introduziu o jornalismo de excelência, imune ao jogo do poder e a interesses escusos. A Abril levou às bancas discos de ópera e de gênios da MPB. Apresentou a primeiríssima tradução para o português de *O Capital*, de Karl Marx, e as ideias de Adam Smith, na prestigiada coleção Os Pensadores. Trouxe para o Brasil os videoclipes da música pop por meio da MTV. Reinventou o olhar para a arquitetura e a decoração com a CASACOR. Foi uma das primeiras a entender os avanços promovidos pela internet — e agora, mais do que nunca, pavimenta os inexoráveis passos para o futuro.

As edições impressas permanecem vivíssimas e cobiçadas, mas de mãos dadas com os sites e as redes sociais. VEJA, por exemplo, anda no compasso da expansão das informações digitais, a todo momento, sem parar. Exemplo disso ocorreu na quinta-feira 26, com a entrada no ar pela Samsung TV do canal VEJA+, reunindo programas, vídeos e documentários produzidos por VEJA e outras marcas da Abril. Não seria exagero dizer que a atual celebração tem um evidente significado: são apenas os primeiros 75 anos de uma marca indissociável do país, da defesa da democracia e das liberdades individuais, da educação e do conhecimento — hoje ancorada nos saltos tecnológicos, como se vê na edição especial encartada neste número de VEJA. Outros muitos 75 anos virão. Obrigado a você que segue acompanhando a vitoriosa trajetória da Abril. ■

APRESENTADO POR **ambev**



CERVEJA ZERO CAI NO GOSTO DOS BRASILEIROS

O consumo triplicou e alcança diferentes públicos, que podem consumir uma maior variedade de opções, de acordo com o dia e o momento da vida

"Que tal uma Brahma agora? É a minha cerveja e sempre será", era o slogan da marca estampado na Veja de 2008. Desde então, as cervejas Ambev seguem marcando presença nos encontros que importam – de uma grande comemoração a uma conversa no fim do dia – refletindo a forma leve, afetiva e sociável de ser do brasileiro.

Mais de 20 anos depois, a mesma propaganda se faz verdadeira. Atualmente a companhia conta com três marcas de cerveja zero álcool em seu portfólio: Brahma 0.0% , Bud Zero e Corona Cero, que possibilitam o consumidor incluir a sua cerveja preferida em mais momentos. Em 2025, Corona, Budweiser e Brahma estiveram presentes entre as 10 marcas de cerveja mais valiosas do mundo segundo a Kantar BrandZ.

"Hoje, mais consumidores optam por um estilo de vida equilibrado, sem renunciar ao sabor e à experiência de consumir sua cerveja. Também atende às pessoas que estão entendendo que é possível incluir a cerveja zero em mais ocasiões de consumo, como por exemplo, intercalando com a cerveja regular", aponta Laura Aguiar, Diretora de Conhecimento e Cultura Cervejeira da Ambev.

CADA UM COM SUA ZERO

No primeiro trimestre de 2025, Corona Cero, Bud Zero e Brahma 0.0% cresceram juntas 40% no Brasil e bateram recordes de volume, mostrando que o brasileiro está descobrindo que existe espaço para a zero no dia a dia dele. Seja na areia da praia, nos esportes ao ar livre, no carnaval, no futebol ou no sertanejo e até no festival internacional. Onde Corona, Brahma e Budweiser estão, suas versões zero também pode estar.

Impulsionado por tecnologias que preservam qualidade e sabor, esse movimento abre novas frentes de crescimento. Em mercados como o europeu, a cerveja zero já ocupa um lugar de destaque – e o Brasil segue no mesmo caminho. Afinal, a cerveja sempre foi uma bebida naturalmente ligada à moderação. A versão zero só reforça esse papel, acompanhando o consumidor em mais momentos do seu dia.

O brasileiro ama cerveja, é parte da cultura do país. E as cervejas zero podem ser tão "cool" e tão saborosas quanto as cervejas regulares.

"É com base nessa proposta que a Ambev se mantém líder no segmento de cervejas sem álcool", finaliza Laura.

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

DM9

JHSF
SURPREENDENTE



FAZENDA SANTA HELENA

BRAGANÇA PAULISTA

A NOVA FAZENDA DA JHSF

COMING SOON

SAIBA MAIS



FOTO REAL DA FAZENDA SANTA HELENA

“LULA NÃO NOS ENTENDE”

O presidente da poderosa bancada evangélica diz que, se o governo quiser mesmo o apoio do segmento que já representa quase um terço da população, precisa mudar muito sua agenda

RICARDO FERRAZ

O DEPUTADO FEDERAL Gilberto Nascimento (PSD-SP), 68 anos, foi um dos primeiros da igreja evangélica a ser eleito no país, estreando como vereador em 1983. Àquela altura, a participação desse segmento religioso não passava de 6,5% da população, fatia acanhada frente aos atuais 28%. Foi no gabinete de Nascimento que nasceu a ideia da Marcha para Jesus, impulsionadora de novos fiéis, cuja última edição, no dia 19, arrastou centenas de milhares às ruas do país. Sua reconhecida capacidade de articulação acabou sendo decisiva para alçá-lo à presidência da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), poderosa força no Congresso, que agrega 202 deputados e 26 senadores. No início do ano, a bancada recorreu de forma inédita a uma eleição para o posto, por causa de cisões dentro do campo bolsonarista. Nascimento, que é da Assembleia de Deus, venceu, com o apoio até de petistas. Nesta entrevista concedida a VEJA, o advogado e ex-delegado de polícia é enfático ao afirmar que a agenda da esquerda é incompatível com o pensamento evangélico e que acha “muito difícil” reverter isso.

Em sua visão, por que o presidente Lula encontra resistências junto ao eleitorado evangélico? Lula faz um governo que, infelizmente, é muito diferente do que nós, evangélicos, pensamos. Olhe a pauta internacional. Ela acaba sendo muito simpática a inimigos de Israel, como a Venezuela e o Irã, nações que historicamente perseguem cristãos. Alguém pode até



ALLAN PAIVA GOMES DE OLIVEIRA

dizer: "Mas o Lula prega a liberdade religiosa". Só que, ao mesmo tempo, ele apoia países que não agem dessa forma. E isso ecoa no eleitorado.

Em passado recente, o PT já teve o apoio dos evangélicos. O que mudou? Os evangélicos vão ao mercado, ao posto de gasolina, e constatam que a situação econômica está difícil, que os preços estão aumentando. Essa é uma questão mais geral, que atinge todos os brasileiros. Além disso, Lula demonstra dificuldade de entender esse eleitorado. Quando surgiu Bolsonaro, com um discurso mais conservador e afinado com a cabeça evangélica, muita gente se ligou a ele e deixou Lula de lado.

Para reverter a situação, o PT está promovendo até um curso para ajudar seus quadros a falar à fatia evangélica. Acredita que pode ser exitoso? É natural que o partido tente se aproximar do segmento, dado seu crescimento, mas não creio que surta resultado. Estamos tratando de um grupo inteligente, que sabe muito bem quão difícil é para uma legenda mais liberal na agenda dos costumes ir a uma igreja e dizer: "Agora nós estamos nos mexendo para falar com você, fiel". Não vai funcionar. Uma coisa é quando você é irmão, tem certos compromissos e responsabilidades. Outra, é mudar a linguagem, mas seguir na mesma tecla ideológica.

O senhor acha, então, que as pontes com a esquerda foram queimadas? Não. Na Frente Parlamentar Evangélica sempre trabalhamos para que se construam pontes, e não muros. Mas o governo precisa ter outra postura. Infelizmente, alguns ministérios acabam acenando para pautas que são muito contra nós, como a questão da legalização do aborto, das drogas, dos jogos de azar e da terapia hormonal para crianças mudarem de sexo. O fato de a bancada governista se posicionar a favor de temas como esses nos agride. E, diante do que enxergamos como ataque, vamos sempre reagir.

"Não adianta o PT chegar à igreja e dizer: 'Agora nós estamos nos mexendo para falar com você, fiel'. Não basta mudar a linguagem e seguir na mesma pauta e na mesma tecla ideológica"

Não é a bancada evangélica que entra em rota de colisão com o governo ao tentar limitar, por exemplo, as opções de aborto em caso de estupro, conforme prevê a lei? Não dá para uma menina grávida de oito meses chegar ao hospital e dizer que foi estuprada e querer tirar a criança. Por que demorou tanto tempo para informar que foi violentada? Há casos em que a moça namora o rapaz, mas, quando ele fala que não vai cuidar do filho, ela alega que é vítima de violência sexual. Por isso, defendemos um limite de noventa dias para o aborto nesses casos.

Representantes da FPE também tentaram mudar uma resolução do STF que permite a união civil entre homossexuais. Sob sua presidência, a bancada seguirá em ferrenha oposição a essa pauta? A tendência é respeitar tudo aquilo que já vigora hoje, inclusive com o crivo do Supremo. Não estamos lá para conturbar. Agora, não podemos entender que qualquer pauta nesse campo seja normal e esteja dentro da legalidade. No caso do aborto, eu acho que o vento sopra muito favoravelmente para que a gente vá restringindo a prática. Quanto a outros assuntos, tenho conversado com os deputados para conhecer a opinião da maioria e juntos decidirmos para que lado vamos.

Por que líderes de grandes denominações evangélicas têm se mobilizado em prol da anistia aos réus e condenados pela tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2023? Esse movimento não é pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, mas para fazer com que haja uma dosimetria mais adequada das penas. É questão de Justiça. Em acampamentos nas portas dos quartéis, vi donas de casa, jovens, aposentados, gente muito calma, muito tranquila. É complicado dizer que todos estavam ali para quebrar tudo e derrubar o novo governo. Essas pessoas estavam expressando sua insatisfação com o resultado das eleições, o que é direito delas. Não se pode dar uma pena de catorze, quinze anos de prisão mesmo para aqueles que não causaram danos ao patrimônio.

O senhor defende o perdão a Bolsonaro e outros réus do núcleo político que enfrentam processo no STF? Nenhum deles foi julgado ainda e a lei vale para quem foi condenado. Na minha forma de ver, Bolsonaro não praticou nenhum crime.

Por que os evangélicos costumam votar de maneira mais coesa do que qualquer outro grupo? Tem a ver com a própria dinâmica da comunidade evangélica. É um público que se reúne pelo menos uma vez por sema-

na nos cultos e nas atividades da igreja. Eles conversam, debatem temas relevantes e fazem avaliações daqueles que podem, ou não, nos governar.

Eleger um presidente evangélico ainda é um projeto político da Frente? Claro que a bancada evangélica gostaria muito disso, mas nós precisamos de alguém que, independentemente de religião, tenha respeito pelo nosso povo e pautas claras sobre o futuro do Brasil.

E quem seria hoje essa pessoa? Há uma grande diversidade de potenciais candidatos. O quadro será definido somente a partir do ano que vem.

O Brasil está mais conservador? O país sempre foi conservador. Alguns grupos tentaram avançar com uma agenda mais progressista, mas a grande maioria segue conservadora. E isso chama a atenção entre os eleitores, especialmente sensíveis a questões ligadas à família. Quando um candidato fala de mudança de sexo de uma criança, a pessoa logo se coloca contra e se posiciona em favor da família tradicional, da ideia de que o menino nasceu menino e a menina nasceu menina.

O senhor vê algum tipo de exploração mercantilista da fé por parte de certas denominações evangélicas, onde pastores adotam até discurso de coach? A teologia não tem nada a ver com a filosofia coach. É claro que o evangélico tem que viver aqui na Terra e possuir bens materiais, como um bom carro e uma boa casa. Mas é evidente também que isso depende da vontade de cada pessoa. Se houver gente pregando apenas com foco no que é material, considero lamentável. Esses pastores estão cometendo um forte pecado e vão pagar um preço alto por isso na eternidade.

O IBGE mostrou recentemente que a população evangélica segue avançando, mas o ritmo deu uma arrefecida. O que levou a essa desaceleração? Qualquer pessoa que anda pelas periferias dos grandes centros urbanos observa uma grande quantidade de gente com sua *Bíblia* debaixo do braço, indo às igrejas. Acho que esses números do IBGE não refletem a realidade. Pela minha experiência, eles são bem maiores.

O senhor está dizendo que o Censo errou? Eu não sei se os recenseadores conseguiram chegar às comunidades mais periféricas das metrópoles ou até mesmo às pequenas cidades. Mas, ainda que o Brasil tenha os 28% de evangélicos divulgados oficialmente, e não os mais de 30%, em que eu acredito, já é um aumento considerável. Nenhuma outra religião cresce tanto no país.

A politização vista no púlpito pode estar espantando fiéis que preferem não misturar as coisas? Não vejo pastores pressionando ninguém, até porque as pessoas já não aceitam que isso ocorra. Costumo dizer para colegas da política que, se forem aos templos achando que o pastor vai garantir votos para eles, correm o risco de perder eleitores. Os indivíduos estão lá com outro objetivo, movidos pela fé. Eu nasci no púlpito, mas nunca usei isso com fins políticos. Ainda são poucos os que fazem isso.

"As pessoas já não aceitam mais a pressão do pastor. Costumo dizer para colegas da política que, se forem aos templos achando que eles vão garantir votos, correm o risco de perder eleitores"

Ser um alto quadro da Assembleia de Deus não o ajudou politicamente? Entendo que seja natural que os fiéis da igreja passem a ter em mim um referencial e que isso exerça um peso no momento da eleição.

Uma porção cada vez maior de candidatos se identifica como pastor ou líder religioso. Esses não estão fazendo claro uso político da igreja? É um ciclo natural. O candidato é próximo dos fiéis, que acabam lhe dando seu voto como uma espécie de procuração a alguém em quem confiam.

Acredita que o Brasil se tornará majoritariamente evangélico? Em algum momento, seremos mais de 50%, com certeza. A força da igreja evangélica vem do fato de os fiéis terem ali uma conexão com Deus mais direta, sem intermediários. Além disso, são as únicas a acolher as pessoas, se voltando para uma comunicação mais fácil e inclusiva, com um forte olhar para a assistência social e males da vida real, como a dependência química. Quando eu era jovem, pegava uma Kombi com um amigo, um aparelhinho de som a tiracolo, e fazíamos nossas preleções no centro de São Paulo, convidando gente a ir ao culto. Quem estava largado na cidade, morando longe da família, aparecia. E assim a igreja foi crescendo e, garanto, não vai parar. ■

ambipar

Líder global
em soluções
ambientais.

Em 75 anos, a Veja registrou o percurso de um *Brasil que constrói,* que *transforma* e que *não desiste de crescer*.

Há mais de 30 anos, a Ambipar participa dessa jornada: protege o meio ambiente, valoriza o saber local e acredita na força de quem produz e trabalha por um país melhor.

A Ambipar tem orgulho de crescer junto com o Brasil.

A Ambipar nasceu no Brasil e avança com os brasileiros



ambipar.com



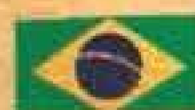
O futuro exige mais do que compromisso.

Exige cuidar das pessoas.
Exige cuidar do planeta

A Ambipar é do Brasil. A Ambipar é dos brasileiros.

Carlos Vianna e Elizabeth Matos, Líderes de Franquia Social

ambipar



ambipar

@037creations 037

IMAGEM DA SEMANA

O SONHO DA NOITE ESTRELADA

EM 1889, da janela de um quarto gelado do sanatório de Saint-Rémy-de-Provence, no sul da França, Vincent van Gogh criou uma de suas mais celebradas telas a óleo, *A Noite Estrelada*, hoje nas paredes do MoMA, em Nova York. Pintada durante o dia, era a imagem do céu noturno que ele tinha na memória. "Confesso não saber a razão, mas olhar as estrelas sempre me faz sonhar", escreveria em carta para o irmão, Theo. Na terça-feira 24, os astrônomos do **Observatório Vera C. Rubin,** instalado no Deserto do Atacama, no Chile, revelaram ao mundo uma coleção de imagens oníricas do firmamento que remetem a Van Gogh. As fotografias foram tiradas por uma câmera digital recordista, a de maior resolução jamais construída, com 3 200 megapixels. Cada imagem equivale a 400 televisores ultra HD colocados lado a lado. **O conjunto revelou detalhes da Nebulosa Trífida, distante cerca de 5000 anos-luz da Terra, em lindos desenhos de nuvens gasosas em meio a um mar espacial cintilante.** De quebra, em anúncio espetacular, a engrenagem identificou a existência de exatos 2 104 novos asteroides, sete deles classificados como NEOs (objetos próximos à Terra), mas nenhum deles oferecendo risco de colisão com o nosso frágil e combalido planeta. O arsenal é fruto de meros sete dias de registros. Há muito mais pela frente, em passo da ciência que nos faz sonhar como Van Gogh no século XIX e que evidencia nosso pequenino tamanho ante tão infinita grandeza. ■

Fábio Altman





RUBINOBS/NOIRLAB/SLAC/NSF/DOE/AURA

Chegou
99
Food

Os restaurantes pediram
uma **nova opção.**

A plataforma certa para potencializar o seu negócio com mais lucratividade.





No app que já movimenta mais de **55 milhões de brasileiros**



Presente na rotina de **700 mil motociclistas parceiros** pelo Brasil

Seja um estabelecimento parceiro 99Food. **Conheça nossas propostas:**




INSTAGRAM @MATEUSOLANOOFICIAL

FERINO Solano: "Me sinto cada vez mais cercado pela inteligência artificial"

"O FÉLIX É ETERNO"

O ator de 44 anos opina sobre o sucesso longevo de um dos personagens gays mais marcantes das novelas, analisa a maré conservadora na TV e explica como é viver um figurante no teatro

Atualmente em cartaz em São Paulo, seu monólogo *O Figurante* fala dos atores que trabalham de forma anônima em produções de cinema e TV. Quanto há de inspiração nessas figuras reais? Havia uma constante inevitável em todas as produções da Globo, o Augusto Mucke *(ator morto em 2023 e conhecido nos bastidores por seus papéis sem falas em filmes e novelas)*. Ele chegava e falava: "Você não sabe com quem eu gravei hoje? Glória Menezes, ela gosta muito de mim, trabalhamos juntos há muito tempo". Era figurante, mas superamado por todos. O projeto foi também uma homenagem.

Figurantes não se tornam celebridades. Encara isso positivamente? O status de celebridade tem ônus e bônus. A peça se interessa mais em pensar que o ser humano se entende como protagonista na Terra, mas faz, na verdade, só uma figuração. Meu personagem aprende a ver a beleza disso. Somos todos figurantes.

A novela *Amor à Vida* completou doze anos de estreia. Qual é o legado de Félix? As pessoas continuam assistindo às cenas icônicas, pena que o streaming não remunera propriamente. Mesmo assim, preciso dar o braço a torcer. Às vezes, vem uma criança falar comigo na rua e me chama de Félix. Eu digo: "Você não era nem nascida", e ela responde: "Não, mas vi no Globoplay". Sou muito grato, o Félix é eterno. Vou ser lembrado para sempre por um personagem querido que é uma Odete Roitman com muito humor.

Por que acha que o personagem é tão longevo? Ele era muito engraçado, muito ferino. Ainda estamos entendendo o que é o politicamente correto, e o Félix já era totalmente avesso a isso. Quanto ao quesito LGBT+, eu o vejo como uma parte absolutamente importante dos avanços. Percebo isso mais hoje, até, do que dez anos atrás.

Mesmo assim, beijos e enredos homoafetivos foram cortados de novelas como *Vai na Fé* e *Garota do Momento*. O Brasil ficou mais conservador? Não. Os conservadores têm tido mais espaço e palanque, mas a humanidade está, queiram eles ou não, progredindo. O que acontece é que a TV vai perdendo público para a internet e então precisa levar em conta que metade do Brasil pensa de um jeito e metade, de outro. Daí, ela tenta conquistar as duas partes. Só que a gente está falando, na verdade, de um momento em que tem muito mais gente podendo assistir, dar opinião — e não assistir à TV também, se não quiser. Com essas mudanças velozes, fica difícil entender o que está acontecendo e o que vai dar certo.

O que mais o assusta nessas variáveis? Me sinto cada vez mais cercado pela inteligência artificial — em comerciais, vídeos ou atendentes virtuais nas redes. Somos alertados há anos, desde *Blade Runner*. Sei de contratos nos quais o ator cede a imagem para avatares que são depois usados sem remuneração. Tudo o que temos para vender é nossa imagem, e estão rifando isso por aí. Saltei desse bonde, é um perigo. ■

Thiago Gelli

O MELHOR DA INFORMAÇÃO TÁ SEMPRE CHEGANDO.





Parabéns, **Editora Abril**, pelos 75 anos entregando informação em todos os cantos do Brasil.


ARQUIVO DE FAMÍLIA

OSCAR Peploe: roteirista de clássicos de Bertolucci, como *O Último Imperador*

UM RENASCENTISTA DO SÉCULO XX

Personagem cosmopolita, de variados interesses culturais, figura renascentista nascida no século XX, o escritor e roteirista britânico **Mark Peploe** trabalhou com alguns dos grandes nomes do cinema europeu, como Jacques Demy, René Clément, Michelangelo Antonioni e Bernardo Bertolucci. Com Antonioni, ele escreveu o roteiro de *Profissão: Repórter*, em 1975, estrelado por Jack Nicholson, um road movie filosófico em torno de um andarilho que assume a identidade de um morto, filme que ao terminar não cessa de nos incomodar. "Quem somos é a questão central de toda existência", diria Peploe. Ele depois ganharia relevo internacional, alcançando Hollywood, com o Oscar de roteiro adaptado para *O Último Imperador*, de 1987, dirigido por Bertolucci, seu cunhado. Faz parte do catálogo de Peploe uma outra obra-prima bertolucciana, *O Céu que Nos Protege*, de 1990. Ele morreu em 18 de junho, aos 82 anos.


PINO MONTISCI/MONDADORI/GETTY IMAGES

MUNDO AFORA Pomodoro: imensas esferas de bronze em praças públicas

O ESCULTOR DA ALMA ITALIANA

Artista autodidata, com formação em engenharia, o escultor italiano **Arnaldo Pomodoro** ganhou fama com suas imensas bolas de bronze fraturadas que povoam diversas praças ao redor do mundo — de tão distribuídas, e muitas vezes imitadas, com o tempo perderam o impacto original, mas devem ser celebradas. Há esferas de Pomodoro do lado de fora do prédio das Nações Unidas, em Nova York, e dentro da cidade do Vaticano, entre outros cantos. A primeira-ministra Giorgia Meloni foi às redes sociais para lamentar a perda de um artista que "esculpiu a alma da Itália". Pomodoro morreu em 22 de junho, aos 98 anos.


MATTHEW CAVANAUGH/EFE

PIONEIRISMO Smith, da FedEx: o primeiro das entregas rápidas

O PAI DE UMA BOA IDEIA

Estudante de administração da Universidade Yale, nos Estados Unidos, **Frederick Smith** recebeu uma mediana nota C ao apresentar um de seus trabalhos, em 1965. Nele, sugeria que uma economia cada vez mais automatizada pressupunha o envio rápido e confiável, de porta em porta, de pequenas peças de computador. Era a gênese, de olhar futurista e estratégico, da Federal Express, a FedEx, empresa de logística que emprega mais de meio milhão de pessoas — inspiração para a Total Express, do Grupo Abril. Em um dia, a FedEx envia mais de 17 milhões de pacotes por dia para cerca de 220 países e territórios. Fez fama, em 2000, o uso de uma embalagem da FedEx como peça de merchandising em *Náufrago*, filme estrelado por Tom Hanks. Na história, o personagem de Hanks — Chuck — trabalha para a marca. Ao ficar preso numa ilha, ele se torna obcecado em entregar um único pacote que foi salvo do acidente e que, por ética, ele nunca abriu. Piadas depois revelariam que, no embrulho, havia um aparelho de GPS e um celular carregado. Smith morreu em 21 de junho, aos 80 anos. ■

SOU UM COPO DE PAPEL FEITO DE MATERIAL RENOVÁVEL E SUSTENTÁVEL.

Sabia que a Suzano desenvolve produtos a partir de fontes renováveis? São diversas soluções mais sustentáveis, como esse copo de papel, que fazem parte da vida de mais de 2 bilhões de pessoas ao redor do mundo.

As suas escolhas podem transformar o planeta! Vamos juntos?





Assista e saiba mais.



suzano

nós plantamos o futuro



GARETH CATTERMOLE/GETTY IMAGES

"*(As reuniões de AA)* consistiam em homens incríveis compartilhando suas experiências, fraquezas, erros, vontades, dores, com muito humor. Foi uma experiência muito especial."

BRAD PITT, ao revelar tempos difíceis em que frequentou encontros dos Alcoólicos Anônimos durante o processo de divórcio de Angelina Jolie, em 2016

"Vivemos tempos de aplausos, como no mensalão, e de críticas, como na Lava-Jato."

GILMAR MENDES, ministro do STF

"Quem for para a COP30 para vender uma Amazônia romântica está mal-intencionado. Nós não podemos permitir que a COP30 se transforme numa espécie de Rock in Rio."

CLÉCIO LUÍS, do Solidariedade, governador do Amapá

"Solteiro e feliz, this is Brasil!

LAMINE YAMAL, atacante do Barcelona e da seleção espanhola, depois de passar uma temporada com Neymar

"Só paro quando Deus me levar ou eu não puder mais cantar."

LIA DE ITAMARACÁ, a mais conhecida cirandeira do país

"Fui ver o Silk Sonic, em Las Vegas, e bloquearam meu celular. Nunca tive uma experiência tão bacana em um show. Me senti como se estivesse de volta aos anos 1970."

SABRINA CARPENTER, cantora, que pretende também vetar o uso de smartphones em seus espetáculos

"Nós nos odiávamos."

ARNOLD SCHWARZENEGGER, lembrando do tempo em que dividia a fama de ator fortão com Sylvester Stallone. Eles fariam as pazes no lançamento de uma rede de restaurantes na Califórnia

"Estou quase declamando um poema ou escrevendo um livro para ver se ganho algum aplauso."

LÁZARO RAMOS, ao admitir a falta de prática com a bola, depois de participar de um jogo de escritores no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, ao fim da Feira do Livro

“Não temos histórias novas há muito tempo. Todas as histórias foram escritas no tempo dos xamãs e das lendas que eram contadas ao pé do fogo. E essas estruturas narrativas são as que a gente usa até hoje.”

WALCYR CARRASCO, dramaturgo e colunista de VEJA, na Bienal do Livro, no Rio

“Me desenterraram, estou feliz da vida.”

TONY TORNADO, 95 anos, estrela de *Êta Mundo Melhor!*, nova novela das 6, escrita por Carrasco

“Sabe quando você sente aquela energia de confusão? E eu sou tão maluca que eu vou te dizer: estou tão cansada de homem hétero branco privilegiado que eu, vou confessar, fiquei pensando em várias coisas que ele poderia fazer e o que eu faria.”

LUANA PIOVANI, ao revelar a discussão com um senhor que a abordou com os filhos gêmeos, de 10 anos, durante um voo. Ele pedia menos agitação dos meninos



INSTAGRAM @LUAPIO



FERNANDO SCHÜLER

AS SOMBRAS DA IA

VEM CAUSANDO frisson o estudo divulgado pelo MIT dando conta de uma "atrofia cognitiva" ligada ao uso da inteligência artificial (IA). O experimento comparou três grupos escrevendo redações. Um dos grupos usava o ChatGPT; outro pesquisava no Google; e o terceiro usava apenas a própria cabeça. Ao final de três rodadas, a turma que usou IA apresentou uma "atividade cerebral significativamente menor de memória, cognição e criatividade", comparada às demais. A IA era conveniente no curto prazo, mas a um alto custo cognitivo. De um observador, li a frase: "O cérebro é como um músculo. Ou você usa, ou você perde". O estudo é preliminar, mas o sinal é claro: abusar da IA quando se deveria estar treinando o cérebro para criar coisas e pensar criticamente pode ser desastroso. Me lembrei de quando peço aos alunos para ler Dostoiévski. Ler as 600 páginas de *Crime e Castigo* pode não ter utilidade. E quando peço um artigo a respeito, ou um retrato psíquico de Raskólnikov, isso pode ser obtido em alguns segundos no ChatGPT. Se alguém fizer isso, terá economizado um bom tempo de leitura. Mas terá perdido um universo de sutilezas e imaginação humana.

O estudo do MIT vai em linha com o declínio recente nos testes de QI. Até o final do século passado funcionava o "efeito Flynn". A cada geração, havia algum avanço cognitivo. Até a reversão, nos anos 1990. Muita gente associa isso ao "efeito Google", ao fato de "terceirizarmos" parte de nossa memória e esforço cognitivo. Parece lógico. Ainda me lembro quando estudava em Barcelona, meados dos 1990, e o professor nos explicava sobre o buscador AltaVista. Não existia Google ainda, mas na hora compreendi que ia ficando para trás o mundo de enciclopédias e bibliotecas no qual havia sido criado. Um mundo lento e trabalhoso, ainda que sedutor, trocado por um universo instantâneo. E incrivelmente mais fácil, ainda que carente de cheiros e mistérios. Trinta anos depois, a IA dobra a aposta. Nos entrega uma carga de facilidade de uma outra ordem: em vez de informação, traz junto a inteligência. Aquilo que até então era nosso traço distintivo, como espécie, e não é mais.



ROBÔ A série *Cassandra:* se é para prever o futuro, melhor a ficção científica

O estudo do MIT é realista. Nada a ver com a onda de catastrofismo que acompanha o nascimento da IA. E que acompanhou toda revolução tecnológica. Diria que seu campeão, por estes tempos, é Yuval Harari. Seu ponto: "Não provoque uma tecnologia que você não pode controlar". Soa falso. Qual seria a tecnologia que, no seu início, não pareceria um tanto fora de controle? Não foi assim com os aviões, quando Santos Dumont ou os irmãos Wright faziam seus primeiros voos? Harari diz que a IA pode "lançar ataques nucleares, sintetizar um novo vírus mortal ou gerar uma onda de notícias falsas, humanos falsos, fazendo com que pessoas percam a confiança em qualquer coisa". Talvez tudo isso de fato aconteça. O bom das previsões longas é que ninguém cobrará nada se coisa nenhuma acontecer. Por isso tenho preferido o cinema e a ficção científica. Um filme como *M3GAN*, por exemplo. Que tal uma boneca high-tech, criada para cuidar de uma menina, mas que em algum momento ganha vida própria e se torna uma espécie de Chucky versão wi-fi? A mais recente a que assisti foi a série *Cassandra*, do diretor alemão Benjamin Gutsche. Neste caso, o robô é a governanta da casa, há uma história sinistra no passado, ela acaba saindo do controle (como de hábito) e passa a infernizar a vida dos moradores. Seria como mísseis americanos lançados contra o Irã aderirem ao antissionismo,

Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

por conta própria, e explodirem em Tel Aviv. O catastrofismo em torno da IA é uma indústria.

Há riscos mais amenos. Bill Gates sugeriu que em coisa de dez anos profissões como médicos e professores serão tomadas pela IA. Não acho isso. Mas e se for? Se os robôs funcionarem melhor que os médicos e professores de verdade, valendo o mesmo para terapeutas e aeromoças, merecem os empregos. Cocheiros eram imprescindíveis, até inventarem os automóveis. Depois desapareceram. Aprenderam a dirigir ou vender bilhetes no cinema. O mesmo com datilógrafos e donos de videolocadoras, nos anos 1990. Ainda agora os chineses lançaram o primeiro hospital 100% comandado por IA, ainda experimental. Ele consegue atender em poucos dias o que hoje levaríamos dois anos para fazer. Por que isso não se generalizaria, logo ali adiante? É a condição do progresso. Nós, humanos, só continuaremos fazendo, ao menos em grande escala, o que as máquinas não aprenderem a fazer. Penso nisso quando peço um delivery, lá em casa, e vejo o rapaz chegando de moto com a comida. Alguém acha que ele não teria nada melhor para fazer do que andar de moto com uma pizza na garupa, nas madrugadas de São Paulo? O trabalho humano será cada vez mais um exercício de sofisticação e exotismo. Tipo andar de charrete ao redor do Central Park e pagar caro. No mais, a tecnologia sempre é assim: destrói empregos que se tornam arcaicos e cria novos. Ótimo. Sinal de que andamos para frente e não para trás, para desalento de muita gente.

Ninguém freará o avanço tecnológico. O ludismo vandalizou as máquinas malditas, em Manchester ou Yorkshire, no início do século XIX. E sumiu. Em março de 2023, uma penca de cientistas e empreendedores, incluindo Elon Musk e o próprio Harari, lançaram uma carta pedindo que "os laboratórios suspendam durante pelo menos seis meses o treino de IA", até que se tivesse alguma clareza sobre riscos e regras de segurança. A carta caprichava no tom dramático, mas ninguém deu bola. Nem mesmo os signatários. A IA não funciona como a energia nuclear, que supõe investimento e regulação pesada. Sua expansão é caótica e descentralizada. E quem piscar o olho, como nos ensina o velho jogo do dilema do prisioneiro, vai para o inferno dos sem mercado. De minha parte, fico com os otimistas. Quando os automóveis foram inventados, na Inglaterra, o Parlamento aprovou os Red Flag Acts, que obrigavam alguém a andar na frente dos carros com uma bandeirinha vermelha, para evitar acidente. Durou trinta anos e desapareceu. É compreensível o drama em torno da IA. Mas o que vale a pena mesmo, na vida de cada um, é prestar atenção ao alerta do MIT. A tecnologia é ótima quando expande nosso repertório intelectual, traz informação e novos ângulos para observar o mundo. Mas é péssima se substitui o senso crítico. É triste observar provas e trabalhos inteiros, nas escolas, feitos com aplicativos de IA. Isso não apenas destrói o prazer do exercício criativo, mas impede que se treine o "músculo" da cognição humana. E isso é desastroso. E quem sabe seja esta a verdadeira Cassandra, a nos assombrar, silenciosamente. Em um mundo no qual avança a IA, não deveríamos deixar que nossa inteligência natural caminhe na direção inversa. ■

"Nós, humanos, faremos o que as máquinas não aprenderem a fazer"

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

ZOHRAN MAMDANI
O muçulmano e socialista de 33 anos venceu o ex-governador Andrew Cuomo, 67, na primária democrata à prefeitura de Nova York, o que foi visto como um triunfo da ala jovem e à esquerda sobre a velha guarda do partido.

LASAI
O restaurante carioca, do chef Rafa Costa e Silva, é o único brasileiro na edição deste ano do prestigiado ranking *The World's 50 Best Restaurants* – é o 28º.

QATAR AIRWAYS
A companhia aérea sediada em Doha foi eleita pela nona vez a melhor do mundo na premiação Skytrax World Airline Awards.

DESCE

GUSTAVO PETRO
O presidente esquerdista da Colômbia foi acusado na Justiça de assédio e incitação ao ódio nas redes pela família de Miguel Uribe Turbay, um pré-candidato da oposição baleado em comício.

JOHN TEXTOR
O americano que é dono do Botafogo-RJ viu um de seus clubes, o Olympique de Lyon, ser rebaixado à segunda divisão francesa por falta de garantias financeiras.

ERIKA HILTON
A deputada federal do PSOL mereceu críticas por ter incluído seus dois maquiadores na folha de pagamento do gabinete.

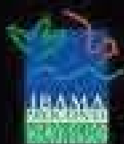
FIAT

Fiat
Pulse



Você gasta menos.
Você gosta mais.

Fiat Pulse, o SUV com o menor custo de uso
do Brasil pela revista Quatro Rodas.



DESACELERE. SEU BEM MAIOR É A VIDA.





FIAT PULSE DRIVE 1.3

O cerco se fecha

A PF chegou, nesta semana, ao coração financeiro do esquema de venda de decisões judiciais investigado pelo ministro **Cristiano Zanin,** no STF. O empresário Diego Cavalcante admitiu atuar como doleiro, lavando dinheiro da engrenagem, a mando do lobista Andreson Gonçalves. Os dois estão presos e guardam segredos que podem desmontar uma organização de corrupção envolvendo assessores, escritórios de parentes de magistrados e os próprios integrantes de tribunais.

Modus operandi

Segundo a PF, o esquema funcionava assim: Andreson cobrava valores milionários de "clientes" interessados em "resolver" casos na Justiça. O montante entrava na lavanderia do doleiro, que tirava sua comissão e sacava o restante. Os pacotes de dinheiro eram entregues a Andreson e a um motorista dele, que faziam o delivery da propina.

Vai piorar

A PF vai pedir a quebra de sigilo do doleiro para atestar quanto dinheiro girou no esquema e listar os beneficiários das propinas no meio jurídico.

Termina quando acaba

A poucos meses de deixar a presidência do STF, Luís Roberto Barroso vai manter a pauta da Corte aquecida até o fim. Só julgamentos importantes.

Motivo de orgulho

Barroso diz que sua maior obra na chefia do Judiciário foi criar o Exame Nacional da Magistratura, que já tem 15 000 aprovados no país: "É um filtro nacional que vai mudar o padrão de qualidade do Judiciário, valorizar a vocação para a magistratura", diz.



TON MOLINA/STF

ALVO Zanin: apuração sobre corrupção no Judiciário acha o doleiro do esquema

Perigo afastado

Apesar do susto provocado pelas anotações encontradas pela PF sobre a existência de um grupo de extermínio de políticos e magistrados, tudo não passou de conversa de aloprados. Nada concreto foi descoberto até agora. Ainda bem.

Dois pesos...

O MPF decidiu recentemente investigar por "crime de injúria" um usuário da rede X que chamou o senador Humberto Costa (PT-PE) de "ladrão".

...e duas medidas

Em outro caso recente, o mesmo MPF rejeitou investigar um vereador de Santa Catarina que chamou Lula de "ladrão". Para o MPF, investigar o político "configuraria censura aos direitos e garantias de liberdade de expressão". Não vai ser fácil padronizar essas decisões na regulação das redes.

A culpa é dele

Um levantamento do instituto Paraná Pesquisas com 2 020 eleitores de todo o país, entre os dias 18 e 22 de junho, mostra que 90% dos brasileiros conhecem o escândalo do INSS. Neste universo, a maioria dos entrevistados diz que Lula é o culpado pelas fraudes.

Nem picanha, nem cerveja

O Paraná Pesquisas também questiona os eleitores sobre a economia. Para 71,4% dos brasileiros, os preços aumentaram no supermercado desde que Lula voltou ao Planalto. Para 50% deles, a picanha está mais cara com Lula — que prometeu ainda uma cervejinha — que nos tempos de Bolsonaro.

Silêncio inédito

Ninguém sabe ao certo quanto tempo vai durar, mas Janja completou, nesta semana, um mês sem causar polêmicas no governo do marido.

Com reportagem de Marcelo Ribeiro, Nicholas Shores e Pedro Pupulim

Tarde demais

Antevendo a derrota de Lula no IOF, Fernando Haddad ligou pessoalmente a líderes da Câmara para pedir que a votação fosse adiada. Nada feito.

A briga não é com você

Um líder disse a Haddad que a derrota não era "culpa" da Fazenda, mas sim obra do trio do PT que descumpre acordos no governo: Rui Costa, Miriam Belchior e Esther Dweck.

A "solução" ideal

Um líder da Câmara explica como Lula poderia pacificar sua relação com o Congresso: "Demite o Rui Costa e coloca o Ciro Nogueira na Casa Civil".

Quem produz agradece

Presidente da CNI, **Ricardo Alban** elogia a derrubada do decreto do IOF no Parlamento. "A atuação do Congresso Nacional mostra responsabilidade e amadurecimento. A Câmara e o Senado cumpriram seu papel", diz.



IANO ANDRADE/CNI

INDÚSTRIA Alban: queda do decreto do IOF agradou ao setor produtivo

Inglês para poucos

A Ancine decidiu gastar 110 000 reais para bancar um curso on-line de inglês a três servidores da cúpula da agência. Cortar gasto, que é bom, nada.

Arsenal reforçado

O Ibama vai gastar 178 000 reais em novos fuzis para reforçar o combate ao crime organizado na Amazônia.

Depois do vendaval

A Paper Excellence vai definir, nos próximos dias, se fará novos investimentos no Brasil, após encerrar a batalha da Eldorado Celulose.

Aliança contra o crime

A Polícia Federal fechou um acordo de cooperação de até seis anos com o governo da França para combater o garimpo ilegal de ouro na Amazônia.

Carta-bomba

Os Correios viraram alvo de um novo inquérito, agora no Ministério Público do Trabalho, por denúncias de assédio na cúpula da estatal. Coisa feia.

Follow the money

O MPF acaba de abrir três inquéritos para investigar o destino final de emendas parlamentares enviadas a três cidades na Bahia. O órgão cita o deputado petista Valmir Assunção.

Licitação suspeita

O TCU suspendeu uma licitação de 50 milhões de reais da gestão petista de Fátima Bezerra no RN. A fortuna seria gasta, via FNDE, no aluguel de 21 000 Chromebooks para a rede estadual de ensino potiguar. A corte identificou sobrepreço de 4,6 milhões no negócio.



ARYANNE ALMEIDA

UM ALERTA Fafá: "Amazônia é centro de soluções reais para o planeta"

Cartel do uniforme

O MPF investiga se empresas têxteis de Santa Catarina formaram um cartel para fraudar licitações de materiais escolares no estado. Coisa grande.

A voz da floresta

Fafá de Belém vai participar, no próximo dia 7, do sarau "Ciência e Vozes da Amazônia", em Lisboa, e diz que levará na bagagem as lutas da floresta: "A Amazônia não pode continuar sendo tratada como um tema distante. Ela é centro de vida, de cultura, de soluções reais para o planeta. Estar em Lisboa é fazer valer uma voz de lutas", diz. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.



LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

Metrô no Aeroporto

N01

- 8 NOVAS ESTAÇÕES
- 14 NOVOS TRENS
- INTEGRAÇÃO COM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

O Metrô vai chegar a Congonhas e a Guarulhos, e o crescimento do turismo vem junto.

A conexão que faltava

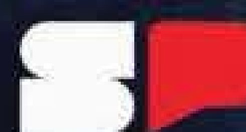


É o Metrô fazendo
o que tem que ser feito.

Há mais de 50 anos, o Metrô faz história e, agora, vai fazer o futuro do turismo em São Paulo. Com o projeto de expansão, que inclui a nova Linha 17-Ouro, o Metrô chegará ao aeroporto de Congonhas e, junto com as Linhas 5-Lilás e 9-Esmeralda, vai integrar toda a cidade, inclusive com o aeroporto de Guarulhos. É mais mobilidade para milhões de turistas que vão movimentar a economia.



Secretaria dos
Transportes Metropolitanos



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

IMPASSE POLÍTICO

Embates entre congressistas e governo, como no caso do IOF, ocorrem mais por interesses corporativos e eleitorais — e menos em torno do mérito das pautas que são fundamentais ao país

DANIEL PEREIRA

Com a autoconfiança que lhe é peculiar, o presidente Lula achou que conseguiria aprovar a agenda do governo no Congresso costurando acordos por cima, com os comandantes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). Apesar da fama de infalível dentro do PT, ele errou no diagnóstico. Hoje, a balança de poder entre Executivo e Legislativo não é a mesma de seus dois mandatos anteriores. Deputados e senadores não ficam mais de pires na mão atrás do Palácio do Planalto, controlam uma fatia de 50 bilhões de reais do Orçamento, nem sempre priorizam o debate de projetos e, muitas vezes, preferem atuar na arena das redes sociais. Um Parlamento mais independente em relação ao governante de turno tem mais condições de conter tentações autoritárias ou malabarismos econômicos — e pode ser, portanto, benéfico para o país. Não foi o que ocorreu no primeiro semestre deste ano, quando os congressistas apostaram em pautas corporativistas, contemplaram lobbies poderosos e deixaram em segundo plano propostas de interesse do país.

Apesar de pesquisas de opinião e analistas apontarem como desafios urgentes temas como segurança pública, equilíbrio das contas públicas e o encarecimento do custo de vida, nada mobiliza tanto deputados e senadores como as emendas parlamentares, dinheiro que eles reservam na lei orçamentária para seus redutos eleitorais. A lógica é conhecida. Se as verbas são liberadas, projetos do governo tramitam. Caso contrário, são travados ou rejeitados. O fluxo de caixa às vezes é tão ou mais importante do que o mérito das propostas na definição do destino de assuntos relevantes. É o que está ocorrendo na novela em torno do decreto que aumentou o imposto sobre operações financeiras (IOF), que enfrentou a oposição de setores econômicos e da cúpula do Congresso desde a sua edição. Diante da resistência anunciada, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, combinou com Motta e Alcolumbre, numa reunião da qual também participaram líderes de partidos, que o governo substituiria o decreto por outras medidas compensatórias. O acerto parecia tão bem encaminhado que Motta classificou de "histórico" o encontro entre congres-



CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

OBSTÁCULO Alcolumbre, Lula e Motta: ninguém quer abrir mão de nada em nome de algo maior




BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

MAIS CADEIRAS Câmara: projeto ampliou para 531 o número de deputados

sistas e integrantes do governo, mas a aparente harmonia não durou muito.

Uma semana após a reunião, a Câmara aprovou por ampla margem um requerimento que pedia urgência para a análise de proposta que derrubava o decreto do IOF. Foi a forma encontrada por Motta de atender aos apelos dos colegas e pressionar o governo a acelerar o desembolso das emendas do Orçamento de 2025. Derrotado na preliminar, o governo correu para tentar apagar o incêndio, acelerou a liberação dos recursos e acreditou ter conseguido duas semanas para encontrar uma alternativa. O prazo se encerraria no próximo dia 30. Na terça-feira 24, no entanto, Motta anunciou que a questão seria colocada em votação no dia seguinte. O decreto acabou rejeitado por 383 a 98. Para justificar a decisão, parlamentares entoaram um discurso em defesa da austeridade e alegaram que o governo precisa fazer o dever de casa e cortar gastos, já que a sociedade não aguentaria uma nova ampliação da carga tributária. O argumento é pertinente, mas não revela por completo as razões dos deputados.

A derrubada do decreto foi antecipada como forma de avisar que a Câmara não aceita que o pagamento de emendas individuais deixe de ser obrigatório, como acontece há dez anos. A possibilidade de o caráter impositivo acabar seria debatida na sexta-feira 27 entre o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Flávio Dino, relator de uma ação sobre o assunto, e representantes do Legislativo. Desde o início do terceiro mandato de Lula, Dino tem tomado decisões para tornar as emendas mais transparentes. Para os parlamentares, o ministro age em conluio com o governo com o objetivo de reduzir o poder do Congresso. Foi por isso que deputados e senadores, num gesto de revide, atrasaram a votação do Orçamento deste ano, aprovado apenas em março.

Enquanto cobrava corte de gastos pelo Executivo, a Câmara propôs um projeto para permitir que os parlamentares acumulem aposentadorias como congressistas com o salário recebido pelo exercício do mandato. A Casa também aprovou um projeto que aumenta o número de deputados de 513 para 531, a um custo de 65 milhões de reais por ano, sem considerar o impacto de eventual efeito cascata nas assembleias legislativas. Essa votação foi uma resposta à decisão do STF que determinou ao Congresso redistribuir as 513 cadeiras da Câmara de acordo com os dados populacionais do censo de 2022 do IBGE. Como na redistribuição alguns estados passariam a ter menos deputados e outros mais, num jogo de soma zero, decidiu-se pelo caminho mais fácil politicamente e mais oneroso ao contribuinte — que, obviamente, não apoia a iniciativa. Pesquisa Datafolha mostrou que 76% dos entrevistados são contra o aumento do número de deputados. Mesmo assim, o projeto também foi aprovado na noite da última quarta-feira pelo Senado, que incluiu uma regra dizendo que não haverá aumento de despesa. A conferir.

O cardápio corporativista conta com mais um item. Em sessão realizada no último dia 17, deputados e senadores mudaram o percentual de reajuste do fundo partidário, que consome mais de 1 bilhão de reais por ano, adotando, obviamente, um índice maior de correção. Na mesma ocasião, houve ainda uma cortesia bilionária com o chapéu alheio. Os parlamentares derrubaram vetos do presidente Lula a "jabutis" inseridos no marco das eóli-



BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

SEM PRESSA CPI do INSS: investigação só vai começar no segundo semestre

APRESENTADO POR GOVERNO DO PARÁ POR TODO O PARÁ

GOVERNO DO PARÁ REALIZA A PRIMEIRA COLÔNIA DE FÉRIAS PÚBLICA DO BRASIL

Principal sede da COP30, Parque da Cidade será aberto ao público e vai receber atividades gratuitas de cultura, lazer e educação ambiental

Um dos principais legados urbanos da COP 30 começa a ser vivido pela população de Belém antes mesmo da conferência climática começar. No dia 27 de junho, o Governo do Pará abre as portas do Parque da Cidade para a população como espaço de lazer, cultura, esporte e educação ambiental. O local, que será a principal sede da conferência das Nações Unidas sobre mudanças climáticas, recebe a primeira colônia de férias pública e gratuita do Brasil, que ocupará o parque com atividades para crianças, adolescentes e idosos durante todo o mês de julho.

"Será uma oportunidade para a população conhecer o que está concluído no equipamento público. Antes de ser disponibilizado à ONU, em 1º de agosto, vamos oferecer à comunidade um parque urbano com programação intensa, fomentando a ocupação saudável e democrática desse novo espaço", reforça o governador Helder Barbalho.

500 MIL M² DE ÁREA VERDE

A infraestrutura inclui skatepark com padrão olímpico, quadra de tênis, campos de futebol society, quadras poliesportivas coberta e ao ar livre, quadras de areia, academia a céu aberto, mesas de pingue-pongue (tênis de mesa), playgrounds com escalada e com esguichos d'água, ecotrilha, pistas de corrida e caminhada, ciclovia, balanços para adultos e crianças, além de estacionamento, banheiros e pontos de hidratação.

Tudo estará disponível gratuitamente à população com uma programação que vai das 8h às 22h, com entrada até às 21h30, nos dias úteis, e livre acesso nos fins de semana.

Promovida pelo Governo do Estado, a colônia reúne ações integradas entre as Secretarias de Esporte e Lazer (Seel) e de Cultura (Secult). A Seel irá disponibilizar equipes de professores de segunda a sexta-feira para ministrar atividades recreativas e esportivas gratuitas, como voleibol, futebol, tênis, skate, escalada, circuito motor, basquete, handebol, gincanas, caça ao tesouro, brincadeiras populares, aulões de ginástica, além de palestras breves sobre saúde, meio ambiente, cidadania e alimentação saudável. A Secult ofertará uma programação com espetáculos teatrais, shows, contação de histórias, batalhas de hip hop e rodas de capoeira.

"O Parque da Cidade é um ambiente familiar, pronto para receber os paraenses. Os equipamentos já estão funcionando e preparados para receber os visitantes, principalmente as crianças que estarão de férias. É um excelente espaço para praticar esportes, brincar e aproveitar momentos em família", diz a vice-governadora do Estado, Hana Ghassan.

As inscrições on-line para a 1ª Colônia de Férias Pública no Parque da Cidade, em Belém, encerraram-se nesta segunda-feira (23) com 8.412 inscritos, entre crianças, adolescentes e idosos. A partir do dia 28, as inscrições presenciais estarão disponíveis diretamente com os monitores da Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (Seel), que estarão nas áreas esportivas com fichas cadastrais para receber novos participantes.

Aos fins de semana, a entrada será livre, sem necessidade de cadastro.

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

cas em alto-mar. A decisão beneficiou empresários do setor de energia e resultará em quase 200 bilhões de reais em custos acrescidos à conta de luz até 2050. A fatura será paga pelo consumidor. Na primeira metade do mandato de Lula, o Congresso aprovou medidas de ajuste fiscal, inclusive novos impostos, e a reforma tributária. Agora, defende correções pelo lado da contenção das despesas. Motta disse recentemente que o governo não pode sair gastando a rodo e depois pedir que o Legislativo assuma o volante e corrija o rumo. Ele tem razão, mas também esgrime o argumento como forma de se eximir de certas responsabilidades.


TON MOLINA/STF

ATRASO Dino: Orçamento aprovado apenas em março em revide ao ministro

O Congresso tem poder de sobra para ajudar o país, mas muitas vezes prefere entoar discursos eloquentes a analisar projetos estruturantes. Quando ainda era presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) declarou que tentaria tirar do papel a reforma administrativa, considerada fundamental para conter a expansão da dívida pública. Não conseguiu. Quando chefiava o Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) discursou em defesa do projeto que limita os supersalários, mas nada foi feito. As duas propostas estão em banho-maria. No caso dos incentivos fiscais, os parlamentares quase sempre mostram empenho para defendê-los. Foi assim na regulamentação da reforma tributária, repleta de benefícios para setores com lobby poderoso. “A situação do país é grave e é preciso ter responsabilidade. Ninguém quer abrir mão de nada. Quem está ganhando acima do teto quer continuar ganhando. O parlamentar não quer corte de emenda. O governo não quer discutir determinado assunto porque desagrada a sua base”, reconheceu Motta.

Atualmente, tramitam na Câmara a PEC da Segurança Pública e o projeto que garante isenção de imposto de renda para quem ganha até 5 000 reais. Em vez de serem debatidos no mérito, os textos se tornaram motivo de embate eleitoral entre governistas e oposicionistas e não avançaram até agora. A disputa eleitoral também deve contaminar a CPI criada para investigar o roubo de aposentados do INSS, que já teve seu requerimento de instalação lido, mas só começará a funcionar no segundo semestre. A lista de projetos é extensa, mas tem sido deixada de lado, em alguns casos, por causa de interesses menores. A Câmara, por exemplo, gastou energia para encaminhar a cassação do deputado Glauber Braga (PSOL-RJ), que agrediu um manifestante do Movimento Brasil Livre (MBL), mas está sendo punido com a sanção mais grave possível porque faz forte oposição ao Centrão. Já o Senado segura a votação de indicações para agências reguladoras porque o senador Davi Alcolumbre quer trocar alguns dos nomes escolhidos pelo governo por opções apadrinhadas por ele ou por outros senadores.


KAYO MAGALHÃES/AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS

RETALIAÇÃO Braga: deputado diz que processo tem motivação política

Em meio aos embates, Hugo Motta, tido por muitos colegas como um político moderado e hábil, enfrenta agora o primeiro grande teste de tensão em seu mandato. Ele passou a receber críticas até por uma questão menor, quando circulou nas redes sociais no último fim de semana um vídeo em que aparece bebendo um gole de uísque direto da garrafa durante uma festa junina, no interior da Paraíba, patrocinada pelo governo federal. Na verdade, pouco importa esse tipo de coisa, ainda mais quando ocorre fora do ambiente das sessões. O fundamental é que os congressistas canalizem seu poder e energia na direção do que importa para o país. Infelizmente, o impasse entre Legislativo e Executivo ocorre hoje mais por interesses corporativos e eleitorais e menos em torno do mérito das pautas urgentes e fundamentais. ■



BRDE. Parceria com quem transforma.

O BRDE é o maior banco de desenvolvimento da Região Sul do Brasil. Há 64 anos, fazemos da nossa parceria o caminho para que cada projeto se torne a base de grandes transformações sociais e econômicas, sempre com o viés da sustentabilidade e da inovação. Do campo à cidade, da energia limpa à tecnologia, estamos ao lado de pequenos, médios e grandes empreendedores. Porque acreditamos que parceria de verdade é aquela que melhora a vida de todos.






64 ANOS

Saiba mais em
brde.com.br



CRÉDITO
PARA INOVAR
E DESENVOLVER.

ezcuzé



JUCIMAR DE SOUSA/FOTOARENA

SOLUÇOS Bolsonaro: o ex-presidente, que já passou por várias cirurgias, diz que tem vomitado "dez vezes por dia"

FUTURO EM DISCUSSÃO

Com o processo no STF perto do final, autoridades em Brasília especulam sobre os prós e contras do tipo de pena a ser aplicado a Bolsonaro em caso de condenação **LARYSSA BORGES**

PELO CRONOGRAMA traçado, o julgamento de Jair Bolsonaro e de outros sete réus acusados de tentativa de golpe de Estado deve ser concluído entre agosto e setembro. Em Brasília, não há muita margem para dúvidas sobre o veredicto que será anunciado pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O ex-presidente pode ser condenado a até quarenta anos de prisão. No pior dos cenários, passará pouco mais de seis anos — o equivalente a um sexto da pena — cumprindo a sentença em regime fechado. Diante dessa perspectiva, muito se especula sobre o local onde ele ficará detido. Há algumas opções em avaliação. Pode ser na Papuda, a famosa penitenciária do Distrito Federal que recebeu os condenados do mensalão. Pode ser nas dependências da Polícia Federal, como já aconteceu com o presidente Lula em 2018. E pode ser em uma unidade militar do Exército. A decisão caberá ao ministro Alexandre de Moraes, relator do processo, que ainda pode optar por uma quarta alternativa: a prisão domiciliar. Nesse caso, Bolsonaro cumpriria a primeira etapa da pena em casa, usando tornozeleira eletrônica e impedido de manter qualquer tipo de contato com outras pessoas, à exceção da mulher, dos filhos e dos advogados — hipótese que tem sido discutida em conversas reservadas de ministros do STF e altos funcionários do governo.

Com um histórico de cirurgias desde que teve o intestino perfurado por uma facada que sofreu na campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro, por questões de saúde, já é um forte candidato a receber o direito de transformar em carceragem a residência em que vive,



PABLO DE LUCA/FOTOARENA



REPRODUÇÃO

PRECEDENTE Collor: condenado a dez anos de prisão por corrupção, o ex-presidente, portador da doença de Parkinson, foi autorizado a cumprir a pena em seu apartamento em Maceió

em um condomínio de classe média alta em Brasília. Foram duas intervenções cirúrgicas no ano do atentado, duas em 2019 e outras três entre 2020 e abril passado para desobstruir o trato intestinal, eliminar hérnias e aderências e reconstruir a parede do intestino. No último dia 19, durante um evento em Goiás, o ex-presidente sentiu tremores, teve a fala interrompida por uma sequência de soluços e se desculpou. "Estou muito mal. Vomito dez vezes por dia", disse ele, antes de ser encaminhado a um hospital para fazer novos exames. Pelo lado jurídico, também há precedentes que podem favorecer o capitão. No mês passado, por exemplo, o ministro Alexandre de Moraes autorizou que o ex-presidente Fernando Collor de Mello, portador da doença de Parkinson, cumprisse os mais de dez anos de cadeia a que foi condenado na Lava-Jato em seu apartamento em uma praia de Maceió.

Em uma eventual condenação, caberia aos advogados de Bolsonaro a iniciativa de solicitar ao STF a prisão domiciliar. Invocar o privilégio, porém, vai embutir alguns cálculos políticos. O ex-presidente insiste em repetir publicamente que é vítima de uma ditadura do Judiciário. Como se sabe, ainda que esteja inelegível, ele se apresenta como candidato à Presidência da República em 2026. Trancafiado numa penitenciária, o discurso de que é alvo de perseguição, de uma conspirata para impedir que ele retorne ao poder, ganharia força e manteria seus aliados mais fiéis em estado de alerta. Com ele preso em casa, essa narrativa pode perder tração. Além do uso de tornozeleira eletrônica, Bolsonaro estará proibido de utilizar redes sociais, uma das armas preferidas da direita para campanhas políticas, não poderá se comunicar com outros condenados, ficará impedido de conceder qualquer tipo de entrevista e tampouco poderá receber visitas que não sejam de seus familiares. Isolado e incomunicável, estaria em condições similares ao regime fechado comum, com a agravante de que a solicitação do privilégio poderia ser interpretada como sinal de fraqueza, fim de linha ou mesmo confissão de culpa.

Réu por crimes como tentativa de abolição do Estado democrático, organização criminosa armada e golpe, Bolsonaro é apontado como artífice de um plano para reverter o resultado das eleições de 2022, intervir na Justiça Eleitoral e até eliminar adversários políticos. Conforme o veredicto, ele terá direito a apresentar recursos para questionar, por exemplo, o tamanho da pena ou esclarecer eventuais omissões na sentença. O STF montou um calendário para encerrar o processo até o fim do ano e, dessa forma, evitar que o julgamento coincida com o início da disputa presidencial de 2026, impedindo a politização do caso. Na terça-feira 24, na fase final de produção de provas, o STF realizou duas


CRISTIANO MARIZ

ALERTA Papuda: reforço à narrativa de "mártir"



acareações com acusados de integrar a trama golpista. Frente a frente com o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro que fez acordo de delação premiada, o general Walter Braga Netto, apontado como um dos líderes da sublevação, negou ter dado dinheiro para custear manifestações pró-golpe ou ter sediado em sua casa uma reunião para discutir a trama. Em outra acareação, o então comandante do Exército, general Freire Gomes, afirmou que a minuta de golpe apresentada em uma reunião com o ex-presidente Bolsonaro era "semelhante" a uma versão encontrada na casa do ex-ministro da Justiça Anderson Torres, acusado de ser um dos responsáveis por dar embasamento jurídico a ações extremadas. Nenhum deles alterou o teor das declarações anteriores.

A principal aposta da defesa de Bolsonaro e dos outros réus que compõem o núcleo central da tentativa de golpe é desacreditar o acordo de delação premiada de Cid, que, conforme revelaram reportagens de VEJA, usou clandestinamente o perfil @gabrielar702 para discutir detalhes dos depoimentos prestados à Polícia Federal, o que é proibido. O tenente-coronel negou que tivesse burlado as regras da colaboração. Porém, a Meta, empresa responsável pelo Instagram, confirmou ao STF que o tal perfil está vinculado a um e-mail em nome do militar. Na quarta-feira 25, surgiu uma novidade com potencial de embolar ainda mais o caso. Cid informou ao Supremo que os advogados Fabio Wajngarten e Paulo Cunha Bueno, ambos defensores de Bolsonaro, tentaram obter com familiares dele detalhes sobre a colaboração, o que seria ilegal e pode ser enquadrado como tentativa de obstrução da Justiça. Moraes deu ordens para que ambos sejam ouvidos nos próximos dias. Nas redes sociais, Wajngarten disse que recebeu com tranquilidade a convocação, para criticar em seguida a medida: "A criminalização da advocacia é a cortina de fumaça para tentar ocultar a expressa falta de voluntariedade do réu delator Mauro Cid e a consequente nulidade da colaboração".

A despeito dos esforços de sua defesa, o ex-presidente, ciente de que o torniquete está cada vez mais apertado, convidou seus seguidores para mais uma manifestação pública de apoio a ele no domingo 29, em São Paulo. Durante as investigações do caso, o Comando Militar do Planalto chegou a preparar uma sala para receber o ex-presidente, diante dos rumores que circulavam sobre a possibilidade de uma prisão preventiva. A avaliação hoje é a de que a presença do ex-mandatário em um ambiente amplamente simpático a ele poderia galvanizar dis-


REPRODUÇÃO

RECEIO Exército: prisão em unidade militar pode gerar novos acampamentos


ROSINEI COUTINHO/STF

PROCESSO Acareação: réus foram colocados frente a frente para esclarecer divergências

cursos enviesados contra o Judiciário, anuir com a formação de novos acampamentos de apoiadores e voltar a manter o país sob tensão. "Alexandre de Moraes seria muito ingênuo se autorizasse a prisão de Bolsonaro em uma unidade militar", resume um integrante do governo com acesso aos ministros do Supremo. A outra hipótese, a Papuda, também é considerada inquietante. Na penitenciária, Bolsonaro reforçaria a imagem de "mártir", além de existir risco real de algum tipo de atentado ou de ter o estado de saúde agravado. "Imagina se ele morre na prisão", pondera o mesmo assessor. Por isso, segundo ele, a prisão domiciliar pode ser uma boa alternativa. Faltando pouco para o fim do processo, Alexandre de Moraes autorizou recentemente sete condenados pelos ataques do 8 de Janeiro a cumprirem suas penas em casa. Indagado a respeito dessas especulações, o ex-presidente foi enfático: "Não tem preparação para nada *(de prisão)*. Não tem nem por que me condenar". Falta combinar isso com o STF. ■



MURILLO DE ARAGÃO

IRMÃOS SIAMESES

Lula e Bolsonaro dependem um do outro para existir

O GOVERNO LULA parece trabalhar diariamente para dificultar a própria reeleição em 2026. A sequência de equívocos, recuos e declarações desastradas vem marcando negativamente a administração e criando uma imagem de instabilidade e insegurança política. Outro fator agravante é a centralidade dada à primeira-dama, Janja da Silva, cuja influência crescente faz com que ela seja percebida como uma espécie de eminência parda no Planalto. Essa dinâmica, somada às rusgas com o Congresso e à falta de arbitragem presidencial nas tensões entre a equipe econômica, demais ministros e a Casa Civil, agrava as disputas internas e torna o ambiente decisório mais conflituoso e improdutivo.

Apesar da sua inapetência para governar, o presidente Lula (PT) ainda possui três vantagens competitivas para as eleições de 2026. A primeira é o fato de deter a máquina pública, cujo poder pode ser decisivo em uma disputa apertada. Em segundo lugar, Lula tem uma reconhecida habilidade como candidato. Sua vasta experiência em palanques e na criação de narrativas ambíguas mostra que ele é mais eficaz conquistando votos do que administrando o país. A terceira vantagem reside na própria figura de Jair Bolsonaro (PL) — as constantes declarações inconvenientes e suas polêmicas transformam o ex-presidente no mais eficiente cabo eleitoral de Lula.

> "Os dois líderes se tornaram reféns da polarização que eles mesmos criaram"

Bolsonaro obstruiu o debate sobre a candidatura única da oposição, querendo reter o poder de abençoar um candidato escolhido por ele. O ex-presidente, por sua vez, depende profundamente de Lula. Cada crise do governo petista — seja nas tensões com o Supremo Tribunal Federal, seja nas polêmicas envolvendo a primeira-dama, ou nos embates fiscais que geram instabilidade no mercado — fortalece automaticamente a narrativa bolsonarista de que o país precisa de uma "correção de rumos". O ex-presidente se alimenta sistematicamente dos tropeços governamentais e explora a percepção de descontrole institucional. Essa dinâmica cria um ciclo perverso, onde os erros de um se transformam automaticamente em capital político do outro.

Paradoxalmente, quanto mais alinhado ao bolsonarismo for um eventual candidato da oposição, maiores serão as chances de Lula, pois isso mantém vivo o antibolsonarismo com postura relevante na escolha eleitoral. Por seu lado, a estratégia bolsonarista de obstruir candidaturas moderadas e insistir em nomes radicalizados demonstra como o ex-presidente também depende da manutenção da polarização radicalizada para sobreviver politicamente. As circunstâncias revelam como os dois líderes se tornaram reféns da polarização que eles mesmos criaram. Lula não consegue se mover ao centro sem decepcionar sua base mais radical, enquanto Bolsonaro não pode moderar seu discurso sem perder sua identidade política. Ambos ficam presos em uma dança política em que cada movimento de um determina a resposta do outro, criando um sistema de dependência mútua que limita as opções democráticas do país.

No fim das contas, Lula e Bolsonaro funcionam como irmãos siameses na política brasileira: um depende do outro para existir politicamente. Eles são, ao mesmo tempo, nêmesis e complemento um do outro, alimentando uma polarização que limita as opções do eleitorado e reforça mutuamente a presença de ambos no cenário nacional. ■



modo **seguro**

Chega daquelas ligações insistentes. Ative o Anti Spam da Vivo.

O Anti Spam é um serviço gratuito
que você pode ativar no App Vivo.
Com ele, você bloqueia apenas as ligações
indesejadas, sem perder nenhuma ligação
importante. Assim, seu dia fica mais
do que tranquilo, fica seguro.



Saiba mais em vivo.com.br/modoseguro

vivo





MAIRA ERLICH/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

BARULHO Bolsonarista na Paulista: críticas a qualquer tentativa de regulação



ANTONIO AUGUSTO/STF

EM BUSCA DE UM EQUILÍBRIO

STF avança na necessária responsabilização das plataformas por seus conteúdos, mas falta ainda definir o alcance disso para que não se abram portas à censura **BRUNO CANIATO**

OITO ANOS após terem sido protocolados no Supremo Tribunal Federal, chegou praticamente ao fim o julgamento de dois recursos que vai mudar o tratamento dado às redes sociais no Brasil. Com oito votos a favor e três contrários, a Corte concluiu que é preciso endurecer as responsabilidades das plataformas digitais em relação ao conteúdo que circula em suas redes. O caso representa avanço em um processo regulatório que, diante da vertiginosa escalada criminosa no ambiente virtual, tornou-se central no debate público no Brasil e fonte de ferrenhas divergências políticas, acadêmicas e ideológicas sobre o papel do Estado na garantia de uma internet livre e segura para os brasileiros.

O longo caminho não foi feito sem dificuldades, nem na hora do veredicto. No cerne do julgamento está o artigo 19 do Marco Civil da Internet, de 2014, que exime completamente as plataformas de responder por delitos praticados por usuários em suas redes e prevê que elas só podem sofrer sanções se desobedecerem a ordens judiciais específicas para a remoção de conteúdo ofensivo, violento, extremista ou flagrantemente ilegal. A posição da maioria dos ministros agora força as companhias a agirem a partir de denúncias dos internautas, sob risco de multas pesadas, suspensão temporária ou até bloqueio total dos serviços. Houve divergências entre os magistrados sobre o alcance da nova determinação — quatro deles (Gilmar Mendes, Flávio Dino, Cristiano Zanin e Luís Roberto Barroso) entenderam que ela não se aplica a situações de injúria, calúnia ou difamação, cujos conteúdos só poderiam ser retirados mediante de-



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL



AO VIVO Moraes exibe vídeo em sessão: perfis incitaram o 8 de Janeiro

cisão judicial, como é hoje. Outros quatro (Alexandre de Moraes, Luiz Fux, Cármen Lúcia e Dias Toffoli) decidiram que o novo entendimento vale para todos os casos. Ao final, o consenso firmado foi de responsabilizar as plataformas quando não removerem, em tempo razoável a partir da notificação, publicações que representem crimes de terrorismo, atos antidemocráticos, incitação ao suicídio e automutilação, crimes de ódio e contra a mulher, sexualização de menores de idade, pornografia infantil e tráfico de pessoas. Foram excluídos do rol os crimes contra a honra — ofensa, calúnia e difamação — e crimes eleitorais. Os ministros Edson Fachin, André Mendonça e Kassio Nunes Marques votaram pela manutenção total do artigo 19 como está redigido hoje.

A regulação das redes vem há tempos se impondo como uma pauta urgente diante de um cenário crítico. Usuários exploram livremente as brechas no controle de conteúdo para praticar crimes que vão dos mais "triviais", como fraudes e golpes financeiros, aos mais hediondos, incluindo pornografia infantil, apologia à violência e ao nazismo, discurso de ódio, ataques à democracia e incitação à automutilação e a atentados terroristas. Não raramente, os conteúdos ilegais são monetizados, ou seja, geram retorno financeiro aos criminosos conforme suas publicações ganham tração. "A evolução dos algoritmos de distribuição de conteúdo favorece um ganho econômico a partir do que gera mais engajamento, e até que saia uma ordem judicial de remoção o autor já lucrou", explica Patricia Peck, especialista em direito digital do escritório Peck Advogados. Para a advogada, o avanço do Judiciário sobre a questão tende a provocar o Congresso a



ALERTA Ato em Brasília: violência digital impacta o ambiente escolar

legislar sobre o assunto e incentivar as plataformas a investirem mais na autorregulação. O próprio ministro Barroso já declarou que a prerrogativa de legislar sobre o tema é do Parlamento.

Isso, no entanto, não será fácil, dado o nível de contaminação ideológica que o assunto tomou no Brasil. No Congresso, a maior tentativa de emplacar uma responsabilização das redes, o PL 2.630/2020, andou de lado, sob muita polêmica, até ser enterrado pelo então presidente da Câmara, Arthur Lira, por absoluta falta de clima político para sua votação, em especial por conta da oposição bolsonarista. Militantes dessa corrente política há tempos internalizaram uma associação entre qualquer forma de regulamentação e um suposto cerceamento à liberdade de expressão. O governo Lula vem há algum tempo trabalhando em um novo projeto de lei sobre o tema para apresentar ao Parlamento, mas não há previsão de data para que isso ocorra.

A instrumentalização política das redes sociais, no entanto, é crescente. Quando votou no atual processo, Alexandre de Moraes, relator da trama golpista no STF, destacou a omissão das plataformas durante os distúrbios de 8 de janeiro de 2023, quando a quebradeira dos prédios dos Três Poderes, em Brasília, foi transmitida ao vivo por usuários no X, Facebook e Instagram. "Temos mais de trezentas pessoas condenadas que filmavam e colocavam imediatamente, fazendo lives e chamando mais gente para destruir", declarou. A postura incisiva de Moraes contra o extremismo nas redes, traduzida muitas vezes no bloqueio de perfis, suscitou reações de figuras poderosas. Nos Estados Unidos, ele virou alvo de um processo por censura movido por duas redes sociais alinhadas à direita: a Rumble, que ele suspendeu no Brasil por incitação ao extremismo e a atos antidemocráticos, e a Truth Social, que pertence ao Trump Media Group, do presidente americano Donald Trump.


MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

MODERAÇÃO Barroso: busca de consenso entre ministros por novas regras

Também corre o risco de sofrer retaliação do governo dos EUA por conta de decisões tomadas contra empresas e perfis de cidadãos americanos.

A luta para impor controle ao ambiente das redes sociais não é uma exclusividade brasileira. Uma das referências mundiais vem da Lei dos Serviços Digitais (DSA, na sigla em inglês), legislação pioneira aprovada pela União Europeia em agosto de 2023. "A DSA adota uma abordagem mais equilibrada, obrigando plataformas a implementar mecanismos eficazes de moderação, mas sem a exigência de remoção proativa generalizada", explica Camilla Jimene, head de contencioso digital no escritório de advocacia Opice Blum. Uma norma semelhante no Brasil exigiria fortalecer agências fiscalizadoras e reguladoras do setor digital, como a Autoridade Nacional de Proteção de Dados. "A ANPD atua no coração do modelo de negócios das plataformas, que é a exploração de dados pessoais, mas carece de equipe e infraestrutura para dar conta da regulação necessária", avalia Alexandre Arns Gonzales, da Coalizão Direitos na Rede (CDR).

O principal dilema sempre foi estabelecer normas que sejam objetivas sobre a intolerância ao crime, mas flexíveis para casos subjetivos que envolvam a liberdade de expressão. As plataformas sustentam que a maioria das práticas mais graves já é monitorada e vetada. Conteúdos como piadas e discussões políticas, porém, são notoriamente mais difíceis de classificar. Um efeito colateral, comumente apontado pelas big techs, é que restrições muito rígidas podem forçar o *chilling effect* ("efeito congelante"), quando publicações que não infringem as regras acabam sendo removidas para evitar imbróglios na Justiça. "É possível calibrar os sistemas para detectar estes casos, mas há o risco de que conteúdos sejam removidos em excesso", diz Igor Luna, consultor da Câmara Brasileira de Economia Digital (camara-e.net). Estudo



PRESSÃO Donald Trump Jr. (Trump Media Group) e Chris Pavlovski (Rumble): ação contra Moraes nos EUA

feito pelo NetLab UFRJ mostrou que isso, por ora, não vem ocorrendo no caso da experiência europeia. Segundo o levantamento, é pequena a taxa de posts removidos. Outra queixa das big techs diz respeito às capacidades técnicas para moderação do volume massivo de conteúdo publicado. "Caberia às plataformas identificar estas fronteiras em tempo real e tomar uma decisão, o que se torna complexo mesmo para equipes enormes apoiadas por inteligência artificial", avalia Felipe França, diretor-executivo do Conselho Digital. Juntas, as duas associações representam mais de quarenta empresas, incluindo Meta, Google, TikTok, Kwai e Discord. De fato, as novas medidas implicam mais custos, mas não é nada capaz de abalar a saúde financeira de companhias bilionárias.

Como um problema complexo, a regulação das redes sociais não pode ser resolvida com soluções simplistas e sujeitas a paixões ideológicas. Por isso, fez bem o STF ao realizar um debate aprofundado sobre o tema e buscar uma saída equilibrada para a questão, ao mesmo tempo que acena para uma participação maior do Legislativo. Os esforços regulatórios devem respeitar direitos fundamentais como a liberdade de expressão e a circulação de informações e ideias, mas jamais abdicando do princípio central: assim como no mundo real, a internet não pode ser uma terra sem lei. ■


IAN MAULE/AFP



ESCOLA É ESCADA

Não há outro caminho para uma sociedade justa e produtiva

NA SEMANA PASSADA, Recife promoveu a 29ª edição do Festival Cine PE, mantendo a tradição de lançar livros em meio a filmes. Neste ano, além de *Imortalidades*, de Eduardo Giannetti — pequeno clássico da reflexão humanista —, e *Nem 8, nem 80*, de Alfredo Bertini, sobre economia e cultura. Houve ainda rico debate em torno de *Escola É Escada*, outro título editorial. A partir do êxito de quatro jovens — Arthur Covatti, Victor Hill, Renner Lucena e Tabata Amaral — nascidos em famílias de baixa renda média e que antes dos 30 anos chegaram ao mais alto nível de sucesso, deu-se a celebração de evidente progresso. Três são empresários, Tabata é uma liderança política. O livro revela um padrão comum nas trajetórias deles: a subida de seis nítidos degraus.

> "Se nossos políticos tivessem oferecido ensino de qualidade, o Brasil teria abolido o quadro de pobreza"

O primeiro: a consciência familiar de que educação é o caminho para o futuro — e de que não deve ser privilégio apenas das famílias abastadas. Diferentemente do padrão comum das famílias pobres brasileiras, que não enxergam a escola como vetor de ascensão social nem sentem que seus filhos devem ter direito a um ensino de máxima qualidade, as mães desses jovens conseguiram vagas em boas escolas. O segundo degrau foi continuar estudando, sem evasão. O terceiro degrau foi a participação em olimpíadas do conhecimento, que, como destaca o professor Hélio Barros, oferecem reconhecimento e estímulo para o jovem estudar e abre caminho para o quarto degrau: bolsas de estudo em colégios privados de excelência no ensino médio. Graças a isso, chegaram ao quinto degrau, o ingresso em curso superior de altíssimo nível — dois no ITA, um no Insper e uma na USP. O salto maior veio do sexto degrau: uma boa ideia e capacidade empresarial para executá-la. Essas quatro biografias mostram que a escola é a plataforma essencial para o triunfo.

O volume reafirma o papel do ensino ao apresentar a história, entre 1995 e 2005, de sete jovens sem escola, de mesma idade, em Toritama (PE): Rosimar, Janailson, Jailson, Jacques, Rubinho, Josivan e Taciana. Um deles foi assassinado ainda menino, outro foi preso, a menina engravidou aos 15 anos. Nenhum permaneceu na "falsa escola" onde se matriculou, mas não frequentou, não permaneceu, não aprendeu. Não concluíram a 5ª série do fundamental. Hoje, integram o imenso exército de analfabetos plenos ou funcionais. Essa história está em reportagem de Monica Weinberg, publicada em VEJA, e também em um pequeno livro com o título *Década Perdida*.

Ao analisar as trajetórias dos adolescentes — os que venceram e os que fracassaram —, ilumina-se a instituição escolar como acesso a chances reais para cada indivíduo e, em consequência, para o país. Se nossos políticos tivessem tido a lucidez das mães dos quatro jovens de sucesso, se tivessem oferecido ensino de qualidade para todos, o Brasil já teria uma economia de produtividade suficiente para sair da baixa renda média, teria abolido o quadro de pobreza, eliminado a vergonha da desigualdade, nem precisaria manter metade de sua população sobrevivendo na penúria graças à proteção de bolsas assistenciais. A escola é a escada para cada brasileiro e o motor para formar uma nação rica, decente, pacífica, sustentável, civilizada. Não podemos abrir mão dessas exigências. ■



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

NO FOCO Fernando Haddad: a ideia é que ele dispute o governo paulista ou o Senado, mesmo com o risco de derrota

O DILEMA DO MINISTRO

Acossado por dificuldades com a economia e as contas públicas, Haddad enfrenta pressão para ser candidato em 2026 e ajudar o plano de reeleição de Lula **HEITOR MAZZOCO** E **PEDRO JORDÃO**

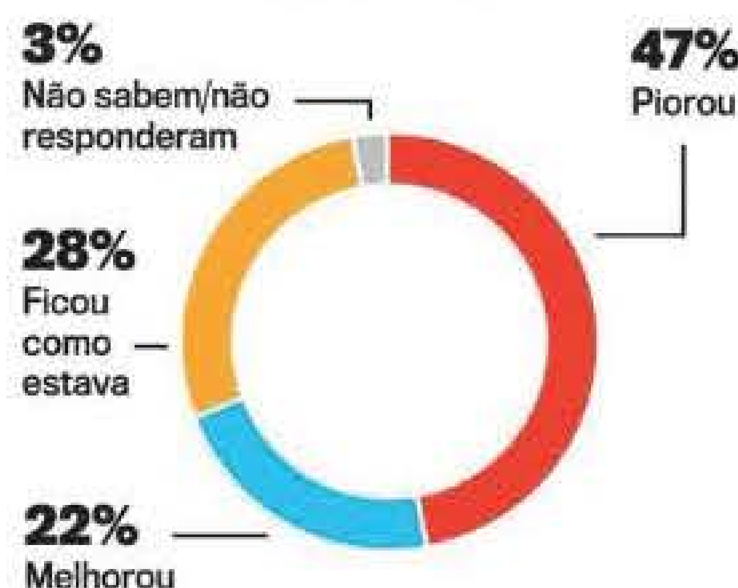
NA ELEIÇÃO DE 2022, Fernando Haddad foi o político que chegou mais longe na tentativa de colocar pela primeira vez o PT no governo de São Paulo. Acabou derrotado por Tarcísio de Freitas no segundo turno, mas colheu 45% dos votos válidos e, com 11 milhões de eleitores, ajudou Luiz Inácio Lula da Silva a vencer uma eleição apertadíssima contra Jair Bolsonaro. Às vésperas de uma nova disputa, o nome do hoje ministro da Fazenda voltou a ser cogitado nos corredores do petismo como alternativa para evitar um vexame no estado. Apesar de afirmar publicamente que não pretende disputar nenhum cargo no ano que vem, o último petista a vencer uma eleição relevante em São Paulo (de prefeito da capital em 2012) será pressionado a ir para o sacrifício e fortalecer o palanque de uma esquerda fragilizada no maior colégio eleitoral do país.

O interesse do PT em colocar o nome de Haddad na urna tem uma justificativa: sem ele, o partido e Lula correm riscos. Pesquisas mostram que o ministro é o único que conseguiria ser minimamente competitivo, mesmo em uma eventual revanche contra Tarcísio, que é franco favorito, mas pode optar por concorrer ao Palácio do Planalto. Outros petistas, como os ministros Alexandre Padilha (Saúde) e Luiz Marinho (Trabalho), não chegam a 10%. Outra questão é que o PT busca a cabeça de chapa para evitar problemas com seus aliados de esquerda, como ocorreu na eleição paulistana de 2024,

O QUE PENSA O ELEITOR

Maioria acha que a situação piorou, a inflação vai aumentar e o poder de compra diminuir

SITUAÇÃO DA ECONOMIA NOS ÚLTIMOS MESES



PERSPECTIVA PARA O CENÁRIO ECONÔMICO



quando abriu mão de ter candidato pela primeira vez para apoiar Guilherme Boulos (PSOL) — a avaliação é que a sigla ficou escanteada na campanha. A pressão por candidatura própria deve crescer após a eleição no PT em julho, que vai definir o comando nacional e os estaduais da legenda no país.

Esse tabuleiro eleitoral passa ainda pelos nomes do vice-presidente Geraldo Alckmin, do ministro Márcio França (Empreendedorismo), ambos do PSB, e de Boulos. Caso Alckmin componha a chapa presidencial mais uma vez (hipótese hoje pouco provável), há chance de Haddad e Boulos serem os nomes ao Senado, enquanto França disputaria o Palácio dos Bandeirantes, que ele já chefiou em 2018. "O governo sabe que a tática do bolsonarismo será fortalecer a presença no Senado, então é um espaço do qual não podemos descuidar", diz uma fonte do partido ao justificar a hipótese de o ministro da Fazenda tentar o Congresso.

No caso de Haddad ser o nome ao governo, será recomendado a França que busque novamente uma vaga de senador, que ele perdeu em 2022 para o astronauta Marcos Pontes (PL). A costura é difícil porque os aliados têm suas exigências. O PSB entende que o PT deveria apoiar França, que, em 2022, abriu mão da sua candidatura para abrir espaço a Haddad. "Da mesma forma que França fez um gesto e o PSB teve responsabilidade em assegurar a frente ampla em 2022, todos os atores vão ter a mesma responsabilidade para buscar o nome mais competitivo e que mais possa aglutinar forças. E o França possui essas características", diz um quadro do PSB.



REPRODUÇÃO

OFENSIVA Inserção do PL na TV: preços altos já são explorados pela oposição

O futuro eleitoral de Haddad será decidido, porém, mais à frente. Em Paris, no início deste mês, o próprio Lula deu a senha ao desconversar sobre a candidatura de seu ministro em 2026. "Você acha que eu seria louco de responder isso agora?", disse, emendando que a questão será resolvida no início do próximo ano. Embora essa seja uma possibilidade menor hoje, Haddad é visto também como um substituto de Lula caso o presidente não dispute a reeleição por qualquer motivo.

Não seria a primeira vez que Haddad seria convocado para o sacrifício político. Em 2016, enfrentou a onda antipetista que varreu o país durante a Lava-Jato e não se reelegeu na prefeitura paulistana. Em 2018, aceitou participar da aventura de Lula, que, mesmo preso, lançou-se ao Planalto tendo Haddad como vice. Com a candidatura do padrinho indeferida, virou presidenciável a pouco mais de um mês da eleição e perdeu para Bolsonaro. Desta vez, no entanto, teria que carregar para o palanque o seu legado como "czar da economia", até agora infelizmente marcado pelas derrotas sobre as contas públicas e tropeços na economia que poderão ser fatais na disputa eleitoral. Para ficar competitivo, teria de superar essas dificuldades em pouco tempo, já que precisaria deixar

COMPORTAMENTO DA INFLAÇÃO



PODER DE COMPRA



DESEMPREGO



Fonte: *pesquisa Datafolha, feita com 2 004 entrevistados entre os dias 10 e 11/jun. A margem de erro é de 2 pontos percentuais*



PLANO Alckmin e Lula: vice pode disputar outro cargo em 2026

o cargo em abril do ano que vem. A margem de otimismo para uma virada fica cada vez mais estreita. Na quarta-feira 25, Haddad viu a Câmara derrubar o decreto de Lula que reajustava o IOF, um dos pontos centrais de seu esforço para tentar garantir equilíbrio fiscal *(leia a reportagem na pág. 42)*.

Em meio a todos esses problemas e incertezas, Haddad mantém uma postura de prudência, focado nos desafios do ministério e sem falar como candidato. A ideia é não dificultar ainda mais a aprovação da sua pauta econômica no Congresso. "A prioridade dele é tentar entregar essas agendas, porque são fundamentais para o governo", avalia um líder petista. Na terça 24, Haddad destacou que considera sua missão a estabilidade da política econômica e, com isso, ajudar no êxito do governo Lula. "Tudo tem seu momento. Já participei de outras ocasiões *(eleitorais)*, mas agora não tenho esse objetivo" disse.

Se quiser disputar algum cargo em 2026 — ou for convencido a isso —, Haddad enfrentará chumbo grosso. As inserções em rádio e TV de partidos como o PL e o PP têm batido na tecla econômica como trunfo eleitoral, especialmente a alta de preços e a insistência do governo em aumentar impostos. "O povão chama ele de 'Taxad'. Não somos nós da oposição. Tudo o que Haddad e sua equipe sabem fazer é aumentar gastos públicos e meter a conta no cidadão", diz o senador Jorge Seif (PL-SC). Para Yuri Sanches, diretor do instituto de pesquisas AtlasIntel, a visão dos eleitores sobre dados econômicos é muito influenciada por escândalos no governo e desajustes políticos entre Planalto e Congresso. "Entre abril e maio, houve uma piora da avaliação do governo, que atribuímos justamente à turbulência política e econômica, uma retroalimentando a outra, especialmente os desvios do INSS e o aumento do IOF. Tudo gera na cabeça do eleitor uma percepção de falta de alinhamento e incerteza em relação ao panorama econômico e fiscal do país", afirma.

A pressão para o capitão da economia deixar o barco em meio à tormenta tem a ver com o maior projeto do PT: reeleger Lula. Por esse motivo, a montagem de palanques nos estados visará mais a fortalecer a campanha nacional do que buscar vitórias eleitorais pontuais. O deputado Rogério Correia (PT-MG) lembra que a sigla deverá caminhar com Rodrigo Pacheco (PSD) em Minas e Eduardo Paes (PSD) no Rio. "A ideia é fortalecer as chapas de Lula ao governo, em aliança com os setores mais ao centro, para garantir candidaturas fortes ao Senado e vencer a eleição presidencial", diz. A questão é se a estratégia vai reeleger um presidente com popularidade baixa — 57% desaprovam seu governo, segundo levantamento do Paraná Pesquisas da última semana. "Não sei até que ponto esse palanque para o Lula estaria tão assegurado com Haddad, porque o problema maior, a fragilidade maior, é o próprio Lula", diz Rui Tavares Maluf, doutor em ciência política pela USP. Visto nos últimos anos como a grande aposta petista para ser herdeiro do presidente, Haddad tem pouco tempo para solucionar os maiores problemas econômicos até o término da atual gestão. Enquanto isso, a pressão política do partido pela presença do nome dele nas urnas tende a aumentar. Na Esplanada da atualidade, não há outro ministro com tantos dilemas pela frente. ■



OPÇÃO França: ministro do PSB quer apoio do PT ao governo paulista

GRAMADO

RIO GRANDE DO SUL





saint andrews

CASTLE • MOUNTAIN • HOUSE

VIVENCIE
EXPERIÊNCIAS ÚNICAS



O Castelo Saint Andrews está situado em um exclusivo condomínio privado, a apenas cinco minutos do centro de Gramado, próximo à charmosa Rua Torta e à icônica Rua Coberta. Proporciona uma experiência de hospedagem singular, com serviço personalizado e excelência reconhecida internacionalmente pelo selo Relais & Châteaux. São 20 acomodações distribuídas entre o Castelo, com 11 suítes elegantes; o Mountain, com 8 suítes sofisticadas; e a House, uma residência de férias completa, com 500 m² e serviços exclusivos do Castelo.

Com estrutura completa, o Castelo abriga o premiadíssimo **Restaurante Primrose**, palco de jantares temáticos em cinco tempos, harmonizados com os melhores vinhos do mundo. Em julho, destacam-se a elegante **Noite Francesa**, com rótulos da Borgonha, e o **Festival Jamón Ibérico**, celebrado com vinhos espanhóis **Vega Sicilia**.

A experiência se completa com nossa **Adega Gourmet**, **pub bar** em estilo inglês, **boulangerie**, **spa**, **piscina** aquecida, **academia**, **cigar lounge**, **capela** e um **mirante** deslumbrante para o Vale do Quilombo. Mordomos, concierges e experiências personalizadas transformam cada instante em uma lembrança inesquecível.

HOSPEDAGEM COM AÉREO INCLUSO À PREÇOS ESPECIAIS, EM VOOS REGULARES OU PRIVADOS.
TRANSFER PRIVATIVO (AERO/CASTELO/AERO) E OPÇÃO DE LOCAÇÃO DE AUTOMÓVEL.





54 3295-7700 • 54 3295-7721 • castelosaintandrews • ou seu agente de viagens • saintandrews.com.br





INSTAGRAM @NIKOLASFERREIRADM

OPOSIÇÃO Nikolas: vitórias esmagadoras nos embates digitais

A DUPLA DO BARULHO

As armas — algumas legítimas e eficientes, outras nem tanto — usadas pelos dois parlamentares mais combativos da Câmara para atacar e defender o governo **MARCELA MATTOS**

QUANDO o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) ainda não tinha nem nascido, o jovem Lindbergh Farias, de 22 anos, dava início a seu maior desafio ao assumir o comando da União Nacional dos Estudantes (UNE). À época, o país fervilhava com as denúncias contra o então presidente Fernando Collor, e coube a Lindbergh liderar o movimento dos caras pintadas, que levou uma multidão às ruas e acabou culminando no impeachment do mandatário. A projeção do líder estudantil lhe abriu as portas da política e, em 1994, ele se elegeu deputado federal pela primeira vez. Duas décadas depois, Nikolas daria seus primeiros passos de maneira parecida. Pegando carona no enfraquecimento do governo de Dilma Rousseff, o então estudante de direito se engajou em movimentos conservadores, participou das manifestações que levaram à cassação da petista e em 2018 já estava sobre trios elétricos em campanha para Jair Bolsonaro. Com a ajuda do presidente, foi eleito vereador por Minas Gerais e, em 2022, aos 26 anos, conquistou uma vaga na Câmara com o apoio de impressionantes 1,47 milhão de votos.

Num duelo geracional e ideológico, a dupla que se forjou nas ruas agora trava embates constantes — e barulhentos — dentro e fora do Congresso. Com 55 anos, Lindbergh é o atual líder do PT e ocupa um amplo gabinete ornado com quadros do presidente Lula, de quem recebeu a missão de partir para o enfrentamento contra os opositores. Com 29 anos, Nikolas, do outro lado da trincheira, é um dos que mais atiram pedras contra o Palácio do Planalto, mesmo sem ter um posto formal — ocupa a simbólica vice-liderança da oposição. Por isso, ele só tem direito a um gabinete comum, no qual fez questão de montar uma decoração especial com fotos de Bolsonaro, um boneco de Lula com o nariz de Pinóquio, além da peruca loira de quando se transformou em "Nikole" no Dia da Mulher.

Na arena digital, o aliado de Bolsonaro nada de braçada. Com mais de 17 milhões de seguidores no Instagram, número superior ao de Lula, Nikolas consegue pautar o debate nas redes, propagar críticas ao governo e até forçar o recuo de medidas anunciadas pela gestão petista. Em janeiro, publicou nas redes o famoso vídeo para

atacar um decreto que estabelecia regras para o uso do Pix, levantando suspeitas de que o meio de pagamento poderia ser taxado. A peça acumulou mais de 330 milhões de visualizações. No dia seguinte, Lindbergh, que tem 380 000 seguidores no Instagram, gravou um vídeo para rebater as declarações do deputado do PL — recorrendo, inclusive, à mesma estética visual do opositor. "Nikolas mente", diz logo na abertura. A peça não chegou à marca de 1 milhão de visualizações. Diante da repercussão negativa, o Planalto acabou tendo de revogar o decreto. O embate virtual se repetiu em meio ao escândalo do INSS, quando o parlamentar do PL gravou um vídeo acusando o governo Lula de corrupção, e o líder petista fez outro para responsabilizar Bolsonaro.

Na CPMI que vai apurar as fraudes contra os aposentados, prevista para o segundo semestre, os debates tendem a ser ainda mais calorosos. Nikolas avisou o seu partido de que quer ocupar uma das cadeiras, enquanto Lindbergh escolhe a dedo os representantes da sua legenda. Reconhecendo que não há uma paridade de armas na disputa nas redes, Lindbergh ataca no campo jurídico. O deputado apresentou uma enxurrada de ações criminais contra o ex-presidente e seus aliados. Partiu do petista, por exemplo, o pedido de suspensão do passaporte de Eduardo Bolsonaro. Antes mesmo da resposta do Ministério Público, o filho Zero Três do ex-presidente pediu licença do mandato e buscou um autoexílio nos Estados Unidos. O petista ainda pediu que fosse instalada uma tornozeleira eletrônica no ex-presidente, alegando que ele poderia fugir do país — mas, ao menos por enquanto, os ministros descartam essa possibilidade. Também foi Lindbergh quem encabeçou um pedido para que a deputada Carla Zambelli (PL-SP), condenada no STF, fosse incluída na lista da Interpol após deixar o Brasil.



INSTAGRAM @LINDBERGHFARIAS

AÇÕES Lindbergh Farias: triunfos em batalhas importantes na Justiça

Nikolas, por sua vez, contra-ataca nessa área com críticas ao Judiciário, especialmente ao ministro Alexandre de Moraes, a quem já chamou de "covarde", "ditador" e "psicopata".

No chão do plenário, os embates entre o petista e o bolsonarista já geraram irritação no presidente da Câmara. Certo dia, Nikolas subiu à tribuna e, cercado de aliados que erguiam cartazes com os dizeres "perseguição política", questionou a denúncia apresentada contra Jair Bolsonaro. "Golpista é o vagabundo, mentiroso, ladrão que é o Lula", gritou. Lindbergh correu em direção ao microfone. O deputado, porém, foi interrompido por gritos e vaias durante trinta minutos. "Podem gritar o que quiserem, mas o povo brasileiro vai ter conhecimento detalhado de toda essa trama sórdida, de todo esse atentado contra a democracia", discursou. Em meio à balbúrdia, Motta baixou regras de convivência no plenário para tentar evitar que o vexame se repetisse. Entre um round e outro, a dupla é ovacionada em seus nichos. "O problema do Nikolas é que ele sempre dá um jeito de pegar uma meia-verdade e colocar uma mentira no meio", disse Lindbergh a VEJA. Nikolas foi procurado para responder, mas, nesse caso, perdeu por WO. ■


CARLOS FABAL/AFP

O DESAFIO DA HOSPITALIDADE

Correndo para estar pronta para a COP30, Belém esbarra com o gargalo hoteleiro – e as autoridades se mexem para ampliar a oferta e tentar baixar os preços **CAIO SAAD** E **PAULA FREITAS**

NO CORAÇÃO da Amazônia, o Pará é um daqueles cenários feitos sob medida para receber uma conferência do clima da ONU. Como bioma estratégico no combate à escalada dos termômetros, o governo federal quer justamente exibi-lo em vitrine global e aproveitar para alertar o planeta sobre a necessidade da ajuda internacional para manter toda a rica floresta de pé. Foi após muitas costuras, que envolveram gente da área ambiental e da política, que a capital, Belém, acabou sendo escolhida para sede da COP30, entre os dias 10 e 21 de novembro. E a cidade, como ocorre com todas que já abrigaram a importante reunião, empreende obras e investe para receber uma multidão que quase nunca se vê por ali — avanços que, se tudo der certo, vão se incorporar à paisagem. Mas um ponto essencial vem preocupando especialmente as autoridades na linha de frente da organização: como alojar tantas pessoas ao mesmo tempo em um centro urbano com instalações hoteleiras em número limitado?


FLAVIO SANTANA

TRATATIVAS Helder: o governador busca consenso com os empresários

Fazer a conta fechar é tarefa complexa. Belém contabiliza hoje 36 000 leitos, enquanto o público de todas as nacionalidades previsto para aportar por lá é de 50 000 pessoas. Não por acaso, entre oferta relativamente baixa e demanda em alta, os preços dispararam a valores proibitivos — segundo levantamento de VEJA, multiplicaram-se, em média, por oito, o dobro da já vultosa inflação registrada em outras COPs. O Planalto resolveu então entrar em cena, tentando travar diálogo com o setor hoteleiro para frear as cifras, de modo a não espantar conferencistas e fazer feio aos olhos do mundo. À frente da iniciativa federal está o Ministério da Justiça, que via Secretaria Nacional do Consumidor notificou os 28 hotéis de Belém, solicitando que enviem dados sobre preços das diárias nos últimos cinco anos — incluindo o período também inflado do Círio de Nazaré, festa católica que atrai à cidade milhares de todo o país.

O objetivo é averiguar se a escalada de preços pode configurar abuso de poder econômico. Por ora, a medida não surtiu efeito, mas causou discórdia com a parte que, naturalmente, teme sair perdendo. "É uma ingerência indevida na atividade privada, violando os princípios constitucionais da livre concorrência", manifestou-se em nota o Sindicato de Hotéis. O governo do estado também está em tratativas com empresários do setor, na busca de alguma espécie de acordo. "É preciso conciliar o direito de se estabelecer o preço por um determinado serviço com a responsabilidade e o bom senso", declarou recentemente o governador Helder Barbalho (MDB-PA), em entrevista ao programa VEJA+Verde. Espera-se mesmo que o bom senso prevaleça, sem a necessidade de qualquer tipo de batalha judicial.

O assunto se tornou tão espinhoso que, procurados por VEJA, três dos melhores hotéis de Belém preferiram não informar os preços das diárias, alegando "questão de sigilo com o cliente". Após mais de uma dezena de tentativas de obter valores de hospedagem, o mais baixo, entre os estabelecimentos que abriram os números, foi 25 000 reais pelos onze dias de convenção em um modesto duas estrelas — mais caro do que em quartos de categoria superior em metrópoles como Nova York e Paris na mesma época. A própria Secop, secretaria li-



NA VITRINE Belém: todos os holofotes globais sobre a Amazônia

gada ao Planalto que organiza o encontro, recebeu orçamentos com diárias que chegam a 25 000 reais, conforme revelou o jornal *Folha de S.Paulo,* e estuda se hospedar em uma vila militar. Nem mesmo o desvalorizado câmbio brasileiro suaviza a conta. Integrantes de delegações de dois países europeus e um da Ásia contaram a VEJA, pedindo anonimato, que estão adaptando os planos iniciais. "Tivemos que reduzir o número de pessoas que pretendemos enviar", diz um diplomata.

Na busca por saídas, a Embratur firmou contrato com dois navios que irão atracar no porto, disponibilizando 6 000 leitos. Um quinto das cabines caberá aos integrantes da ONU, cuja estadia é de responsabilidade do país-sede. O restante será oferecido às delegações estrangeiras a preços a definir, porém certamente mais razoáveis do que os disponíveis hoje. Já os chefes de Estado e de governo ficarão em 405 suítes de padrão internacional, montadas para o evento na Vila COP30, próxima ao local da conferência. Outras iniciativas de baixo custo, sobretudo para integrantes de organizações civis que dispõem de recursos mais limitados, também estão sendo viabilizadas. O governo paraense irá adaptar dezessete escolas públicas para receber visitantes, e a ONG Instituto de Desenvolvimento da Amazônia (Idea) promove melhorias na infraestrutura de dois clubes para abrigar até 1 100 pessoas, acomodadas em beliches e quartos coletivos por 800 reais a diária. "Os hóspedes poderão usufruir ainda da piscina e da quadra de vôlei", adianta o diretor do Idea, Robério Abdon.

Em outra frente, a alternativa encontrada pela Secretaria Estadual de Turismo foi firmar parcerias com plataformas de aluguel por temporada, como Airbnb e Booking.com, que conseguiram ampliar o leque de imóveis cadastrados de 700 para 5 000. Também empresas de corretagem especializadas em grandes eventos, farejando a oportunidade, bateram à porta de moradores para saber quem estaria disposto a deixar seu teto em troca de boa quantia por um aluguel durante a COP. Em bairros mais nobres, como Umarizal e Batista Campos, um apartamento de quatro quartos chega a 2 milhões de reais durante a conferência, um valor surreal, que corresponde ao preço de compra, de acordo com apuração de VEJA no mercado local. "Minha ideia é alugar nesses dias e ficar na casa da minha irmã, em Fortaleza", conta o advogado Tiago Campos, que sonha faturar 100 000 reais com a empreitada. Que se chegue logo a um ponto de equilíbrio para que os participantes da COP só percam mesmo o sono com o que interessa: a saúde do planeta. ■



AUGUSTO MIRANDA/AGÊNCIA PARÁ

HÁ VAGAS A vila oficial: o centro da conferência alojará os chefes de Estado



RICARDO MARAJÓ/SECOM

TROCA Isabel de La Caridad no emprego: "Minha vida é totalmente diferente"

CUBA LIVRE

Alavancado por crises política, econômica e social, o êxodo da ilha caribenha para o Brasil cresce, ultrapassa o movimento de venezuelanos e encontra em Curitiba o destino favorito no país

MUDANÇA NO FLUXO

Cubanos superam oriundos da Venezuela na fuga para o Brasil

PAÍSES COM MAIS PEDIDOS DE REFÚGIO

2024*

Venezuela	27150
Cuba	22288
Angola	3421
Índia	2144
Vietnã	1914

2025**

Cuba	12638
Venezuela	7086
Angola	693
Colômbia	459
Marrocos	340

* Janeiro a dezembro ** Janeiro a abril

Fonte: *DataMigra*

EM MEADOS de 2024, Isabel de La Caridad Navarro Hector, hoje com 44 anos, deixou o trabalho de especialista em RH em um hospital de Cuba, a mãe e um irmão e rumou para o Brasil em busca de uma vida melhor do que a que levava no país combalido por décadas de ditadura. Com dois filhos, um de 16 e outro de 24 anos, chegou a Curitiba, onde se estabeleceu, fez amigos e conseguiu emprego com carteira como ajudante de padaria em uma rede de supermercados. "Decidi vir por causa da situação política e social que nosso país está enfrentando. Já tinha ouvido falar muito bem de Curitiba, que é boa para morar, trabalhar e tem uma população muito acolhedora", conta a imigrante, que tem como colegas de trabalho outras compatriotas com histórias semelhantes.

Isabel é um rosto entre tantos que vêm trocando a ilha caribenha pelo Brasil nos últimos anos. Em 2021, foram apenas 524 pedidos de refúgio, mas no ano passado esse número chegou a 22288. Entre janeiro e abril deste ano, já são 12638, marca que fez a onda cubana superar pela primeira vez a venezuelana. A maioria chegou pelas entradas ao norte, em Boa Vista, Pacaraima (RR) e Oiapoque (AP), mas o destino predileto foi a mesma Curitiba de Isabel: a capital do Paraná recebeu 738 refugiados cubanos este ano, mais que o dobro de São Paulo, o segundo lugar, com 325.

A escolha de Curitiba tem relação com a perspectiva econômica e as facilidades oferecidas por projetos locais. Imigrantes que chegam à rodoviária são entrevistados por programas da prefeitura e de empresas e recebem propostas de emprego. Além disso, a capital dispõe de uma ampla rede pública de saúde e educação. "Somos uma cidade que oferece uma boa qualidade de vida e com o custo menos elevado que o de outras capitais", diz Amália Tortato, secretária de Desenvolvimento Humano de Curitiba.

Um dos motivos que provocaram a onda foi o aumento das restrições em outros países, em especial nos Estados Unidos de Donald Trump. Mas, inegavelmente, é a piora da vida na ilha caribenha que faz muita gente fazer as malas. Para muitos, a inflação galopante, a escassez de itens básicos e a falta de liberdade política chegaram a níveis insuportáveis. Abrigando quase 1800 conterrâneos de Fidel como refugiados, Curitiba ensaia se tornar a nova "Cuba livre". ■

Laísa Dall'Agnol

Quando tudo se transforma, o que realmente importa permanece.



A nossa solidez, excelência em investimentos e dedicação dos nossos especialistas para entender você são parte da nossa história.
Uma história de quem sabe.

QUEM SABE, SAFRA.



Invista com o Safra.



Safra

A abertura da conta está sujeita à análise e aprovação cadastral do Banco Safra S.A. Para mais informações, acesse: www.safra.com.br. Este material destina-se a apresentar as soluções de investimento disponíveis no Grupo J. Safra, não devendo ser interpretado como indicação ou recomendação de investimento. OS INVESTIMENTOS DISPONÍVEIS PODEM NÃO SER ADEQUADOS AOS SEUS OBJETIVOS, SITUAÇÃO FINANCEIRA OU NECESSIDADES INDIVIDUAIS. O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO DE SUITABILITY É ESSENCIAL PARA GARANTIR A ADEQUAÇÃO DO PERFIL DO CLIENTE AO PRODUTO DE INVESTIMENTO ESCOLHIDO. LEIA PREVIAMENTE AS CONDIÇÕES DE CADA PRODUTO ANTES DE INVESTIR.



Terrana

ENTRE AS 10 MAIORES DISTRIBUIDORAS DE COMBUSTÍVEIS DO PAÍS

A Terrana se destaca pela eficiência, estrutura e compromisso com o desenvolvimento do país.





Com atuação nos estados de SP, RJ, MT, GO, ES e MG, contamos com escritórios em São Paulo e no Rio de Janeiro, além de frota própria para garantir agilidade e segurança na distribuição.

Possuímos duas bases próprias, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, com destaque para a unidade de Paulínia, premiada em 2023 pela World Kinect Corporation como Base do Ano.

Terrana. Energia que move o Brasil.

Acesse: www.terranaenergia.com.br

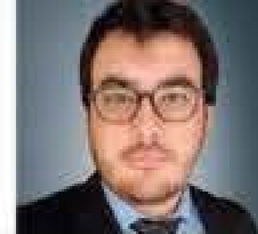




AGORA, DAMOS UM NOVO PASSO EM NOSSA TRAJETÓRIA:

iniciamos o processo de bandeiramento de postos, e o primeiro já está em operação na capital paulista.





PEDRO GIL

Estadia prolongada

Com faturamento anual de 2,7 bilhões de reais, a brasileira Atlantica Hospitality, administradora de 190 hotéis no país, renovou por mais vinte anos seu contrato de exclusividade com a americana Choice Hotels, uma das maiores redes do ramo no mundo.

Mais hotéis

Com o novo acordo, **Eduardo Giestas,** presidente da Atlantica, projeta lançar 45 empreendimentos no Brasil nos próximos dez anos, todos com bandeiras da rede Choice, que inclui marcas como Radisson, Comfort e Quality. Apenas nos primeiros cinco anos, estão previstos investimentos de 850 milhões de reais em dezesseis novas unidades hoteleiras.



DIVULGAÇÃO

EXPANSÃO Giestas, da Atlantica: lançamento de 45 hotéis no Brasil em dez anos

Pé no acelerador

A Volkswagen planeja investir 20 bilhões de reais na América do Sul até 2028, sendo 16 bilhões de reais destinados ao Brasil. O plano inclui dezessete lançamentos de veículos na região nos próximos três anos e a estreia da montadora no mercado de híbridos.

Marcha reengatada

Com quatro fábricas no Brasil, localizada nas cidades paulistas de São Bernardo do Campo, Taubaté e São Carlos e na paranaense São José dos Pinhais, a Volkswagen havia chegado a ponto de, em junho de 2023, suspender a produção de carros no país, alegando estagnação do mercado.

Alívio nas dívidas

Atravessando uma recuperação judicial, o Grupo Ecovix, controlador do Estaleiro Rio Grande, na cidade gaúcha de mesmo nome, quer zerar suas pendências tributárias com o governo federal. O acordo, assinado em outubro do ano passado, previa o pagamento de 214 milhões de reais em 120 prestações, mas 24 parcelas já foram antecipadas. O grupo quer fechar a conta até o fim do ano.

De saída

A gestora SPX Capital, com uma carteira de cerca de 60 bilhões de reais, avalia vender sua participação na Vitru Educação, controladora das universidades Uniasselvi e UniCesumar. A SPX detém 18% das ações da Vitru.

Movimento natural

Outro fundo, o Vinci Compass, se desfez recentemente dos 10% que detinha da Vitru Educação, encerrando uma posição iniciada há uma década — mesma época em que a SPX entrou na companhia. No mercado financeiro, o movimento é considerado natural, já que o ciclo de investimento de fundos de grandes gestoras varia de cinco a sete anos.

Sociedade aprovada

A Cenibra, do setor de celulose, e o Grupo Plantar, que atua na venda de carvão vegetal, vão formar uma sociedade para manejo florestal em Minas Gerais. O acordo, que envolve áreas rurais ainda a serem adquiridas, já recebeu sinal verde do Cade. A Cenibra faturou 3,7 bilhões de reais no ano passado.

Complexo de dados

A brasileira Insight Energy, especializada em soluções de engenharia para o setor elétrico, foi escolhida para construir e operar o complexo de data centers que a empresa de tecnologia americana RT-One pretende instalar no Paraná. Anunciado em janeiro de 2025, o investimento está estimado em 6 bilhões de reais.

Fonte de energia

A Insight Energy será responsável pela construção de duas usinas termelétricas, orçadas em 300 milhões de reais, para abastecer o megacentro de dados da RT-One. A empresa americana planeja erguer cinco unidades no Brasil nos próximos quatro anos. ■

ABRIL: HÁ **75 ANOS** INFORMANDO E MOLDANDO GERAÇÕES.

A **Gerdau**, maior empresa brasileira produtora de aço, parabeniza a **Abril** pelos seus 75 anos.
Uma trajetória marcada pelo compromisso com a informação através da publicação de títulos que ajudam a compreender os acontecimentos que moldam o Brasil e o mundo.


GERDAU
O futuro se molda

Siga a Gerdau nas redes sociais:


CAPITAL DE RISCO

O BNDES anuncia investimento de 10 bilhões de reais para voltar a atuar como sócio de empresas privadas — sem repetir os erros do passado, garante a atual diretoria do banco

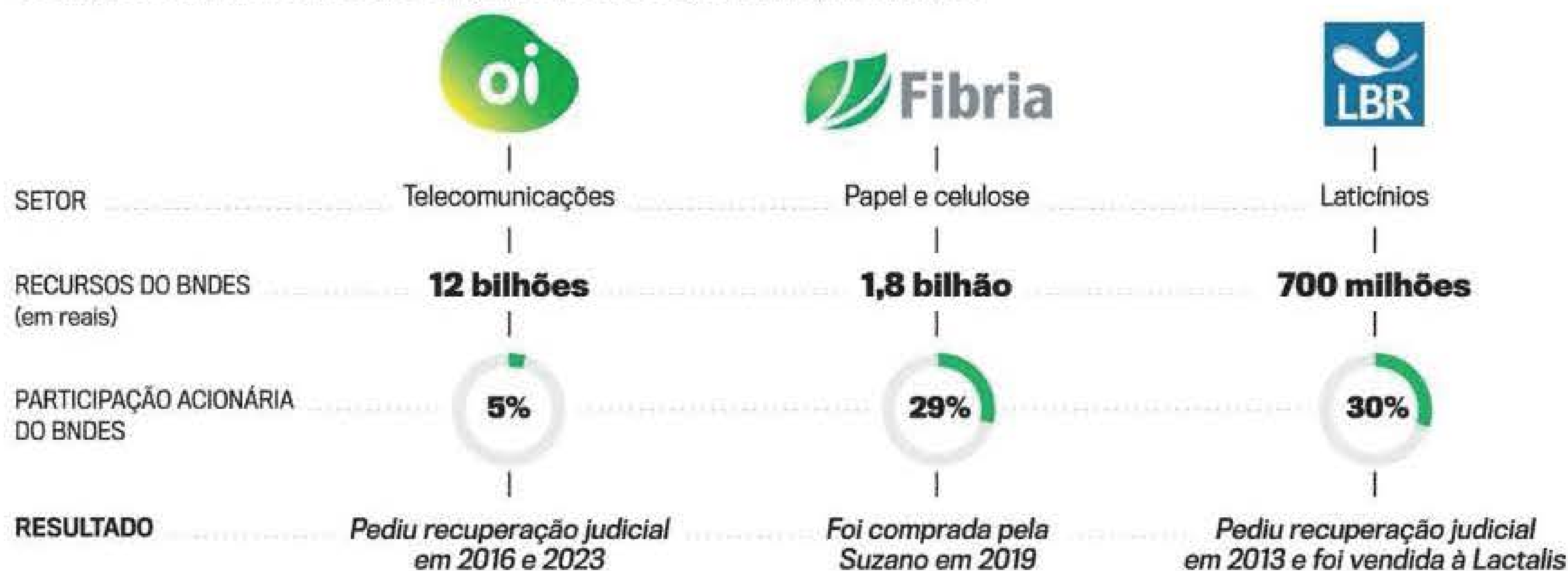
FELIPE ERLICH

O governo brasileiro quer voltar a ser, ainda que de forma indireta, sócio de empresas privadas. É isso o que está por trás do anúncio feito na segunda-feira 23 pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que decidiu retomar os aportes em renda variável após uma década de desinvestimentos. A nova ofensiva prevê o desembolso de 10 bilhões de reais, sendo metade para aquisições diretas de participações societárias e a outra metade voltada a fundos de investimento. Como toda aplicação em ações, o plano embute riscos, especialmente quando mobiliza recursos públicos. A iniciativa traz de volta memórias incômodas de um passado não muito distante, quando o banco foi usado para bancar apostas malsucedidas em "campeãs nacionais" durante gestões petistas. A atual direção do BNDES refuta qualquer comparação com esse histórico, argumentando que há enormes diferenças entre a estratégia atual e a adotada nos governos anteriores.

Sob o comando do ex-ministro Aloizio Mercadante, o BNDES deixou claro que não vai eleger grandes empresas para transformar em "campeãs nacionais". Em vez disso, pretende abrir espaço para que companhias de todos os portes com iniciativas de sustentabilidade e inovação, especificamente, se candidatem aos recursos — que serão originários de dividendos angariados pelo banco e vendas de participação em empresas consideradas "maduras". A proposta busca dar maior trans-

NO PASSADO NÃO DEU CERTO

De 2004 a 2015, o BNDES investiu quase 50 bilhões de reais para comprar ações de cerca de 30 empresas. A maioria se revelou um grande fracasso. Veja os principais exemplos



	Oi	Fibria	LBR
SETOR	Telecomunicações	Papel e celulose	Laticínios
RECURSOS DO BNDES (em reais)	**12 bilhões**	**1,8 bilhão**	**700 milhões**
PARTICIPAÇÃO ACIONÁRIA DO BNDES	5%	29%	30%
RESULTADO	*Pediu recuperação judicial em 2016 e 2023*	*Foi comprada pela Suzano em 2019*	*Pediu recuperação judicial em 2013 e foi vendida à Lactalis*



TON MOLINA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

MUDANÇA DE FOCO Mercadante: desta vez, o banco pretende destinar recursos também para empresas pequenas

parência e evitar apostas erráticas observadas em ciclos anteriores. "O tempo das campeãs nacionais já passou", diz Robson Gonçalves, professor de economia e consultor no Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas.

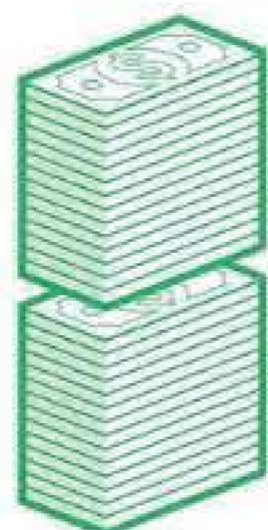
Ainda resta saber com mais detalhes quais serão os parâmetros adotados pelo banco para a seleção dos negócios beneficiados. O mercado aguarda esse detalhamento, ainda ressabiado com o risco de a escolha dos projetos não se dar por critérios técnicos. "Como se trata de um órgão público, o perigo seria os aportes terem viés político", diz Sandro Cabral, professor de gestão pública na escola de negócios Insper. Ele pondera, no entanto, que o corpo técnico do BNDESPar, subsidiária do banco que atua no mercado de capitais, é qualificado para tomar decisões técnicas, podendo servir como anteparo contra interferências indevidas.

Durante os primeiros governos Lula e Dilma, principalmente quando o BNDES era chefiado pelo economista Luciano Coutinho, o banco investiu quase 50 bilhões de reais na compra de ações de cerca de trinta empresas. Alguns casos ficaram conhecidos pelo fracasso e se tornaram símbolos de uma política equivocada. Um deles é o da Oi. Apesar de o banco ter investido 12 bilhões de reais no negócio, a empresa de telecomunicações pediu recuperação judicial duas vezes, em 2016 e 2023. Derrocada semelhante ocorreu com a LBR, empresa de laticínios que recebeu aportes do BNDES e pediu recuperação judicial posteriormente, em 2013. A Fibria, que foi um gigante da celulose, teve quase 30% do capital controlado pelo banco de desenvolvimento, mas optou por ser incorporada pela líder do setor, a Suzano, em vez de seguir estimulando a concorrência. Para críticos, esses episódios ilustram o descompasso entre a intenção de fomentar campeões nacionais e os resultados efetivos alcançados. "Os investimentos daquela época foram uma tentativa muito mal desenhada pelo governo para imitar o modelo sul-coreano de desenvolvimento", diz Gonçalves.

O atual diretor financeiro e de mercado de capitais do BNDES, Alexandre Abreu, assegura que a retomada dos aportes será conduzida com responsabilidade e de uma forma completamente diferente. "É importante que as empresas selecionadas tenham boa rentabilidade e equi-

UM BNDESPAR REPAGINADO

TOTAL A SER INVESTIDO
10 BILHÕES DE REAIS



5 bilhões para novos fundos de investimento

5 bilhões para participação direta em empresas



ORIGEM DOS RECURSOS
Venda de participação em empresas "maduras" e dividendos



SETORES
Transição ecológica e inovação em geral



TAMANHO DAS EMPRESAS
Pequenas, médias e grandes



APOSTA EM FUNDOS
Promessa de **5 bilhões** de reais é maior que os **4,4 bilhões** da carteira atual



JONNE RORIZ/BLOOMBERG/GETTY IMAGES



GUSTAVO GOMES/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

FRACASSO Loja da Oi: aposta na operadora não rendeu os frutos esperados

líbrio entre risco e retorno", diz. Dos 10 bilhões de reais previstos no programa, metade será destinada a fundos de investimento. Segundo Abreu, a expectativa é que o valor seja distribuído entre três a cinco fundos, evitando a concentração em um único gestor. O montante mais que dobrará os atuais 4,4 bilhões de reais que o BNDES tem aplicados nesse tipo de ativos. A ideia é que, por meio dos fundos, o banco consiga alcançar uma base mais ampla de empresas, sobretudo as de menor porte, que tradicionalmente enfrentam dificuldades para acessar capital. "Lidar com poucos zeros é difícil", resume Paulo Rabello de Castro, ex-presidente do BNDES. "É uma vocação que o banco precisa desenvolver, mas não é tarefa simples." Não por acaso, uma das críticas mais recorrentes no passado era o foco do BNDES em financiar grandes corporações, enquanto os pequenos e médios negócios costumavam ser negligenciados.

A escolha de segmentos estratégicos, como a transição climática, representa um avanço. Ao direcionar recursos para essas áreas, o BNDES sinaliza uma tentativa de alinhar sua atuação aos novos desafios da economia brasileira. "O BNDES precisa priorizar negócios que, ao se desenvolverem, também irradiem benefícios para outras áreas da economia, especialmente por meio da difusão de novas tecnologias", afirma André



MARCELO FONSECA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

MÁ LEMBRANÇA Coutinho: a ideia das "campeãs nacionais" naufragou



SUSTENTÁVEL
Fazenda solar: mercado de energia renovável pode ser beneficiado

Nassif, professor de economia da Universidade Federal Fluminense. Nesse contexto, a decisão entre manter o foco em setores tradicionais, como o de commodities, ou apostar em atividades capazes de impulsionar inovação e ganhos tecnológicos sustentáveis não deveria suscitar dúvidas — trata-se de uma escolha entre repetir o passado ou olhar para o futuro.

Como ocorre com qualquer gasto público feito em meio a um cenário fiscal apertado, o movimento do BNDES gerou um debate a respeito da pertinência de se fazer esse investimento de 10 bilhões de reais. "O ideal seria direcionar esses recursos aos cofres da União, contribuindo para o ajuste fiscal", defende Vinicius Carrasco, ex-diretor do BNDES e professor da PUC-Rio. Para ele, se o objetivo é facilitar o acesso das empresas ao crédito, o caminho mais eficiente seria promover a estabilidade econômica e a consequente redução das taxas de juros. A atual gestão do BNDES aposta que o país seguirá ganhando com os novos investimentos. Se o projeto for executado dentro das diretrizes anunciadas e sem repetir os erros do passado com as "campeãs nacionais", há boas chances de o país sair no lucro. ■



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

DISFARÇANDO AS EVIDÊNCIAS

A negação da realidade não ajuda a política econômica

NA SEXTA-FEIRA 20 de junho, a *Folha de S.Paulo* publicou matéria notando que os gastos públicos no governo Lula cresceram quase o dobro da arrecadação. Não era exatamente novidade, como os leitores aqui podem atestar. Apesar disso, rápido no gatilho, o secretário de Política Econômica, Guilherme Mello, publicou dois dias depois tentativa desajeitada de resposta, que, na verdade, apenas reforça os pontos levantados pelo artigo original.

Atribui o aumento principalmente às despesas ligadas à PEC da Transição, que o permitiu. Isso apenas explicita a origem do crescimento, mas não o nega, mesmo porque não há como fingir que jamais ocorreu. Não menciona, a propósito, que o atual governo propôs e apoiou a PEC; é como se o lado direito do cérebro atribuísse a culpa ao esquerdo. Não satisfeito, insiste na conversa mole que o Novo Arcabouço Fiscal (NAF) funcionou e afirma que o governo reduziu a despesa entre 2023 e 2024 sem afetar o crescimento da economia. Não conta, claro, que a tal "redução" de gastos adveio da contabilização de cerca de 90 bilhões de reais como despesa (pagamento de precatórios) no último dia útil de 2023 e ainda se gaba de isso não ter efeitos recessivos em 2024, aparentemente esquecido de que os beneficiários dos pagamentos federais só poderiam gastar esse presente... em 2024!

Na mesma linha de mistificação afirma que "os resultados a partir da implementação do NAF têm surpreendido a maioria dos analistas". Os problemas de memória mais uma vez o impedem de notar que a promessa original do NAF era ter o déficit zerado em 2024, superávit primário em 2025 e dívida estabilizada em 2026. Houve déficit em 2024, a última revisão orçamentária aponta para um ainda maior em 2025 e ninguém fala mais de estabilização da dívida em qualquer horizonte razoável. Se o NAF surpreendeu alguém, parece ter sido o próprio governo do qual o secretário faz parte. A propósito, enquanto Mello celebra a "surpresa" do NAF, a ministra do Planejamento e Orçamento alerta que "em 2027, seja quem for o próximo presidente da República, não governa com esse arcabouço fiscal, com essas regras fiscais, sem gerar inflação, dívida pública e detonar a economia". É bem verdade que — apesar do título — ela mesma não fez, faz, ou fará qualquer esforço para planejar uma mudança no estado de coisas, mas temos que reconhecer que, ao menos, foi bem mais sincera que seu colega de governo. Diga-se, aliás, que os limites do NAF não aguardaram 2027. Como notado, os próprios técnicos do governo admitiram na revisão orçamentária do mês passado que não é possível atingir a meta fiscal (sem a exclusão contábil de algumas despesas o buraco fica na casa de 75 bilhões de reais, segundo números oficiais).

> **"Os próprios técnicos do governo já admitiram que não é possível atingir a meta fiscal do ano"**

Todo o imbróglio envolvendo originalmente a majoração impensada do IOF e agora propostas de última hora para arrancar ainda mais impostos da sociedade nasceu precisamente do reconhecimento de que a trajetória de gastos e receitas não consegue entregar os resultados já em 2025, muito menos para estabilizar a dívida em prazo aceitável.

Seria mais proveitoso se o secretário dedicasse seu tempo a pensar em como corrigir o problema que ajudou a criar, em vez de tentar reescrever a realidade com artigos de jornal. ■

DO LIXO À LUZ

Conhecida por adotar iniciativas pioneiras, Curitiba transforma um antigo aterro sanitário em usina solar e gera economia para os cofres públicos **ERNESTO NEVES,** de Curitiba


RICARDO MARAJÓ/SMCS

A CUIDADORA Lucilene Pedroso, de 44 anos, lembra-se bem dos impactos que o principal aterro sanitário de Curitiba (PR) causava em seu bairro, o Caximba, na borda sul da cidade. Era ali que, ao longo de 21 anos, o lixo de dezesseis municípios, o equivalente a 3 000 toneladas diárias, encontrava seu destino. O descarte impactava profundamente a região. As crianças sofriam com doenças respiratórias e havia proliferação de insetos e ratos. Por diversas vezes, o chorume não tratado acabava vazando para o Rio Iguaçu.

Hoje, porém, é difícil reconhecer o passado marcado pela tragédia ecológica. A prefeitura de Curitiba cobriu todo o terreno do lixão, desativado em 2010, com vegetação nativa e ergueu ali um inusitado e bem-sucedido projeto de produção de energia: a Pirâmide Solar do Caximba. Trata-se de uma estrutura composta por 8 600 painéis fotovoltaicos. Sobre o solo onde durante décadas se acumulou uma montanha de lixo, agora raios de sol são captados e transformados em eletricidade, demonstrando como a cidade pode encontrar soluções inteligentes para problemas ambientais. "Virou um ponto turístico, vem gente de outros lugares para ver de perto essa transformação", afirma Lucilene. A reportagem visitou o local como parte da Expedição VEJA, que está rodando o Brasil para conhecer projetos inovadores de sustentabilidade e destacar temas relacionados à agenda da COP30, a Conferência sobre Mudanças Climáticas da ONU que acontecerá em novembro em Belém, no Pará.

SOLUÇÃO INTELIGENTE

A energia gerada no projeto Pirâmide Solar é injetada na rede da Copel e compensada na conta de luz da prefeitura de Curitiba



8 600
PAINÉIS FOTOVOLTAICOS INSTALADOS



3
MEGAWATTS DE POTÊNCIA MÉDIA



40
PRÉDIOS PÚBLICOS TÊM A CONTA DE LUZ REDUZIDA



2,5
MILHÕES DE REAIS ECONOMIZADOS POR ANO PELA PREFEITURA

A energia gerada na Pirâmide Solar do Caximba é transferida diretamente para a rede da Copel, a concessionária de distribuição de energia da capital paranaense, por meio do chamado sistema de compensação, o que permite abater o consumo elétrico de prédios públicos municipais. A produção beneficia principalmente escolas, unidades de saúde, centros administrativos e equipamentos de assistência social. No total, cerca de quarenta imóveis são contemplados. Com isso, a prefeitura de Curitiba deixa de pagar parte significativa da conta de luz, o que representa uma economia estimada em até 2,5 milhões de reais por ano aos cofres públicos.

Segundo a administração municipal, os recursos economizados são redirecionados para áreas prioritárias. A iniciativa vai além do benefício fiscal. Ela demonstra como é possível transformar passivos ambientais em ativos sustentáveis e evidencia o papel do poder público como indutor da transição energética. "A partir do momento que você diversifica a produção energética, também impulsiona a economia e deixa a cidade mais preparada para lidar com os extremos do clima", afirma Alessandro Bertolino, engenheiro ambiental da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Adaptar o antigo aterro sanitário para a construção da Pirâmide Solar foi um dos maiores desafios de engenharia urbana enfrentados por Curitiba nos últimos anos. O terreno era instável e composto por resíduos acumulados durante décadas, formando um entulho de 70 metros de altura. Foi preciso, então, reconfigurar sua base. Técnicos da prefeitura e engenheiros ambientais realizaram um extenso trabalho de



MUDANÇA O antigo depósito: entulho chegava a 70 metros de altura

compactação e cobertura do solo com camadas de material impermeável, evitando assim o risco de vazamentos e garantindo a segurança da estrutura. "É como se fosse uma gelatina, uma área muito instável", afirma Luciana Castro, engenheira civil que participou da construção da usina. "Foram necessários quatro anos de estudo."

As estruturas metálicas que sustentam os painéis solares foram projetadas com estacas especiais para evitar o afundamento ou movimentações irregulares do solo. Os engenheiros também mapearam áreas com emissão de gases como o metano, típico de lixões desativados, e desenvolveram um sistema de ventilação controlada. Além disso, o projeto exigiu adaptações para conectar a usina à rede elétrica da cidade e garantir eficiência energética mesmo em um terreno hostil à construção.

A Pirâmide Solar é parte de um esforço mais amplo para acelerar a geração de energia renovável em prédios públicos. Além do Caximba, escolas municipais, unidades de saúde e terminais de ônibus passaram a receber painéis fotovoltaicos desde 2022, reduzindo em 15%, em média, o custo anual da energia elétrica consumida por esses equipamentos. A prefeitura também investe em usinas distribuídas em pontos específicos, como a instalada na Fazenda Urbana do Cajuru. Além de gerar energia, esse espaço funciona como centro de educação ambiental e formação em agricultura urbana, promovendo a economia solidária e a inclusão social. A meta da administração municipal é alcançar a autossuficiência energética em 100% dos prédios públicos até 2030. Em 2024, a prefeitura firmou parceria com instituições financeiras internacionais, assegurando 600 milhões de reais em crédito por meio do programa Curitiba Carbono Neutro, para tornar viáveis projetos de energia solar e modernização da frota de transporte coletivo. "As cidades têm capacidade de criar soluções rápidas e, por isso, são fundamentais no enfrentamento da crise climática", diz Marilza Dias, secretária municipal do Meio Ambiente de Curitiba.

A governança arrojada exibida por Curitiba tem raízes históricas. Nas décadas de 1960 e 1970, o urbanista Jaime Lerner e sua equipe criaram inovações como o Bus Rapid Transit (BRT), modelo de transporte rápido por ônibus que revolucionou as cidades e foi adotado em mais de 200 municípios ao redor do mundo. Também foram construídas na capital paranaense as primeiras ruas exclusivas para pedestres, depois copiadas pelo país afora. A cidade que já foi símbolo de planejamento urbano hoje é um laboratório de soluções climáticas, uma aposta essencial para manter sua liderança nacional em qualidade de vida. ■

PATROCÍNIO







BYD

BYD.
FEITO POR BRASILEIROS PARA BRASILEIROS.

O Brasil está evoluindo com a nova fábrica BYD em Camaçari na Bahia.
Mais inovação e sustentabilidade para todos os brasileiros.

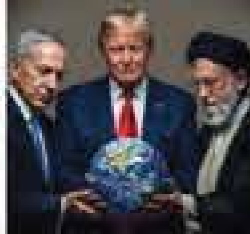
Desacelere. Seu bem maior é a vida.



BYD É DO BRASIL



BUILD YOUR DREAMS



PACIFICAÇÃO INSTÁVEL

Depois de entrar na guerra e elevar a fervura, os Estados Unidos selam um cessar-fogo entre Irã e Israel. Mas segue incerto o cenário em que todas as partes celebram a vitória

AMANDA PÉCHY E **CAIO SAAD**

Quando mísseis israelenses riscaram os céus de Teerã em 13 de junho, em um ataque que ingressará nos livros de história por sua envergadura e os elevados riscos de um conflito de grandes proporções, o governo americano apressou-se em informar ao mundo que não tinha nada a ver com a investida de seu principal aliado no explosivo Oriente Médio. Parece não haver dúvida: o presidente Donald Trump estava, sim, avisado dos planos de Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, que alegava a necessidade de pôr fim às ambições nucleares de seu arqui-inimigo na região e, se tudo desse certo, ainda derrubar o regime fundamentalista dos aiatolás. Ao certificar-se de que o início da operação havia sido bem-sucedido, Trump capturou os holofotes para si, passando a exaltar os "nossos" feitos.



DANIEL TOROK/THE WHITE HOUSE/GETTY IMAGES

"NÃO ESTOU FELIZ" Donald Trump, o pacifista incendiário: puxão de orelha

No sábado 21, ele deu um decisivo passo adiante e, em exibição de força bélica que enalteceu com as usuais e grosseiras letras maiúsculas na Truth Social, sua rede social, emitiu sinal verde para o bombardeio das três principais bases do programa atômico iraniano, pondo os Estados Unidos no palco da guerra que já sacudia o tabuleiro da geopolítica global e se anunciava longa. Não foi o que ocorreu, e depois de doze dias deu-se a trégua possível. Trump, o pacifista incendiário, informou um cessar-fogo costurado por ele.

A partir desse ponto, cada lado da breve batalha anunciou vitória, a começar pelo ocupante do Salão Oval. "Nosso ataque encerrou a guerra. Não quero usar o exemplo de Hiroshima, mas foi essencialmente a mesma coisa", comparou Trump, mantendo o tom sempre épico. Netanyahu, desgastado pela campanha que capitaneia na Faixa de Gaza, ganhou apoio maciço da população israelense na estocada contra o Irã e gabou-se: "Mandamos o programa nuclear iraniano pelo ralo". O Irã, por sua vez, também se revestiu de orgulho. "Demos um duro tapa na cara dos Estados Unidos", declarou o líder supremo, Ali Khamenei, sobre as bombas lançadas,

ATTA KENARE/AFP MAXAR TECHNOLOGIES/AFP

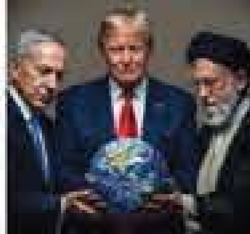
CAPA: BETONEJME.COM COM IMAGEM GERADA POR IA FREEPIK/PIKASO



NO ALVO Usina de Fordow: segundo relatório, programa nuclear iraniano foi adiado por alguns meses após ataques



ALÍVIO IMEDIATO
Comemoração em Teerã depois da trégua: a população ficou mais unida e o regime se manteve de pé





DESTRUIÇÃO
Bombardeio na capital iraniana: crise em que está enredado o país se aprofundou com o conflito

UGC/AFP

na véspera da pausa, contra a base americana no Catar. O país avisou ainda que pode restaurar "qualquer dano sofrido" em suas instalações e celebrou o fato de o regime, há mais de três décadas comandado com mãos de ferro pelo aiatolá, ter ficado de pé.

Como é comum na dinâmica das guerras, será preciso tempo para entender as cicatrizes e tentar acompanhar os desdobramentos. Longe das bravatas da arena política, porém, há um par de convicções: o objetivo de dizimar por completo o poderio nuclear iraniano, como Trump e Netanyahu alardearam, ao que parece, não foi atingido e o Oriente Médio, cindido por nações que não se bicam, continua assentado sobre um barril de pólvora. O próprio primeiro-ministro israelense já disse que os olhos se voltarão de novo para Gaza, onde desde os ataques terroristas do Hamas contra Israel, em 7 de outubro de 2023, se desenrola um drama humanitário que ceifou a vida de cerca de 60 000 palestinos e deixou 20% da população no enclave exposta à fome e inanição, segundo a ONU. "A paz de Trump é uma quimera. Estamos diante de um equilíbrio frágil", disse a VEJA o cientista político Sean McFate, pesquisador do *think tank* Atlantic Council.

A fragilidade brotou cristalina apenas seis minutos depois do cessar-fogo selado entre Israel e Irã entrar em vigor, às 7 da manhã de terça-feira, dia 24, no fuso do Oriente Médio. Foi quando os iranianos despacharam dois mísseis contra Tel Aviv. Nos bastidores, Trump fez o que pôde para dissuadir Netanyahu de revidar, mas de nada adiantou. Às 7h30, uma bomba israelense destruiu a instalação de um radar perto de Teerã. Em nova ligação





JACK GUEZ/AFP

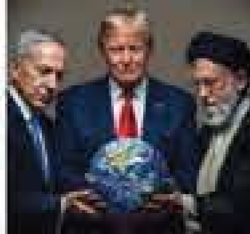
SENHOR DA GUERRA Netanyahu: a popularidade subiu após o confronto

telefônica, o americano repreendeu Netanyahu, com quem vira e mexe se estranha. Em público, boquirroto, bem a seu estilo topetudo, foi direto ao ponto, como se fosse o campeão da diplomacia: "Não estou feliz com Israel".

Seria o caso também de demonstrar alguma infelicidade com seu próprio desempenho. Um documento do Departamento de Defesa americano fez um balanço dos dias de conflito que desagradou a Casa Branca e adicionou uma dose de incertezas ao cenário. Segundo o relatório, o programa nuclear do Irã teria sofrido apenas seis meses de atraso. Além disso, pelo menos parte do estoque iraniano de urânio enriquecido já havia sido transferida para locais secretos antes dos bombardeios e, portanto, ficou a salvo das bombas (Trump, é claro, nega). Oficialmente, Mohammad Eslami, o chefe da indústria nuclear da nação persa, afirmou ainda avaliar os estragos, mas já se mexe para a recuperação de suas instalações. Com o conhecimento acumulado desde os anos 1970, o país tem expertise de sobra para tal. "Talvez agora os iranianos julguem essencial o desenvolvimento de uma bomba atômica, o que, ao que tudo indica, ainda não têm, como fez a Coreia do Norte", diz Sandy Tolan, especialista em Oriente Médio da Universidade do Sul da Califórnia.

As dubiedades, e só o tempo dirá como de fato os humores serão acalmados, permitem que Trump, ao menos por ora, extraia do episódio munição para se firmar no picadeiro mundial como grande "conciliador" — e, quem sabe, receber um implausível e constrangedor Nobel da Paz, movido a tiros. Já há até indicações. Trump sustenta que o ataque ao Irã era necessário, mas conseguiu executá-lo cirurgicamente graças às superbombas de 13 toneladas que se infiltraram nas dependências nucleares incrustadas nas montanhas de Fordow, Natanz e Isfahan. "Ele aproveitou para exibir o poderio bélico dos Estados Unidos, mandando mensagem aos adversários China e Rússia", afirma o especialista em relações internacionais Jeff Sosland, da American University.

Na quarta-feira 25, o americano fez aparição em circuito internacional, durante a cúpula na Holanda da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a aliança militar que anda esvaziada em razão do desinteresse de Trump em colocar ali mais dinheiro. Colheu elogio do secretário-geral, Mark Rutte, que lhe agradeceu pela "decisiva ação" no Irã, e ainda arrancou dos países europeus a promessa de investimento de 5% de seus PIBs em defesa até 2035 — o que não faz pensar em um planeta exatamente mais pacífico. Internamente, o envolvimento dos Estados Unidos na complexa teia do Oriente Médio caiu mal.




MAJDI FATHI/NURPHOTO/GETTY IMAGES

TERRENO MINADO Faixa de Gaza: a paz duradoura no Oriente Médio não virá sem um desfecho para a questão palestina

De acordo com pesquisa Reuters/Ipsos, a popularidade de Trump, que caminhava em rota ascendente, passou de 44% para 41% em poucos dias. “Ao encerrar o conflito rapidamente, ele evita o pior em termos de queda de popularidade”, diz Patrick James, autor do livro *Crises e Guerras*.

A entrada americana no conflito contrariou expoentes do Maga, movimento idealizado por Trump e alimentado pela ideia de uma América grande, onde não cabe se deixar sugar pela guerra dos outros. A experiência americana em meter a colher em duelos travados nas bandas do Oriente Médio nunca deu certo, custando vultosas cifras e vidas sem o resultado esperado. Em 2003, os Estados Unidos invadiram o Iraque a mando de George W. Bush e derrubaram Saddam Hussein, alegando a presença de armas de destruição em massa que nunca existiram. O colapso do reinado do ditador veio seguido de intermináveis ciclos de insurgência. Depois dos ataques às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, Bush decidiu enviar soldados ao Afeganistão. Os líderes do Talibã, que abrigavam por lá a célula terrorista Al-Qaeda, de Osama bin Laden, foram expulsos, mas regressaram com tudo em 2021, manchando a imagem de Joe Biden.

Acabar com a teocracia iraniana, que perdura desde 1979, segue no ra-


MATEUS BONOMI/ANADOLU/GETTY IMAGES


GAVRIIL GRIGOROV/AFP

CADA UM NA SUA Xi *(à esq.)* e Putin: ninguém quer se desgastar em prol do Irã

dar de Netanyahu e também seria do agrado de Trump, mas, ao que tudo indica, ficou mais distante agora, ainda que figuras do núcleo duro do aiatolá tenham sido eliminadas. Pior que isso, o tiro pode ter saído pela culatra. “O ataque estrangeiro abre espaço para a mobilização da população ao redor de uma causa, o que deve reduzir dissidências e pode fortalecer o regime”, afirma Johan Calabrese, analista do Middle East Institute. Mas o cotidiano, que já não andava fácil em um país repressor, afundado numa esticada crise econômica, tende a piorar com o lastro de destruição deixado pelos bombardeios e com a persistência das sanções do Ocidente.

O único horizonte possível para que sejam suspensas é a volta à mesa de negociações com os Estados Unidos em torno da extinção do programa nuclear. Trump disse que os americanos têm reunião marcada com os iranianos na semana que vem, mas a chance de um consenso é altamente improvável. Isolado, o Irã ainda conta com a simpatia de países do chamado Sul Global, como o Brasil *(leia o quadro ao lado)*, e tem como aliados a China de Xi Jinping e a Rússia de Vladimir Putin. “O problema é que as duas potências estão envolvidas com suas próprias questões e não têm interesse em se desgastar ajudando o Irã”, diz Mark Katz, especialista em segurança internacional da Universidade George Mason.

A trégua já fez os preços do petróleo, que haviam disparado, recuar a patamares pré-conflito. Mas o episódio reacendeu um temor que frequentemente ronda o Estreito de Ormuz: o fechamento da passagem de 50 quilômetros de largura controlada por Irã e Omã, por onde passam cerca de 20% do petróleo e gás que abastecem o planeta. O Parlamento iraniano chegou a aprovar a medida, mas o cessar-fogo levou à suspensão do plano, ao menos por ora. “Seria um desastre”, diz



HO/KHAMENEI.IR/AFP

FRACASSO Lula com Khamenei, em 2010: o diálogo não garantiu a paz

DIPLOMACIA DO BARULHO

Nas manifestações por escrito do governo Lula, até o momento, em torno da guerra contra o Irã, o Itamaraty condenou os atos de Israel e dos Estados Unidos pela “violação da soberania”. Calou-se, contudo, a respeito do programa nuclear do país dos aiatolás, que enriquece urânio a porcentagens muito superiores às necessárias para fins pacíficos. O tom expõe a percepção nos corredores do Ministério das Relações Exteriores de que os ataques são injustificáveis, já que não haveria qualquer evidência de os iranianos estarem prestes a desenvolver a bomba atômica. À boca pequena, a ala mais próxima ao Planalto chega a demonstrar certa admiração pelo regime dos aiatolás, capaz de peitar o imperialismo americano exacerbado na era Trump no Oriente Médio. A postura se alinha aos planos sonháticos da construção do chamado Sul Global, eixo geopolítico alternativo ao das superpotências, bandeira das gestões petistas que instala o Brasil ao lado de países sem nenhum compromisso com a democracia, como a Rússia, a China e a Venezuela. Pensamento similar levou a outros erros crassos, como o apoio à entrada do Irã no Brics, no ano passado, e permitir que dois navios de guerra persas aportassem no Rio de Janeiro, em 2023, causando a revolta de senadores americanos. Mais recentemente, o vice-presidente Geraldo Alckmin prestigiou a posse do presidente iraniano Masoud Pezeshkian, sob alegação de ele ter perfil moderado e reformista.

A atual postura é até tímida em relação a 2010, quando o então chanceler, Celso Amorim, tentou intermediar um acordo nuclear que garantisse uso exclusivamente civil da tecnologia, com apoio da Turquia, do autocrata Recep Tayyip Erdogan. Lula chegou a se encontrar com Ali Khamenei e recebeu com pompa o presidente iraniano à época, Mahmoud Ahmadinejad, aquele que negava o Holocausto. O arranjo não durou doze horas. O governo americano se recusou a assinar o documento, diante da fragilidade da costura. “Era para ser o maior êxito de Amorim, mas se tornou seu maior trauma”, confidencia um diplomata brasileiro. Soma pontos ainda na posição do Brasil de criticar duramente os ataques contra o Irã as exportações de mais de 3 bilhões de dólares para o país, em uma pauta composta principalmente por gêneros alimentícios. “Se não fizermos esse comércio, outros países farão”, justifica Eduardo Gradilone, ex-embaixador em Teerã. É louvável defender os interesses nacionais, mas seria melhor fazer isso de forma mais cuidadosa no atual campo minado do Oriente Médio — de preferência, deixando de lado as equivocadas ideologias.

Ricardo Ferraz


GERMÁN VOGEL/MOMENT/GETTY IMAGES

DANO PARALELO Estreito de Ormuz: ameaça de fechar passagem controlada pelos iranianos fez o petróleo disparar

Ahmed Ben Salem, analista do banco Oddo BHF. "Apesar da ascensão do petróleo de xisto nos Estados Unidos, os países do Golfo continuam indispensáveis para o fornecimento mundial." É verdade que os planos de Netanyahu ao atacar seu maior rival na região não se concretizaram, e possivelmente nem ele próprio acreditava que o Irã fosse sair dessa sem programa nuclear e sem aiatolás. Mas o fato é que conseguiu, em alguma medida, retirar as questões humanitárias de Gaza do foco, assim como sua inépcia no resgate dos reféns até hoje nas mãos do Hamas, e baixou a poeira dos radicais ortodoxos que compõem sua coalizão e ameaçaram, dias antes dos bombardeios contra Teerã, derrubá-lo. Também demonstrou a supremacia militar israelense — dos cerca de 500 mísseis disparados pelo Irã, apenas 6% atingiram áreas urbanas, sendo os outros neutralizados ainda no ar. Foram 28 os mortos do lado de Israel e 640 os do Irã. "Ele ganhou força e fôlego para continuar no poder", afirma Mitchell Barak, que trabalhou com Netanyahu na década de 1990. Pela primeira vez em 2025, mais israelenses disseram preferi-lo como líder, segundo uma aferição que elencou vários nomes, feita logo depois do cessar-fogo.

É um pequeno alívio para o líder enrolado com a questão palestina, a mais intrincada do Oriente Médio, que segue sem resolução à vista. A situação em Gaza e na Cisjordânia continua em aberto e, desde os ataques do Hamas, a utopia de dois Estados parece cada vez mais isso: uma utopia. Do lado americano, Trump esbarra com um obstáculo em seu projeto de normalizar as relações entre o aliado Israel e os Estados árabes via Acordos de Abraão, que têm imenso potencial de gerar vultosos negócios para todas as partes. Em mais um sinal de que o cessar-fogo se finca sobre terreno movediço, o Parlamento iraniano aprovou, na quarta-feira 25, um projeto de lei para interromper a cooperação com a agência de fiscalização nuclear da ONU, deixando entrever as ambições do país e indicando que a trilha diplomática ficou mais complicada. As próximas semanas dirão para que serviu — se é que serviu para alguma coisa — a guerra de doze dias. E convém lembrar: se é autorizado a cada uma das três partes gritar ser vitoriosa, sem clareza, é porque também houve derrotas. ■


MIRRORPIX/GETTY IMAGES

FANTASMA Estátua de Sadam, em 2003: medo americano de novo fiasco

75 anos dos melhores registros e histórias!

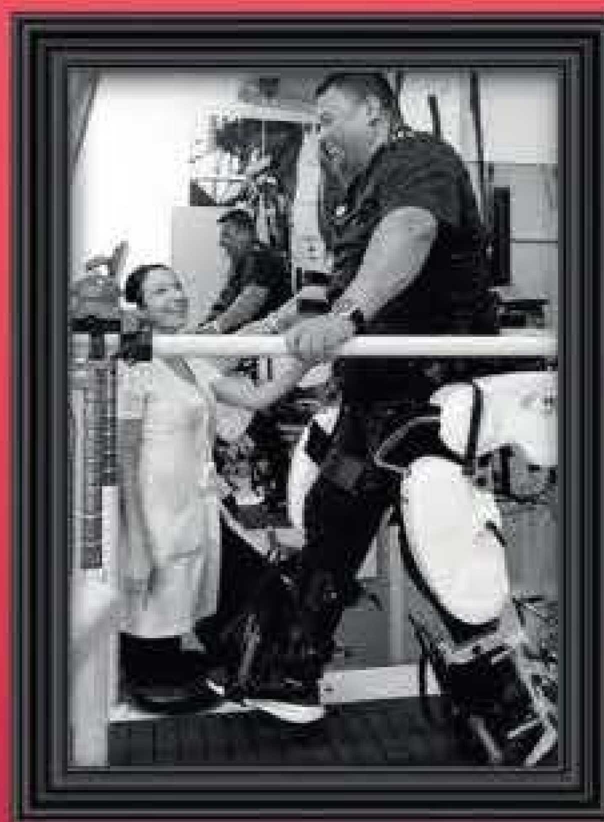




HOSPITAL ORTOPÉDICO AACD AMPLIA ESTRUTURA

Enquanto a ***Abril*** *registra os melhores fatos e histórias...*

A ***AACD*** *transforma histórias em grandes futuros.*







Hoje queremos registrar esse fato e parabenizá-los pelos 75 anos de conquistas.





ÓCIO CRIATIVO

Enveredando por um caminho que já deixou de ser original, tamanha a multidão de celebridades que embala na mesma maré, o casal **CAMILA QUEIROZ,** 31 anos, e **KLEBBER TOLEDO,** 39, não renovou o contrato fixo com a Globo e acabou indo parar com tudo no streaming, onde engatou um trabalho após o outro — o mais recente deles, o reality *Casamento às Cegas Brasil*, da Netflix, com estreia prevista para o segundo semestre. Aí bateu um cansaço de parte a parte, e os dois resolveram se dar um intervalo. Camila até negou integrar o elenco da próxima novela das 6. "Somos workaholics, mas é bom deixar a cabeça um pouco no ócio", defende a atriz, dizendo que não fazia mais sentido, em sua mais madura ótica de hoje, encarar outra maratona. O marido assentiu.



INSTAGRAM @CAMILAQUEIROZ



STEFANO RELLANDINI/AFP

PROTESTO NO ALTAR

Os convidados nem haviam aportado em Veneza, e a bela teia de canais já era cenário de uma manifestação daquelas nos dias que antecedem o casamento do bilionário **JEFF BEZOS,** 61 anos, com a ex-repórter de TV **LAUREN SÁNCHEZ,** 55. Os moradores da cidade, que já andam fartos do excesso de turistas, se uniram ao Greenpeace agitando, em plena Praça San Marco, a faixa de protesto direcionada ao fundador da Amazon *(acima)*: "Se você pode alugar Veneza para o seu matrimônio, pode pagar mais taxas". Segundo os revoltosos, megaeventos como esse, que deve juntar até 600 convidados (como estrelas do quilate de Katy Perry e Kim Kardashian, as primeiras a chegar), transformam aquelas ilhas em "playground para os ricos". Em meio aos preparativos para a ruidosa celebração, marcada para sábado 28, os noivos preferiram discretamente silenciar.



PASCAL LE SEGRETAIN/AMFAR/GETTY IMAGES

MUY AMIGOS



TIM P. WHITBY/GETTY IMAGES

Depois de um divórcio que se arrastou por anos nos tribunais, com acusações mútuas de abuso e agressões, **JOHNNY DEPP,** 62, acabou saindo vitorioso e recebeu indenização milionária da ex, a atriz Amber Heard, 39. Três anos se passaram e, agora, em rara quebra de silêncio sobre o enrosco, o ator disse em entrevista ao britânico *The Times* que penou por ter sido o primeiro alvo do movimento #MeToo, a necessária campanha global que pôs sob os holofotes abusos de poderosos contra mulheres – movimento que, vira e mexe, descamba também para exageros e injustiças. Depp acabou sendo cancelado em Hollywood e perdeu inclusive papel de destaque na franquia *Animais Fantásticos*. Quanto aos amigos que deram uma sumida naquela época, põe panos quentes. "Entendo não conseguirem me defender, porque o mais assustador naquele momento era fazer a escolha certa", diz ele. "Fui um boneco de testes para o #MeToo."

APRENDIZ DE DIPLOMATA



JOÃO COTTA

A estreia do ator **RICARDO TEODORO,** 36 anos, em novelas, como um fotógrafo de caráter para lá de duvidoso em *Vale Tudo*, não é nem de longe o primeiro desafio de um artista veterano dos palcos e do cinema. Na tela grande, aliás, em 2024 ele ganhou o prêmio de ator revelação em Cannes, pelo muito elogiado *Baby*. Ainda assim, a trama global das 9 o faz, por vezes, dar uma tremida. "Estou aprendendo um ofício novo, é outra linguagem", reconhece, com jeitão humilde, o parceiro de cenas de Cauã Reymond. Passagens recentes da trama, em que eles vendem bebês reborn, viraram chacota nas redes, que, implacáveis, afirmam haver "falta de profundidade" no modismo que não para de render polêmica. Alheio aos disparos da plateia virtual, Ricardo abraça o tom diplomático. "Quando tem externa para gravar, não falta gente querendo interação com o elenco", garante.

EM BUSCA DE UM PALCO

O discurso é de que anda à beira da exaustão, de tão sugada que costuma estar pelo trabalho desde os tempos de *Friends*, nos anos 1990. Daí **JENNIFER ANISTON,** 56 anos, ter dado uma desaparecida dos tapetes vermelhos, segundo ela própria esclareceu. "Para mim, não trabalhar exige esforço, mas preciso disso de vez em quando", falou em uma entrevista a atriz, atualmente no ar com *The Morning Show*, a bem-sucedida série da Apple TV+, que protagoniza. Mas, conversa vai, conversa vem, Jennifer contou o que a está verdadeiramente atormentando – ela ambiciona mais do que as mocinhas das comédias românticas que há décadas coleciona. E lança a isca: "Queria estrelar musical na Broadway. Só falta encontrar tempo e a peça certa". ■



VALERIE MACON/AFP

O FIM DO PESADELO

Novos estudos indicam o caminho mais adequado para um sono reparador do cérebro e do coração ao recomendar ajustes na rotina. É simples na teoria, mas complexo na prática

LUIZ PAULO SOUZA

Seis da tarde. Mais um dia intenso de trabalho chega ao fim. Na cabeça, uma lista das atividades que ficaram para o dia seguinte paira no ar enquanto se atravessa o estressante trânsito. Preparar o jantar é mais uma pendência pela frente — então por que não pedir um delivery? Na companhia da TV e do celular, a comida vai embora com uma dose de vinho enquanto o noticiário transmite notícias preocupantes das guerras e da economia nacional. É assim, distante de uma sensação completa de paz, que se procura o merecido descanso após um banho. Só que a cabeça segue em alerta. E, quando toca o travesseiro, o sono insiste em não vir.

Esse é um roteiro comum na vida de milhões de brasileiros. Resultado da alta tensão na rotina, da vida entre telas e, inúmeras vezes, de distúrbios não diagnosticados e tratados, como a insônia — estima-se que cerca de 70% dos cidadãos passem por uma experiência do tipo em algum momento da vida. É na calada da noite que a esperança de um descanso reparador se esvai. E, na ânsia para resolver o drama, há quem parta para um comprimido sem orientação médica, que poderá só piorar as coisas. Eis que o sonho virou pesadelo.

Esse filme, tão real e popular, exibe um dos problemas de saúde pública mais urgentes de nossa era. A privação de sono, intencional ou patológica, não só perturba a qualidade de vida imediata como vem sendo cada vez mais reconhecida como um fator por trás de uma série de males. Ao menos, é possível reverter a situação — e diminuir as chances de encarar infarto, demência e mesmo um câncer no futuro. As cenas e os detalhes do cotidiano variam de um lar para o outro, mas o fato é que grande parte dos brasileiros não tem conseguido relaxar e priorizar um bom descanso noturno — e, antes que se avente a ideia, não, não adianta cochilar de dia.

No curto prazo, estresse, irritação e falta de concentração acompanham a fadiga depois de noites maldormidas. No longo prazo, se nada mudar, ficamos expostos a doenças que ameaçam do coração ao cérebro. O antídoto — simples na teoria, mas complexo na prática — é, insista-se, realizar ajustes na rotina e no ambiente para pregar os olhos de verdade. Vale a pena tentar. Pois, como mostram novíssimos estudos, as mudanças de comportamento



INSUFICIENTE Sem energia depois de uma noite na cama: 70% das pessoas já passaram por isso na vida

são decisivas para prevenir desastres à saúde. Nesse enredo, o cérebro é o diretor da intrincada rede que liga e desliga o corpo. E um órgão sensível à carestia de sono — o que cria um círculo vicioso. Enquanto dormimos, a massa cinzenta é inundada por substâncias que restauram danos e células trabalham para eliminar toxinas. É nessas horas, entre um sonho e outro, que processamos emoções e consolidamos memórias. Quando se boicota o processo, reações adversas virão.


MOMENT/GETTY IMAGES

"A carência de sono pode causar sintomas diferentes em cada pessoa, mas todo o organismo é, de alguma forma, afetado", diz a biomédica Monica Andersen, diretora do Instituto do Sono, em São Paulo. "Uma vida feliz e saudável passa por noites bem-dormidas."

Quando se rasga esse roteiro fisiologicamente esperado, o cérebro é o primeiro a padecer. Recentes pesquisas ligam um sono de qualidade ou quantidade insuficiente — a conta varia por idade, mas, em média, recomenda-se de sete a oito horas por dia — a maior propensão à ansiedade e à depressão. Como a central de comando tem conexões com todo o resto do corpo, avarias nessa cadeia de operações prejudicam do controle da respiração à saciedade. E não é por menos que dormir mal é considerado um fator de risco para a obesidade. Sem esse papel de faxina mental, o cérebro também fica mais exposto à deposição de placas capazes de destruir os neurônios. Por essa razão, especialistas consideram incluir o bom sono na lista de medidas contra o Alzheimer.

O descompasso com o travesseiro arma, ainda, um cenário de inflamação crônica — como se o organismo estivesse em constante batalha. Isso é particu-

REFLEXOS NOTURNOS

Alguns cuidados no dia a dia ajudam a melhorar a qualidade do descanso

QUARTO



Mantenha o ambiente confortável, sem claridade, ruído ou distrações. Cama é local para dormir, não para ver celular ou TV

ROTINA



Durma e acorde sempre no mesmo horário; isso ajusta o relógio biológico, a fim de manter um sono adequado ao longo da semana

ALIMENTAÇÃO



Dê um intervalo de ao menos duas horas entre a última refeição e o horário de ir para a cama; dê preferência para alimentos leves e pouco calóricos à noite

DROGAS



Substâncias como álcool, nicotina e cafeína agem como estimulantes até para quem está acostumado com seu consumo; evite-as à noite

TELAS



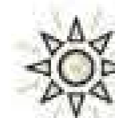
A luz azul de computadores, celulares e televisões pode afastar o sono; minimize sua utilização dentro do possível depois das 18h

EXERCÍCIOS



Atividades físicas podem ajudar a regular o ritmo circadiano, mas elas são mais efetivas em auxiliar no sono se realizadas no período diurno

LUZ SOLAR



Ter contato com o sol nas primeiras horas do dia auxilia a acertar o relógio biológico; o crepúsculo deve ser alinhado com uma menor exposição a luzes artificiais

RELAXAMENTO



Priorize atividades relaxantes e analógicas como a leitura, o alongamento e a meditação no período da noite



FÓRMULA MÁGICA? Automedicação: drogas usadas para pregar os olhos podem viciar e não resolvem o problema

larmente nocivo quando se convive com a insônia em si ou com a apneia do sono, quadro marcado por cortes temporários na respiração sem que o indivíduo perceba. O fenômeno lesa os vasos sanguíneos e coloca em risco o músculo cardíaco. Não à toa, a última grande atualização da Associação Americana do Coração para resguardar o peito foi incluir o sono como um dos pilares protetores, ao lado do controle do colesterol e da pressão. Levantamentos robustos assinam embaixo: em um deles, publicado recentemente pela Sociedade Europeia de Cardiologia, observou-se que pessoas que dormem menos de cinco horas por dia têm uma probabilidade 74% maior de desenvolver as doenças por trás de infarto e AVC.

Atualmente, um padrão de sono inadequado já foi associado a mais de setenta enfermidades. A lista é longa: vai das já citadas a diabetes e impotência sexual. Pior: um trabalho recém-apresentado em congresso médico apontou uma associação entre o repouso ineficaz e a maior exposição a tumores mais letais. Essa legião de problemas se deve ao fato de que, sem descanso, o sistema de reparação das células não funciona a contento. É por isso que os especialistas insistem tanto em aderir a um estilo de vida ativo durante o dia e às regras da higiene do sono à noite — sendo uma das mais importantes e desafiadoras: evitar o celular antes de ir para a cama.

Ocorre que, na busca por mais produtividade, muitas pessoas procuram atalhos para dormir e repor a energia. É aí que medicamentos e suplementos (como a melatonina) se tornam as fórmulas mágicas. "O problema é que a causa da falta de sono vai continuar lá, e muitas vezes se somar a uma dependência desnecessária", afirma a neurologista Andrea Bacelar, da Academia Brasileira do Sono. Não é que os remédios sejam vilões. Há inúmeras classes e, sim, em algumas situações — como uma insônia persistente —, algumas delas serão de ajuda valiosa. Mas só com avaliação e aval médico essa saída tende a ser eficaz. Não raro, tratar condições subjacentes ou adotar hábitos mais saudáveis é suficiente para melhorar as noites — atitudes isentas dos efeitos colaterais da automedicação.

A verdade, incontornável, é que há uma epidemia de distúrbios do sono. Só na cidade de São Paulo, 32% das mulheres têm insônia e 40% dos homens apresentam ronco e apneia. A solução, além da passagem pelo consultório, se pauta por mudanças realistas — afinal, as metas no trabalho não vão se alterar em função de madrugadas conturbadas. A primeira é aprender a gerenciar as fronteiras entre vida profissional e pessoal e o uso do celular. A segunda é privar-se de substâncias que comprovadamente atrapalham o sono, como café, energético e mesmo o álcool. A terceira é encontrar seu jeito de relaxar — seja com um livro, seja com um chá. Sim, não há milagre, mas esse sonho pode se tornar realidade. ■



INDONESIA'S NATIONAL SEARCH AND RESCUE AGENCY/AFP

DESTINOS PERIGOSOS

Dois sucessivos desastres ampliam o risco de comprar gato por lebre em pacotes de aventura, nos quais empresas oferecem segurança escassa ou nula **NATALIA TIEMI HANADA**

DUAS TERRÍVEIS tragédias comoveram o país nos últimos dias. A publicitária fluminense Juliana Marins, de 26 anos, praticante amadora de trilhas, morreu a caminho do vulcão Rinjani, na Ilha de Lombok, na Indonésia, de paisagem igualmente espetacular e perigosa. Ela fazia um "mochilão" pela Ásia. Juliana ficou quatro dias sozinha, em agonia, presa a um penhasco rochoso. Na cidade de Praia Grande, em Santa Catarina, a queda de um balão incendiado provocou a morte de oito passageiros, quatro deles carbonizados. O piloto da aeronave, Elves de Bem Crescêncio, incapaz de apagar o incêndio a bordo, conseguiu levá-la ao chão. Doze passageiros e ele próprio conseguiram saltar do cesto e sobreviveram. Outra parte do grupo, não, e deu-se o horror porque a peça inflável voltou a subir, para então desfazer-se.

Nos dois episódios, houve alguma negligência ante as regras da natureza — e sobretudo descaso com uma imposição, o respeito a posturas e normas que tendem a reduzir os riscos, embora seja impossível levá-los a zero, dada a origem aventureira das atividades. No caso de Juliana, houve, para começo de conversa, a displicência do grupo e do guia que a acompanhava, deixando-a abandonada para trás, em postura que precisa ser investigada na minúcia. Nas redes sociais, em um perfil criado para acompanhar o procedimento de retorno do corpo ao Brasil, os familiares denunciaram o descaso, que, depois, seria parcialmente reconhecido pelo governo da Indonésia. "Se a equipe tivesse chegado até ela dentro do prazo estimado de 7h, Juliana ainda estaria viva. Juliana merecia muito mais! Agora nós vamos atrás de justiça por ela, porque é o que ela me-





BASARNAS

DOR O resgate do corpo de Juliana *(à esq.)*, que ficou presa durante quatro dias em um rochedo: *"Never try, never fly"*, escreveu a publicitária fluminense em sua derradeira postagem no Instagram



INSTAGRAM @RESGATEJULIANAMARINS

rece. Não desistam de Juliana!", declarou a família nas redes. Houve justificada comoção e agradecimento aos voluntários que, próximo ao Rinjani, tentaram salvá-la por meio de drones, que enviariam alimentos, água e roupas. Em vão.

Não havia, de modo lamentável, um esquema de comunicação efetiva entre os socorristas e a brasileira. Ela também não levava um kit mínimo de emergência, com manta térmica e rastreador por satélite. Some-se a essas fragilidades uma evidência geográfica que precisaria ser levada em conta, e foi desdenhada pela beleza do lugar. O trajeto até o cume do vulcão pode levar até quatro dias, o que pressupõe bom preparo físico. Não se trata, é natural, de pôr a responsabilidade na vítima, que deveria seguir as recomendações e preparos sugeridos, mas houve descuido, associado ao fatal descaso dos profissionais que a seguiam — e que exige, por óbvio, investigação policial. Não se deve esquecer, por fim, mas com igual relevo, a falta de estrutura da localidade na Indonésia, sem coleta de lixo, nem banheiro, nem sobretudo informações sobre o nível de dificuldade da empreitada.



PUNNAWIT SUWUTTANANUN/MOMENT/GETTY IMAGES

CONTRASTE O vulcão Rinjani, na Indonésia: paisagem inebriante mas perigosa





BASARNAS

DOR O resgate do corpo de Juliana *(à esq.)*, que ficou presa durante quatro dias em um rochedo: *"Never try, never fly"*, escreveu a publicitária fluminense em sua derradeira postagem no Instagram



INSTAGRAM @RESGATEJULIANAMARINS

rece. Não desistam de Juliana!", declarou a família nas redes. Houve justificada comoção e agradecimento aos voluntários que, próximo ao Rinjani, tentaram salvá-la por meio de drones, que enviariam alimentos, água e roupas. Em vão.

Não havia, de modo lamentável, um esquema de comunicação efetiva entre os socorristas e a brasileira. Ela também não levava um kit mínimo de emergência, com manta térmica e rastreador por satélite. Some-se a essas fragilidades uma evidência geográfica que precisaria ser levada em conta, e foi desdenhada pela beleza do lugar. O trajeto até o cume do vulcão pode levar até quatro dias, o que pressupõe bom preparo físico. Não se trata, é natural, de pôr a responsabilidade na vítima, que deveria seguir as recomendações e preparos sugeridos, mas houve descuido, associado ao fatal descaso dos profissionais que a seguiam — e que exige, por óbvio, investigação policial. Não se deve esquecer, por fim, mas com igual relevo, a falta de estrutura da localidade na Indonésia, sem coleta de lixo, nem banheiro, nem sobretudo informações sobre o nível de dificuldade da empreitada.



PUNNAWIT SUWUTTANANUN/MOMENT/GETTY IMAGES

CONTRASTE O vulcão Rinjani, na Indonésia: paisagem inebriante mas perigosa



REPRODUÇÃO

FOGO O balão incendiado em Santa Catarina e seu dono e piloto, Elves de Bem Crescêncio: sem certificação para operar e sem a licença profissional em dia

O desastre de Santa Catarina tem componentes ainda mais problemáticos. Segundo a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), não há nenhuma operação de balão certificada pelo órgão para atuar de forma comercial. Somente quatro empresas brasileiras fizeram o pedido oficial, mas nenhum dos processos avançou. No balonismo profissional, o operador precisa ter a Licença de Piloto de Balão Livre em vigor — documento que Crescêncio, o comandante, não tinha. Como sempre, apenas depois da catástrofe é que haverá a movimentação que previamente inexistiu, de vigilância e controle. A letra miúda das determinações da Anac é nítida ao informar que a exploração comercial de atividades aéreas sem autorização é "proibida por lei e a agência não concede autorização para exploração de atividades aéreas que utilizem aeronaves não certificadas ou que sejam realizadas por pessoas não habilitadas". Crescêncio, o proprietário majoritário da empresa Sobrevoar, que opera há quatro anos em Praia Grande, pode vir a ser responsabilizado dolosa ou culposamente pelas mortes e lesões. Por ora, ele vive na corda bamba de duas pontas de uma mesma desventura. Seu advogado o trata como herói por ter descido o balão incendiado para salvar as doze pessoas que conseguiram saltar do cesto. Do ponto de vista da polícia, pode ter havido abandono de oito turistas.

Os dramas da Indonésia e de Santa Catarina, diferentes em muitos aspectos, têm um ponto em comum, que deixa uma lição relevante: toda cautela é pouca, especialmente quando se mistura algum tipo de desprendimento pelo risco com o descaso às regras. Não se deve descartar, com ênfase, as preocupações preliminares. Só deve embarcar em aventuras quem realmente estiver preparado, tanto do ponto de vista do corpo quanto de equipamentos de segurança — embora mesmo esportistas muito bem preparados e experientes possam vir a morrer, como aconteceu com o alpinista brasileiro Edson Vandeira, de 36 anos, fotógrafo profissional, engolido pela imensidão do pico nevado Artesonraju, de 6 025 metros, na Cordilheira Blanca, dentro do Parque Nacional Huascarán, no Peru. Ele e dois guias que o acompanhavam tinham sumido havia vinte dias, e apenas na semana passada tiveram seus corpos encontrados.

Destaque-se, ainda, no caso de turistas sem preparo, o risco de caírem na desonestidade de empresas de excursão que oferecem armadilhas ao vender gato por lebre. "Não dá para rebaixar a natureza à nossa estatura", diz Ricardo Barros, diretor técnico do Clube Niteroiense de



REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO

VINTE DIAS DESAPARECIDO O fotógrafo Edson Vandeira: morte no Peru

Montanhismo. "É preciso sempre entender as características do destino, os riscos e a capacidade de enfrentá-los." Não é possível ter como rede de proteção somente os procedimentos de resgate do passeio ambicionado — e na Indonésia, reafirme-se, é tudo muito precário e demorado, com grupos de mais de dez pessoas acompanhados por apenas um guia local.

No Brasil, depois das chamas no balão, não haveria muito a fazer. E ficará na memória de uma semana triste uma postagem da própria Juliana no Instagram, a derradeira. Diante de um lindo pôr do sol na Indonésia, ela escreveu: *"Never try, never fly"*, algo como "se você nunca tentar, nunca voará". Para que fatalidades como a da sorridente moça, a do balão e a do jovem no Peru não se repitam, é bom sempre desconfiar do que as companhias de turismo oferecem como garantias. ■

Walisson Silva
Trabalha na obra da SP-333
em Novo Horizonte

SÃO PAULO PRA TODA OBRA

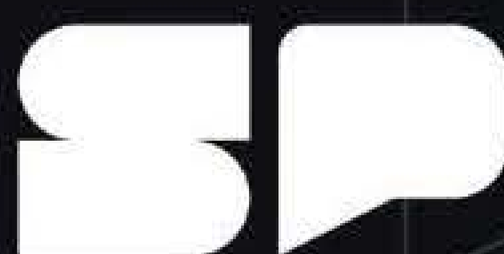
está beneficiando
+35 milhões
de pessoas

São mais de **1.500 obras** em andamento em **22,3 mil quilômetros** de estradas, gerando mais de **252 mil empregos.**

Seja qual for a obra, ***ela é pensada pra você.***



Acesse o site
sppratodaobra.sp.gov.br
e conheça as obras que vão melhorar a sua vida.



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

UMA DOR INVISÍVEL

O luto quase sempre solitário pela perda de um bebê durante a gestação passa a ser mais discutido graças a mulheres que resolveram compartilhar sua dor **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

A DESCOBERTA de uma gravidez desejada vem junto da sensação, tão comum para boa parte das mulheres, de que a maternidade já começou ali, com aquele ponto de vida projetado no ultrassom. Planos, expectativas, medos — tudo está embutido no projeto de ter um filho e aflora bem antes de ele vir ao mundo. Por isso, perder o bebê em meio a esse turbilhão emocional é um baque e tanto, levando em muitos casos à tristeza profunda, às vezes à zona escura da depressão. Posto na prateleira dos dramas que podem ser administrados — afinal, a criança nem nasceu —, o aborto espontâneo é um daqueles assuntos pouco falados, justamente pela incompreensão em torno da dor feminina que provoca. Mas é fenômeno para lá de incidente. De acordo com um levantamento da revista científica *Lancet*, a cada minuto 44 mulheres abortam involuntariamente, o equivalente a 15% da população mundial que engravida.

Apesar de ainda repousar no escaninho dos tabus, o sofrimento que se instala para tanta gente (inclusive para o pai) a partir de um aborto espontâneo começa a sair da sombra em que por tanto tempo ficou. É salutar movimento no campo do comportamento, ao lançar luz sobre assuntos antes calados. E, como costuma ocorrer, as celebridades vêm ajudando a dar visibilidade ao tema, ao compartilhar sua dor nas redes. Recentemente, a atriz Micheli Machado, 43 anos, perdeu a filha, a quem já havia escolhido chamar de Liz, aos nove meses de gestação. Ela e o marido, o também ator Robson Nunes, pais de Morena, de 13, correram para o hospital ao notar a ausência de movimentação na barriga. Foi devastador. Não se ouviam mais batimentos cardíacos, e Micheli precisou passar por uma cesárea de emergência, procedimento padrão acima das vinte semanas de gravidez. "A casa, que era para estar com choro e cheiro de bebê, agora guarda um silêncio infinito", postou.


INSTAGRAM @TATI

"FICOU UM VAZIO"

Casada há mais de uma década, a apresentadora **Tati Machado,** 33 anos, tentava engravidar havia tempo, até que conseguiu. Em maio, perdeu o filho na barriga, às vésperas do parto. "Levo no coração uma ferida acesa. Me resta seguir sonhando", desabafa.

FRAGILIDADE Silêncio: elas sofrem pressão para engravidar logo e seguir em frente

E+/GETTY IMAGES

Está longe de ser um drama incomum. Dados do Ministério da Saúde contabilizaram cerca de 20 000 óbitos fetais no Brasil em 2024. Especialistas dizem se tratar de um luto de natureza bem distinta, daqueles difíceis de assentar por romper a ordem esperada dos acontecimentos. "Ao descobrir uma gravidez, ninguém se prepara para a morte. Essa mãe carrega para sempre o peso daquilo que não foi vivido", afirma a psicóloga Carolina Oliva. É muito comum que a mulher acabe se trancando em meio à angústia e à frustração e só venha a cutucar o fato tempos depois. Foi assim com a apresentadora Sabrina Sato, 44, que recém revelou ter passado por dois abortos espontâneos no ano passado, ainda no princípio da gestação. "Atravessei o luto trabalhando", contou a artista, casada com o ator Nicolas Prattes e mãe de Zoe, de 6 anos, do relacionamento com o ex-marido, Duda Nagle.

Em hospitais e clínicas, onde a maioria das mulheres recebe a notícia, o tratamento costuma ser exclusivamente técnico, desconsiderando a delicadeza



do que as faz estar lá. No jargão médico, são "casos rotineiros". A especialista em marketing Claudia Ruiz, 52, nunca esqueceu o dia em que, há doze anos, descobriu em exame de rotina, aos quatro meses de gestação, que a filha já não tinha vida. "O médico foi insensível. Apenas informou que não havia mais batimentos", relata ela, que é mãe de um jovem de 33 anos e estava animada para repetir a dose em fase madura. Como outras, Claudia precisou tomar remédios para expelir tecidos retidos e evitar infecções e hemorragias. "Doeu mais que um parto", compara ela, que voltou para casa com um "desesperador vazio no corpo e na alma".

Em maio, houve um avanço no país em relação a esta experiência tantas vezes invisível. O governo federal sancionou uma lei que garante três dias de licença a essas mulheres, além de apoio psicológico pelo SUS — um reconhecimento, mesmo que inicial, de um evento antes tratado como um simples "incidente obstétrico". "Espera-se que a nova legislação inspire práticas mais humanizadas em hospitais e maternidades", enfatiza Aline Avelar, especialista em direito das famílias. Esta é, porém, uma etapa de uma caminhada mais vasta, em que inúmeras mulheres não escapam de julgamentos nem de comentários que, embora bem-intencionados, não alcançam a extensão da perda — "pelo menos foi no início" ou "você pode tentar de novo" estão no rol. Para a apresentadora da TV Globo Tati Machado, 33 anos, a morte repentina de Rael, aos oito meses de gestação, deixou uma marca funda. "Me restaram planos, sonhos, expectativas. É angustiante saber que nosso primeiro encontro foi também o último", escreveu ela, casada há doze anos com o cineasta Bruno Monteiro e que segue tentando uma nova gravidez.

Mesmo que as pesquisas apontem que a grande maioria dos abortos espontâneos (ou perdas gestacionais, quando a gravidez ultrapassa as vinte semanas) ocorre por falhas genéticas aleatórias, quem acompanha o dia a dia dessas mulheres observa um comportamento reincidente: elas ficam se perguntando o que de errado fizeram para levar àquele desfecho. "Todas podemos ter um óvulo com alguma alteração, assim como pode haver um espermatozoide modificado, o que pode gerar uma carga genética incompatível com a vida", explica a ginecologista e obstetra Mara Rúbia. "É uma culpa que não deveriam carregar", afirma a psicóloga e educadora perinatal Juliana Bessa.

Recai um peso sobre elas de logo dar a volta por cima e engravidar, para sanar a dor, o que ignora o fato de que cada qual tem o próprio tempo para elaborar o luto. "Diziam que eu devia superar, tentar mais uma vez, e comecei a me sentir muito cobrada", desabafa a publicitária Juliana Leite, 33 anos, que um ano mais tarde, quando soube estar carregando na barriga Iara, hoje com 7 meses, se sentia pronta de novo para ser mãe. Ter conseguido cutucar capítulo tão doloroso e falar do que passou aos outros foi, para ela, a chave para seguir em frente. ■



INSTAGRAM @SABRINASATO

"A GENTE SE UNIU"

Em 2024, a apresentadora **Sabrina Sato,** 44 anos, sofreu dois abortos no início da gestação e, só agora, decidiu cutucar o assunto. Mãe de Zoe, 6, e casada com o ator Nicolas Prattes, ela conta que vai tentar de novo. "Foi um luto muito difícil", diz.



ARQUIVO PESSOAL



A LITERATURA ME SALVOU

Lucas Henrique Silva, 26, diz como os livros o ajudaram a se livrar das drogas e a virar fenômeno nas redes



DESDE CRIANÇA, carregava dentro de mim um vazio que nada parecia preencher. Enquanto via outros meninos felizes, brincando, eu buscava refúgio onde houvesse chance de alívio para aquela falta de propósito — na comida, em jogos e, depois, nas drogas. Tinha apenas 12 anos quando comecei a fumar, e aquilo estranhamente me dava a sensação de estar mais completo. Mas o abismo logo voltava, com tudo. Aos 18, descobri a maconha e, com ela, a ilusão de ter finalmente achado a cura para minha dor. Aos poucos, porém, entendi que estava ficando perigoso. Percebi que precisava o tempo inteiro da droga para anestesiar a angústia. Estava atado àquele ciclo, que só fez piorar. Decidi então tentar parar e começar uma vida nova — um processo turbulento, com idas e vindas, em que encontrei a paz que tanto buscava onde nunca imaginei: nos livros.

Em 2022, criei um perfil nas redes para documentar minha jornada de abstinência — de uma pessoa que não conseguia viver normalmente sem estar entorpecido até a superação. Passei noites em claro, com muitas dores no corpo, agoniado, flertando com a ideia de ir atrás de algo que me trouxesse aquela alegria. É muito difícil se livrar do vício. Por cinco meses, consegui resistir firme. Mas, num dia em que estava mais vulnerável, me permiti um único trago. Uma armadilha, o suficiente para fazer desmoronar tudo. Foi aí que a cocaína e a cachaça entraram na rotina. Vieram as mentiras, as dívidas, o desespero. Tinha acabado de arranjar um trabalho após um bom período desempregado, mas meu salário era todo para as drogas. A geladeira ficava vazia, e eu nem notava. Não sentia fome. Tinha os olhos fundos, dores fortes no peito e na cabeça. Sabia que estava me maltratando, só que não conseguia parar. Esse período escuro, felizmente, acabou no fim do ano passado.

A virada veio de forma improvável. Estava no fundo do poço, havia inclusive perdido meu avô e um amigo próximo, mas estava decidido a me manter sóbrio de alguma forma. Resolvi pegar um livro para ler. Sempre gostei da leitura, mas não cultivava o hábito. Dessa vez, fui fisgado pela história e passei a devorar as páginas, uma atrás da outra, até 100 por dia. Preferia, no começo, obras inspiradas em filmes, uma leitura mais fácil, mas que me trouxe, enfim, um objetivo. Acordava já pensando em engatar na leitura. Não que o interesse pelas drogas tenha passado, porém deixou de ser prioritário. Com o dinheiro que gastava antes com a cocaína, passei a dar lucro às livrarias. Não tenho preconceito com gêneros, vou do terror aos clássicos e, sendo um homem gay, também aprecio os romances LGBTQIA+. Nesse processo, me encantei até com Machado de Assis.

Fiquei surpreso quando vi meu depoimento viralizar nas redes, onde falo do duríssimo processo que é ficar longe das drogas e faço resenhas literárias. As editoras passaram até a me enviar livros. Já alcancei mais de 5 milhões de pessoas no TikTok, um público jovem com quem converso muito bem. Uma parte comenta minhas críticas, a outra, como eu, briga com o vício e se diz inspirada pela direção que segui. No futuro, penso em estudar psicologia para poder ter mais ferramentas para auxiliar adictos. Vivo hoje com minha mãe na cidade de Jussara, no interior do Paraná, e ela e meu pai, que mora mais longe, não são apenas uma base emocional, mas entusiastas do meu gosto pela literatura. Eles ajudam até com os equipamentos para gravar vídeos. Ainda travo uma batalha contra a depressão, o vazio. Mas saber que minha experiência pode ser útil a tanta gente é um motor incrível. Completei seis meses sóbrio e convicto de que os livros, além de um grande prazer, são a minha salvação. ■

Depoimento a Duda Monteiro de Barros



REPRODUÇÃO

PIONEIRISMO Spielberg e o bicho mecânico do filme: longa acabou por fixar a imagem da espécie como vilão dos oceanos

EFEITO COLATERAL

Como o sucesso do genial *Tubarão*, lançado há cinquenta anos, detonou uma caça a essa família de animais e manchou de forma quase irreversível a reputação deles **ALESSANDRO GIANNINI**

FAÇA UM TESTE. Leia essa reportagem de VEJA ouvindo os repetitivos acordes iniciais da trilha sonora do clássico *Tubarão*, de Steven Spielberg, lançado há cinquenta anos. Dum dum… dum dum… mi fá… mi fá…, na genial invenção de John Williams. Dá medo — é de arrepiar —, e foi esse um dos efeitos duradouros da aventura que inaugurou a era dos *blockbusters*, com mais de 470 milhões de dólares de bilheteria, em valores atualizados, e fez de um fiapo de história uma obra-prima de suspense. Em um aspecto, contudo, o estrondoso sucesso resultou em consequência inesperada: transformou uma espécie inteira em vilão.

O autor do romance que deu origem ao filme, Peter Benchley (1940-2006), disse ter se inspirado em um incidente pessoal para criar a história do tubarão-branco, batizado de Bruce, que aterroriza a fictícia ilha de Amity. A narrativa, que ganhou vida pelas mãos de um jovem Spielberg, a partir de um roteiro escrito em parceria com o próprio Benchley, acabou por instilar pavor generalizado e irrefreável desses peixes carnívoros, transformando-os em párias dos oceanos.

Tubarão e filmes e séries baseados na obra original reforçaram a imagem do animal marinho como um “devorador feroz de humanos”, “assassino” e “cruel”. O estereótipo reduziu o bicho a um conjunto de certezas, no imaginário popular, que não corresponde à realidade da natureza. A espécie, na maioria de suas variações,

tem relação amigável com os seres humanos, embora não se deva desdenhar, por exemplo, dos agressivos tubarões-tigre do litoral pernambucano. Os tubarões, insista-se, não são os antagonistas irracionais que Spielberg e Benchley costuraram. Pouco se importam com banhistas, são apenas curiosos e, ao contrário do que se acredita, não têm fome de carne e sangue de gente como a gente. Os ataques são raros e, quando ocorrem, muitas vezes são resultado de confusão visual, em que surfistas são enxergados como se fossem focas.

Deve-se, a rigor, respeitá-los e não temê-los. As características biológicas dos tubarões, como o crescimento lento, gestação longa e poucos descendentes, tornam-nos especialmente vulneráveis à pesca excessiva. Atualmente, 36% das espécies de tubarões e raias estão ameaçadas de extinção. "É preciso esforço superlativo para continuar a protegê-los, dado serem guardiões dos mares, fundamentais para o ecossistema", diz Gareth Fraser, professor de biologia evolutiva na Universidade da Flórida.

A imagem negativa contribuiu para uma matança crescente, especialmente na pesca esportiva. A atividade pesqueira industrial massacra entre 70 e 100 milhões de tubarões ou cações por ano. A prática de *finning* (corte de barbatanas) é impulsionada pelo alto valor comercial das nadadeiras no mercado asiático, com os indivíduos frequentemente jogados de volta ao mar para morrer. A descaracterização da carne de tubarão, vendida como "posta de cação", esconde do consumidor o que de fato está à venda, proibido.

OS DANOS DA MÁ FAMA

Os estragos ambientais das últimas décadas

530
É O NÚMERO ESTIMADO DE **ESPÉCIES DE TUBARÃO CATALOGADAS**



100
ESTÃO EM **RISCO DE EXTINÇÃO**



71%
FOI A **QUEDA DE SUA POPULAÇÃO** DESDE OS ANOS 1970



88 ESPÉCIES
IDENTIFICADAS NO **BRASIL**



2 TÊM RISCO,
EM MARES BRASILEIROS,
DE DESAPARECIMENTO EM VIRTUDE DA PESCA ILEGAL (TUBARÃO-MARTELO E TUBARÃO-RAPOSA)

Fonte: *Science*



UNITED ARCHIVES/GETTY IMAGES

INJUSTIÇA Durante as gravações: na natureza, a história é bem diferente

Ao retratá-los como ameaças constantes, o público desenvolveu a falta de empatia, o que levou a uma diminuição do apoio aos esforços de conservação da espécie. O tubarão, enfim, pagou a conta de Bruce, a figura mecânica desenvolvida por craques de efeitos especiais de Hollywood, quando a atividade ainda engatinhava. O próprio Benchley passou a vida, depois do estrelato, tentando corrigir o equívoco. "Uma versão atualizada do filme não poderia apresentá-lo como vilão", chegou a dizer. "Ele teria de ser mostrado como a vítima, por serem muito mais oprimidos do que opressores."

O correto, tudo somado, apesar de sustos que não podem ser ignorados, e de tragédias que ocorreram e continuam ocorrendo, é vê-los como predadores de topo da cadeia alimentar, com uma função vital: retirar peixes doentes e debilitados de circulação, de modo a garantir a saúde dos chamados "estoques pesqueiros". Sem eles, o oceano pode adoecer e morrer. Da próxima vez que você ouvir aquela toada tenebrosa de John Williams, saiba que é apenas o marco de uma ficção genial, coisa de cinema. ■



ALEXIS ROSENFELD/GETTY IMAGES

SEM SUSTO Mergulhadora em contato no fundo do mar: interações pacíficas

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Uma revelação: até andarmos sobre duas pernas, a estrada foi sinuosa e não linear. É descoberta que ilumina a beleza da evolução

NATALIA TIEMI HANADA



DAS APROXIMADAMENTE 250 espécies de primatas existentes, os humanos são os únicos que evoluíram para se mover exclusivamente em postura ereta. A razão fundamental para essa transição evolutiva sempre foi um mistério para a ciência. Várias teorias foram propostas para explicar por que nossos ancestrais desceram das árvores e começaram a andar sobre duas pernas. Entre elas, destacam-se a libertação das mãos para carregar filhotes e outros objetos; a possibilidade de uma linha de visão aprimorada em terrenos abertos; e a melhoria da capacidade de arremessar projéteis. São, enfim, recursos de sobrevivência.

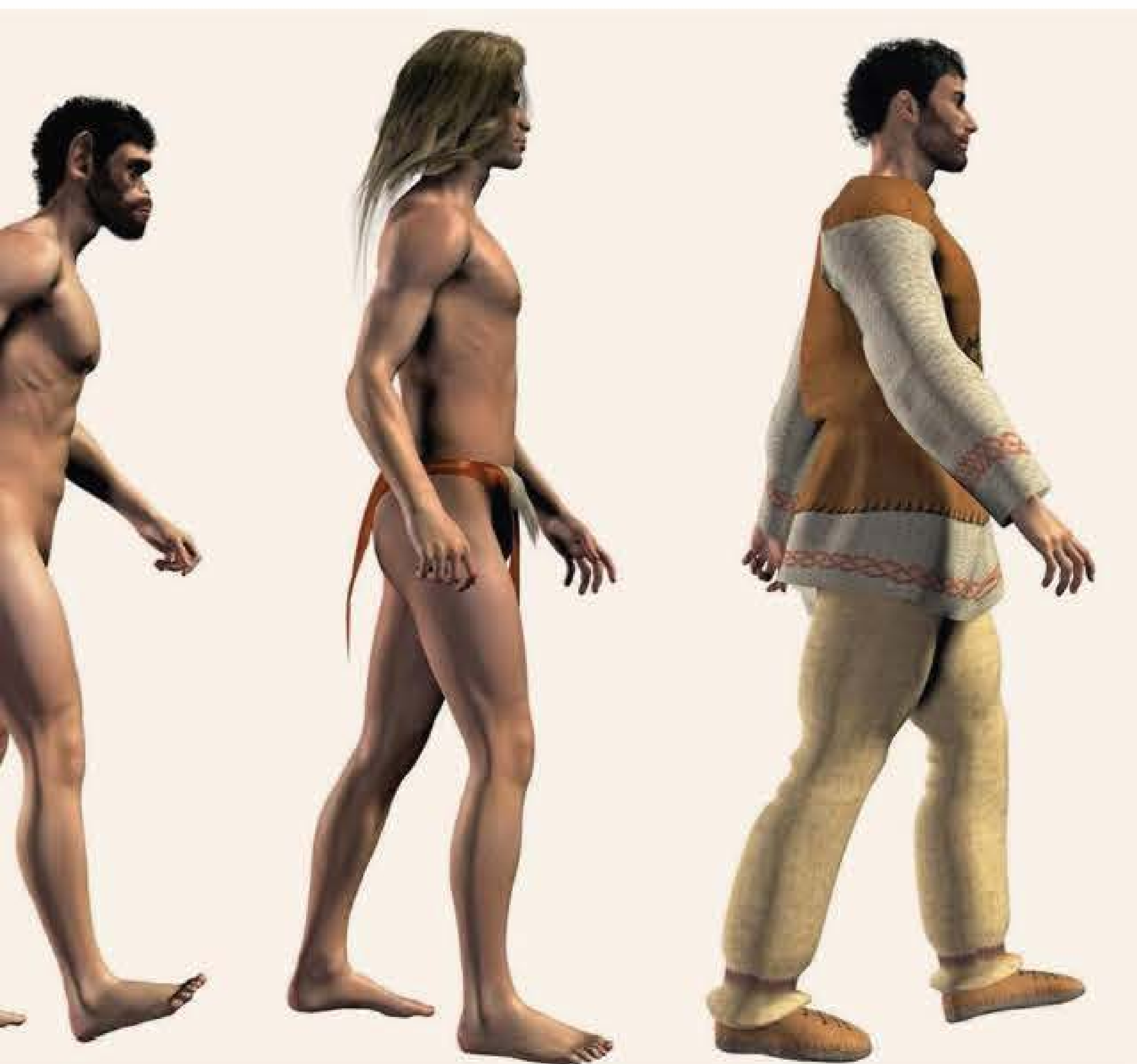
Uma pesquisa publicada na revista *Plos Biology* joga alguma luz no enigma, ao dar pistas de respostas para uma indagação fundamental: como os mamíferos passaram de uma postura esparramada, como os lagartos, para uma postura em cima de quatro patas, como cães e gatos, até chegar aos humanos bípedes, de andar que desafia a própria física? Imaginava-se uma toada linear, sempre avante. Não. A humanidade caminhou entre idas e vindas, avanços e recuos, até enfim equilibrar-se de modo vertical. "A progressão foi complexa", diz Robert Brocklehurst, paleontólogo do Departamento de Biologia Evolutiva da Universidade Harvard, líder do trabalho.

Para avaliar as mudanças, a equipe de Brocklehurst analisou o úmero (osso do braço) de mais de sessenta fósseis e 140 animais vivos, incluindo mamífe-



DON ARNOLD/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

AVANÇOS
Os membros espalhados dos lagartos, como o dragão-de-komodo, e a postura do gorila, que fica reto sobre as patas: a natureza sempre apostou na tentativa e no erro, em lição que devemos compreender e seguir ainda hoje



TIZIANO CREMONINI/ISTOCK/GETTY IMAGES

DESAFIO Do macaco ao homem: até chegar a um passo único e complexo



RAIMUND LINKE/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES

ros, répteis e anfíbios — e, claro, gorilas. Por meio de um software especialmente desenvolvido para a empreitada, com recursos da onipresente inteligência artificial, os especialistas mapearam a superfície de cada osso de modo a medir características como comprimento, distribuição de massa, alavancagem muscular e torção (o grau em que o osso se torce ao longo de seu comprimento). Essas características se correlacionam com modos específicos de mobilidade e permitiram reconstruir a postura e a locomoção nos fósseis.

Um deles, vindo de um parente próximo dos mamíferos modernos, mostrou-se particularmente revelador. Ele apresentou características totalmente eretas, sugerindo que essa adaptação se desenvolveu mais tarde do que as hipóteses existentes. Ou seja, seria a prova das idas e vindas na evolução do caminhar sobre duas pernas. No caso dos humanos, segundo os estudiosos, nossos antepassados andavam eretos apenas parte do tempo, combinando com deslocamento por árvores. Tinham, portanto, posturas intermediárias, com quadris e pernas adaptados ao solo, mas braços ainda longos para subir em árvores. Outro fator de influência foram as imensas variações ambientais na África, o berço da humanidade, com florestas que se transformaram em savanas e depois em florestas, novamente. Resultado: os hominídeos eram forçados à dupla adaptação: tanto ao ambiente terrestre (bípede) quanto ao arbóreo (quadrúpede).

O bipedalismo nos faz diferente dos animais — daí a repercussão da recente investigação, ao supor como fomos indo. "Caminhar é um feito mais engenhoso do que costumamos pensar", escreve o americano Bill Bryson, evangelizador científico em *Corpo – Um Guia Para Usuários*. Equilibrados em apenas dois suportes, nossa existência é um desafio constante à gravidade. Como crianças pequenas graciosamente demonstram, caminhar é em essência uma questão de projetar o corpo adiante e deixar que as pernas se virem para acompanhar. Para o paleoantropólogo Daniel Lieberman, também de Harvard, "caminhar é como andar em pernas de pau".

Não tem sido fácil. O bipedalismo, sublinhe-se, tem consequências, como qualquer pessoa com dor crônica nas costas e nos joelhos pode atestar, imaginando ser mal moderno, apenas, mas vem lá de trás. A adoção de uma pelve mais estreita para acomodar a ossatura trouxe uma quantidade imensa de dor e perigo à mulher no parto. Até tempos muito atuais, nenhum outro animal na Terra corria tanto risco de morrer no parto quanto um humano e talvez mesmo hoje nenhum outro sofra tanto. São os problemas derivados de uma qualidade humana, demasiadamente humana. ■

OS NOVOS ÂNGULOS DA RAINHA

Personagem que sempre exerceu fascínio sobre a humanidade, Cleópatra é redescoberta agora em direções distintas daquelas forjadas pelos mitos europeus **DIOGO SPONCHIATO**

JEAN-ANDRÉ RIXENS//ACERVO MUSEU DOS AGOSTINHOS

NÃO HÁ PÁREO. Nenhuma mulher hipnotizou tanto e durante tanto tempo (são mais de 2 000 anos) a atenção de súditos, inimigos, pesquisadores e artistas como a última rainha do Egito. Das moedas com sua efígie às sucessivas aparições no cinema — a mais famosa, sem dúvida, na pele de Elizabeth Taylor —, Cleópatra é a prova rediviva de que seres humanos viram lenda moldados pelo tempo e pela pena dos que escrevem a história e a maquiam de acordo com suas preferências, paixões e preconceitos. Desde que uma escola de pensamento anticolonial ganhou terreno do século XX em diante, revendo e reparando as construções de berço europeu, e novas peças e documentos vieram à luz sob maior rigor científico, o ícone egípcio que se aliou a ninguém menos que o maior líder dos romanos também passou por uma repaginação. Saiu de cena a figura meramente sedutora e brotou a personagem de inteligentes posturas políticas. Exemplo retumbante desse itinerário e das transformações de tão longeva figura pode ser visto e apreciado em uma exposição recém-inaugurada no Instituto do Mundo Árabe, em Paris, *O Mistério de Cleópatra*. É o mito desmistificado pelas lentes orientais.

Cleópatra (69 a.C.-30 a.C.), a sétima de seu nome — sim, houve outras antes dela, mas nenhuma igual a ela —, provém de uma dinastia greco-macedônia iniciada por um militar que acompanhou Alexandre, o Grande, em suas investidas de expansão pelos continentes africano e asiático, Ptolemeu. Cresceu e apareceu em meio a rinhas familiares na então capital do país, Alexandria, e conheceu César, o general romano, aos 22 anos em um momento em que Roma ampliava seus domínios. “Ela era instruída, inteligente, possivelmente virgem e poliglota, falando grego, latim, etíope, egípcio e a língua que César mais respeitava: a do poder”, descreve o historiador britânico Simon Sebag Montefiore em *O Mundo — Uma História Através das Famílias* (Companhia das Letras), que reserva boas páginas à personagem. Protegido pelo senhorio romano, o Egito ficou sob o trono de Cleópatra, que chegou a ter um filho com César, morto pouco tempo depois no famoso episódio de traição envolvendo Bruto. Foi aí que outro general entrou na história... e na vida da monarca.

Marco Antônio se apaixonou por Cleópatra e eles tiveram gêmeos, mas, em prol do jogo pelo poder, logo deixou o Egito para trás para se casar com a irmã de outro líder em franca ascensão, Otaviano. Em 38 a.C., o marido fujão teve seu Exército dizimado numa campanha pela Ásia. Então, eis que aparece Cleópatra, comandando barcos com suprimentos


20TH CENTURY

VERSÃO OCIDENTAL Liz Taylor como a rainha no filme de 1963: distorções



A LENDA *A Morte de Cleópatra*, pintura de J.A. Rixens (1874), na mostra em Paris: a ideia de *femme fatale*

para salvar o amado. “Seu apoio, seus acessos de raiva e os filhos que compartilhavam convenceram-no de que seu destino era com ela”, escreve Montefiore. Marco Antônio voltou ao Egito. A paz, porém, não ia durar. Otaviano fez uma campanha difamando o general e o “monstro fatal” Cleópatra, e o Senado declarou-a inimiga — era a guerra pelo mundo mediterrâneo. A rainha participou ativamente dos planos de batalha, mas o vento virou para Otaviano, o futuro primeiro imperador romano. A herdeira dos faraós ainda negociou à surdina com o rival para poupar seus filhos. No fim, perdeu a contenda, suicidou-se com veneno aos 39 anos — a mítica cena da cobra de Cleópatra —, mas entrou de vez para a história.

“Por que tanto renome?”, indaga a apresentação da mostra no Instituto do Mundo Árabe, de Paris. “Pinturas, esculturas, gravuras, manuscritos, objetos arqueológicos, joias e moedas, trajes, projeções, fotografias... Tudo oferece respostas”, continua o texto, que reúne obras de museus muito além da França. Um dos aspectos mais interessantes dessa incursão é trazer o que autores árabes daquelas e subsequentes eras pensavam da personagem. Diferentemente do imaginário romano, muito mais ferino, eles destacaram suas qualidades intelectuais e seu papel como chefe de Estado. No Ocidente, a partir dos retratos nada lisonjeiros dos vencedores de Roma, Cleópatra tornou-se símbolo de luxúria, traição e perigo. Embora as mais recentes biografias, baseadas em farta pesquisa, desmintam essa visão — ainda que ela tenha tomado decisões como pedir a cabeça da própria irmã a Marco Antônio, algo um tanto quanto frequente naquela e em outras cortes antigas —, a rainha do Egito ganhou as telas do cinema como uma deslumbrante e maquiavélica diva europeia. O que a exposição em cartaz em Paris quer distinguir e evidenciar é onde “o mito prevaleceu sobre os fatos”.

Sob essa óptica, a mostra apresenta também a virada de percepção que decolou no século XX, quando Cleópatra passou a ser utilizada como ícone de movimentos identitários, de independência e resistência ao colonialismo. Mais recentemente, chegou a ser apresentada como negra numa série de streaming, símbolo de uma África frequentemente atacada e dominada por estrangeiros. E, rompendo as fronteiras geográficas, sua imagem foi realçada como a de mulher que soube fazer sua voz ser ouvida, adornando o panteão feminista. Eis a rainha, sob novos ângulos e direções, mas sempre, sempre fascinante. Cleópatra não para de nos surpreender. ■



REPRODUÇÃO

SOBERANA Moeda egípcia recuperada para a exposição: efígie imortal


EDWARD BERTHELOT/GETTY IMAGES

FEBRE As figurinhas: as peças originais levaram a dona da marca, a Pop Mart, a 1 bilhão de dólares em valor de mercado


X @DLIPAHUNGARY

SUCESSO Dua Lipa e o brinquedo pendurado na bolsa: item fashion

FEIOS, INGÊNUOS E GRACIOSOS

O Labubu, monstrinho de pelúcia lançado por um fabricante da China, ganha o mundo com a ajuda de fãs famosos e enriquece a empresa responsável pela produção **SIMONE BLANES**

É PUERIL, mas cabe uma compreensão adulta. A não ser que você esteja no mundo da lua, e apartado das redes sociais — o que soa improvável —, já deu de cara com uns feiosos monstrinhos de pelúcia que parecem misturar coelho, elfo e gremlin. Bem-vindo ao universo particular dos Labubus, criação de um artista de Hong Kong para a Pop Mart, gigante chinesa de brinquedos colecionáveis. Virou fenômeno de gente grande, alimentado por famosos. Começou com a turma do quarteto sul-coreano Blackpink. Não demorou, como todo modismo, para virar onda entre influenciadores a exibir as traquitanas coloridas em vídeos de *unboxing*, aquele truque meio tolo, mas viciante, de ir abrindo caixas para apresentar surpresas. E então deu-se a adesão de estrelas como Rihanna e Dua Lipa, fotografadas com as desajeitadas gracinhas penduradas em bolsas ou na cintura. No Brasil, despontou com artistas como Marina Ruy Barbosa e Pabllo Vittar.

Como onda no mar, vem e voltará para a reclusão do anonimato, mas é farra que não pode ser desdenhada. O valor de mercado da Pop Mart atingiu 1 bilhão de dólares, e contando. Uma peça simples custa algo em torno de 150 reais e pode ir a 800 reais. Uma raridade, digamos assim, do rapper e estilista Pharrell Williams, lotado na Louis Vuitton, foi leiloada ao equivalente a 176 000 reais. Não há estimativa confiável de quantas unidades foram vendidas em todo o mundo.

Loucura? Espuma promovida pela avalanche de visualizações no Instagram, no TikTok e no chinês Xiaohongshu? Pode ser, talvez seja mesmo uma monumental tolice. Mas, como tudo na vida é relativo, diante de tanta guerra um Labubu qualquer merece celebração, mesmo os falsificados.

Há quem tente até alguma explicação filosófica, que está valendo, sem dúvida, mas não precisa ser levada ao pé da letra. "Alguns consumidores se entregam a brinquedos para dar a si mesmos algum descanso", diz Frédérique Tutt, especialista em indústria de brinquedos da Circana, empresa americana de análise de mercado. "Os Labubus nos levam a um universo ingênuo", ecoa a consultora de moda Camile Stefano. "E, quando a moda se apropria de figuras assim, é para resgatar a imagem lúdica, infantil e até fantasiosa das pessoas. É uma forma mais leve de enxergar a vida."

Leve, mas muitas vezes leviana. Não demorou para que golpistas fizessem desse sucesso um atalho para golpes. Atenção, portanto, a sites que anunciam descontos espetaculares. São contrafações, atalhos para roubar dos incautos informações de cartões de crédito. Atenção, portanto, aos larápios. Eles logo partirão a caminho de outras praias, deixando para trás os seres orientais que conquistaram o Ocidente. Na dúvida, em tempos tão bicudos, convém lembrar de uma frase do filósofo alemão Karl Groos (1861-1946): "Nós não paramos de brincar porque envelhecemos, mas envelhecemos porque paramos de brincar". Brinquemos, pois, como fizemos no passado recente com o Tamagotchi e o Fidget Spinner, aquele disquinho giratório de girar a cabeça. Até o próximo modismo. ■



LUCILIA DINIZ

A CIÊNCIA DO IMPROVISO

É possível cuidar de si em qualquer lugar

QUEM TEM uma rotina de viagens profissionais parece viver uma constante sucessão de improvisos. O tempo voa entre um compromisso e outro. Vai-se de uma conferência a uma reunião, desta para um café, e muitas vezes também as refeições são momentos de trabalho.

Agora mesmo estou há algumas semanas entre Europa e Ásia e sei bem como agendas apertadas podem servir de desculpa para negligenciar os cuidados pessoais. No entanto, improviso não precisa ser sinônimo de desorganização. Na verdade, ele tem a ver com a capacidade de adaptação, que é fundamental para qualquer viagem bem-sucedida.

Sempre me interessei pela ciência do hábito, que analisa como comportamentos se formam, se sustentam ou mudam. Essa área de estudo nos mostra que nossos hábitos se estruturam em ciclos claros: um gatilho ativa uma rotina que, por sua vez, traz uma recompensa.

Quando estamos fora de casa, especialmente em viagens frequentes e longas, é muito fácil romper esse círculo virtuoso. É aí que entra outra ciência que tenho aperfeiçoado: a "ciência do improviso".

Um exemplo disso é uma das minhas estratégias favoritas para me exercitar em qualquer lugar que tenha uma porta: levar na mala uma faixa elástica e uma caneta.

Basta encaixar a caneta no vão entre a porta e o batente, ancorando assim o elástico, e temos tudo o que é preciso para um treino rápido e eficaz de fortalecimento muscular. Esse pequeno ritual, na verdade, funciona como um poderoso lembrete: estar longe de casa não significa abandonar a disciplina.

No meu caso, a rotina entre deslocamentos inclui trajetos a pé, sempre que possível, e me alongar ainda na cama, para garantir a disposição durante os longos dias. Como se vê, é preciso bem pouco para acionar a ciência do improviso.

Ela envolve criar novos gatilhos e associá-los a pequenas recompensas imediatas, ainda que seja para compensar eventuais escapadas gastronômicas.

Assim, o famoso black pudding britânico pode até não ser um exemplo clássico de dieta saudável, mas, estando nas terras do rei Charles, não é preciso pular esse clássico dos cafés da manhã de lá. É exatamente nessas ocasiões que um breve treino improvisado pode fazer toda a diferença.

"A criatividade é o melhor aliado de quem quer manter corpo e mente saudáveis"

Mesmo pratos equilibrados, como o saudável shabu-shabu japonês — que acredito ser parte do segredo da longevidade local —, podem ser usados como gatilhos para lembrarmos da necessidade de manter o cuidado corporal.

Mais importante ainda é vencer o estigma comum de que estar longe de casa é sinônimo de ganho de peso ou de negligenciar a saúde. Afinal, "companheiros de viagem" como a faixa elástica pesam bem menos na bagagem do que a consciência por não ter cuidado de si em uma ausência prolongada.

Com a ciência do improviso, aliada ao autoconhecimento e ao domínio dos ciclos de hábito, é perfeitamente possível retornar de qualquer viagem profissional mais forte, focado e pronto para encarar novos desafios.

A criatividade não é só recurso destinado a soluções de última hora: ela é o melhor aliado de quem quer manter corpo e mente saudáveis, mesmo quando o movimento mais frequente é o das rodinhas das malas. ■

Água de qualidade e respeito ao meio ambiente

é disso que se trata



Mais do que tratar a água que abastece diariamente milhões de pessoas em todo o estado, a Cedae também cultiva o futuro. Com o "Replantando Vida", milhares de hectares da Mata Atlântica vêm sendo recuperados com espécies nativas e ameaçadas. Um compromisso que une tecnologia e natureza, garantindo água de qualidade para esta e as futuras gerações.

CEDAE 50 ANOS

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
O TRABALHO NÃO PARA. É TODO DIA E É DE TODOS.

Acesse e saiba mais.





Replantando Vida

2 mil hectares
de áreas verdes recuperadas

4,5 milhões
de mudas já plantadas

60 MIL litros
de água tratada por segundo

13 MILHÕES
de pessoas abastecidas

ETA GUANDU
Maior estação de tratamento de água do mundo

@cedaerj


NETFLIX

CANCELAMENTOS

Em julho de 2024, um podcast investigativo britânico trouxe à luz a história de duas mulheres que acusavam o escritor Neil Gaiman de assédio sexual. A revelação surpreendeu fãs e colegas de trabalho, entre eles a imensa equipe da série ***Sandman:*** baseada na graphic novel de Gaiman, a superprodução da Netflix estava a apenas três semanas de encerrar as gravações da segunda temporada. Na continuação da trama de fantasia lançada em 2022, o protagonista Morpheus (Tom Sturridge), o Mestre dos Sonhos, reconstruiu seu reino destruído e, agora, vai ao inferno, onde Lúcifer (Gwendoline Christie) lhe fará uma proposta perigosa. De forma metafórica, na vida real, Gaiman também foi ao inferno — e por lá ficou quando novas vítimas surgiram com evidências contundentes: até o momento, nove mulheres vieram a público contra o autor de 64 anos. A Netflix, então, se viu diante de dois caminhos. De um lado, a plataforma poderia cancelar o lançamento da segunda temporada para evitar críticas e perda de assinantes — e jogar fora o investimento de 180 milhões de dólares. A outra opção pareceu mais nobre (e lucrativa): honrar o trabalho de uma equipe de 1 000 pessoas e


JOSE PEREZ/BAUER-GRIFFIN/GC IMAGES/GETTY IMAGES

JUSTIÇA *É Assim que Acaba:* treta entre Baldoni e Blake engavetou sequência





ANDREW TOTH/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

OBRA E AUTOR *Sandman (à esq.)* e Gaiman: cancelados

EM SÉRIE

Grandes produções como *Sandman* pagam pelos pecados e polêmicas de seus criadores, numa nova onda que assombra Hollywood

RAQUEL CARNEIRO

atender ao anseio dos espectadores que aguardam por novos episódios. "Sei que a Netflix pensou: 'Gastamos dois anos fazendo isso. Temos esses atores, roteiristas e diretores envolvidos. Se não for ao ar, eles não serão recompensados pelo trabalho'. Então, decidimos deixar que a série fale por si", afirmou o produtor David S. Goyer. O resultado poderá ser visto na plataforma a partir de quinta-feira 3, quando sai a primeira parte da nova temporada, seguida por um segundo pacote, no dia 24, e um episódio especial no dia 31, que colocará um fim definitivo no programa — a Netflix diz que o plano era encerrar com duas temporadas, mas o timing do anúncio é no mínimo suspeito.

O caso ilustra o momento complexo e inédito pelo qual passa a indústria do entretenimento: após uma fase embalada pelo movimento #MeToo, na qual a revelação do passado sujo de celebridades e executivos do setor culminou em condenações e demissões — e até redenções, caso do ator Kevin Spacey, que voltou ao trabalho após ser inocentado das denúncias de assédio contra rapazes menores de idade —, agora produções gigantescas em andamento acabam na berlinda quando uma de suas peças criativas fundamentais é envolta em acusações criminosas, ou se embrenha em ideias e ideologias controversas.

Os estúdios logo se veem obrigados a se afastar dessas personalidades, às vezes antes até de um veredicto da Justiça. Trata-se de uma punição simbólica ao artista, que passa a mensagem de que tais empresas se solidarizam com as vítimas — postura que evita uma crise de imagem e boicotes. Milhões de dólares correm rio abaixo — mas a corda arrebenta mesmo no lado mais fraco: uma enorme cadeia de profissionais vira dano colateral e paga o preço por tabela.

A Marvel e sua trupe de heróis encararam esse golpe quando o estúdio demitiu o ator Jonathan Majors, condenado por violência doméstica, em 2023. Intérprete do vilão Kang, uma espécie de novo Thanos, Majors era peça essencial do futuro da Marvel, que precisou reorganizar os planos sem ele: dois filmes com os Vingadores, que chegariam aos cinemas neste ano, foram cancelados. Há ainda produções que entraram em um limbo sem sinal de luz, como a sequência de *É Assim que Acaba* (2024), baseado

na obra de Colleen Hoover, que está indeterminadamente suspensa enquanto a atriz Blake Lively e o diretor e produtor Justin Baldoni, que detém os direitos do título de imenso sucesso editorial, travam uma briga judicial tensa: ela o acusa de assédio, ele a processou de volta por difamação.

Em um campo mais nebuloso, a autora inglesa J.K. Rowling, criadora da amada saga juvenil *Harry Potter*, assumiu uma postura transfóbica que, apesar de não ser um crime, decepcionou muitos fãs. Seu cancelamento nas redes sociais veio seguido do posicionamento contrário dos atores da saga, que soma 7,7 bilhões de dólares em bilheteria. No momento, a mesma postura é exigida do novo elenco que acaba de ser anunciado para a produção de uma série de TV da HBO que tem J.K. como produtora-executiva. John Lithgow, o novo Dumbledore, é do tipo que separa o artista da obra: ele recusou conselhos para desistir do papel e não vê uma ligação das ideias da autora com a nova série. Para não deixar dúvidas, o inglês Paapa Essiedu, que será Snape, assinou um manifesto em apoio à comunidade trans. Houve quem pedisse a cabeça dele para J.K. nas redes — ela afirmou que nunca demitiria alguém que pensa diferente dela. Apesar do tiroteio virtual, a HBO continua a bancar o projeto, que estreia em 2027.


MARVEL

DEMISSÃO Jonathan Majors como Kang: Marvel apostou no ator e se deu mal

O mesmo horizonte não se vê diante de Neil Gaiman: seus contratos foram todos rasgados. Além do fim precoce de *Sandman*, a Netflix também cancelou o spin-off da trama, *Garotos Detetives Mortos*. A concorrente Prime Video vai verter em filme a terceira temporada da série *Good Omens* e deixou sem data de estreia a adaptação de *Os Filhos de Anansi*, que está pronta. Uma produção teatral baseada no livro *Coraline* também saiu de cartaz e a editora de Gaiman deixou de publicar sua obra. A ascensão e queda de uma estrela em Hollywood pode ser dura, mas pior é o caso dos que confiaram nessas personalidades — e descobriram que o sonho de lucro pode se tornar um pesadelo. ■


TOLGA AKMEN/AFP


WARNER BROS.

OPINIÕES J.K. Rowling *(acima)* e atores de *Harry Potter*: opostos



A **Paper Excellence** parabeniza o **Grupo Abril por 75 anos** de compromisso com a informação, educação e cultura do país.

São **sete décadas e meia construindo pontes entre gerações,** formando opiniões e contribuindo para um **Brasil mais bem informado e consciente.**

Que venham muitos outros capítulos dessa **trajetória de excelência.**



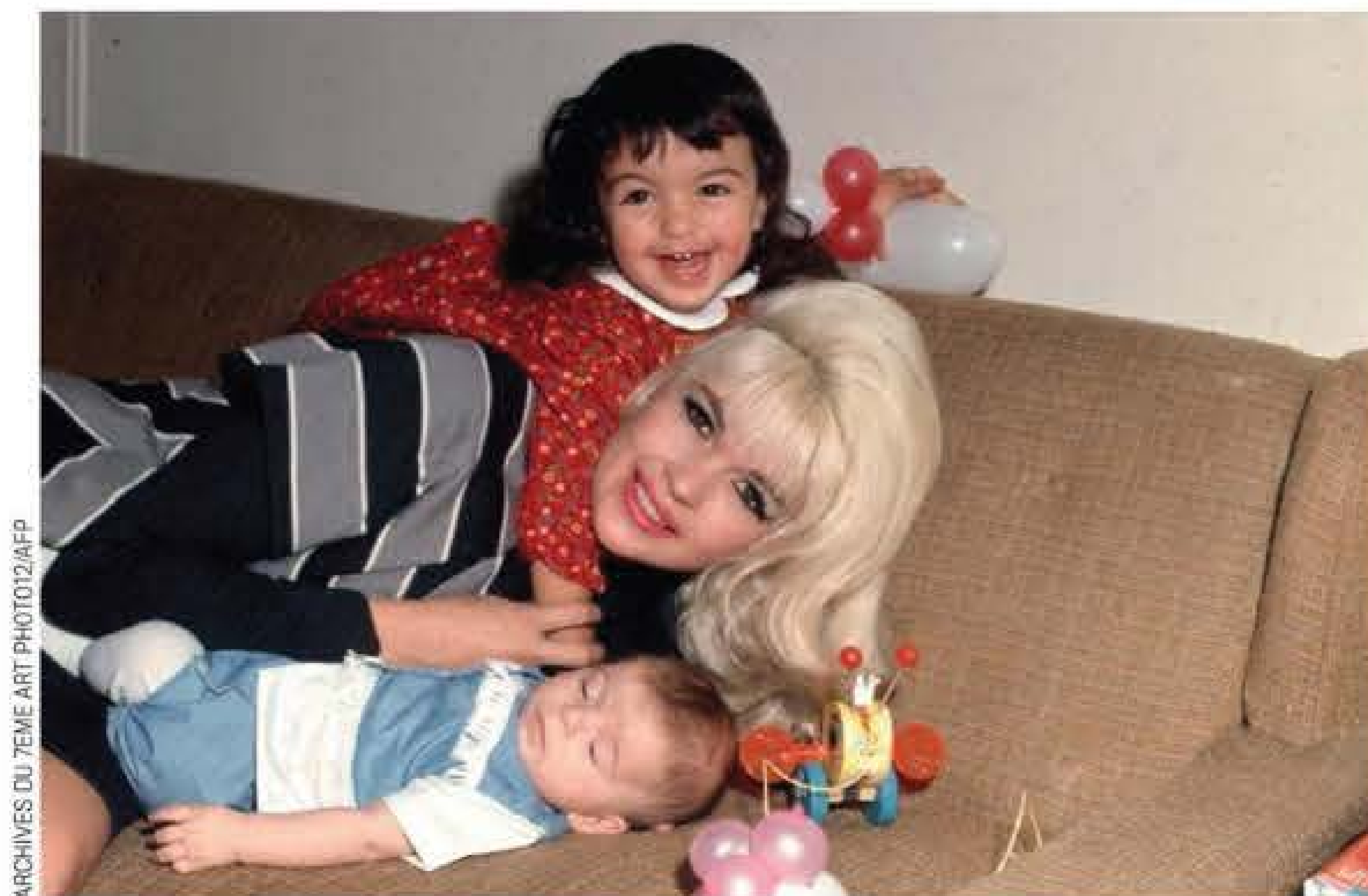
PAPER EXCELLENCE

Domtar

Uma subsidiária do **Grupo Domtar**

FERIDAS DO PASSADO

No documentário *Minha Mãe Jayne*, da Max, a sex symbol Jayne Mansfield tem sua vida resgatada pela filha Mariska Hargitay, atriz que revela ao mundo seu pai biológico — um brasileiro


ARCHIVES DU 7EME ART PHOTO12/AFP

MEMÓRIA Mariska *(em cima)* com a mãe e irmão: vida cessada por acidente

AOS 3 ANOS de idade, Mariska Hargitay dormia no banco de trás de um carro quando sofreu um acidente feio ao lado de dois irmãos, do padrasto, Sam Brody, e da mãe, Jayne Mansfield — atriz e sex symbol que caíra no ostracismo após anos rivalizando com Marilyn Monroe em Hollywood, nas décadas de 1950 e 1960. Por milagre, Mariska e os irmãos sobreviveram, mas os adultos morreram instantaneamente na estrada da Rota 90, em Louisiana, na madrugada de 29 de junho de 1967. Jayne tinha só 34 anos — dois a menos do que Marilyn à época de sua morte, em 1962, em mais uma semelhança entre as duas — e se tornaria uma sombra na vida de Mariska.

Agora, no documentário ***Minha Mãe Jayne***, já disponível na Max, a filha ilumina a memória da mulher que a deu à luz e também revela um segredo escondido há décadas: criada e registrada pelo ator e fisiculturista húngaro-americano Mickey Hargitay (1926-2006), de quem carrega o sobrenome, a artista na verdade é filha biológica do músico brasileiro Nelson Sardelli, que viveu um romance breve com sua mãe num período em que Jayne e Mickey estavam separados. A relação com os dois pais também é um tema central do doc.

Hoje, aos 61 anos, Mariska é a protagonista da série dramática mais longeva da televisão americana, *Law & Order: Special Victims Unit*, que já dura mais de 25 anos e lhe rendeu estatuetas do Emmy e do Globo de Ouro por seu trabalho como a capitã Olivia Benson. O papel da detetive durona que caça abusadores sexuais a inspirou ainda a fundar uma ONG que ajuda sobreviventes de estupro. Toda dedicação à série e à filantropia, confessa ela, serviam como forma de se afastar da imagem da mãe, que a constrangia — afinal, Jayne foi alçada ao estrelato após estampar uma capa da *Playboy*. Por falar vários idiomas, tocar piano e violino, a diva ganhou da revista *Life* o título de "loira burra mais inteligente da Broadway". Antes de virar uma das figuras mais desejadas pelos homens, Jayne sonhava em ser atriz dramática, tendo disputado o papel de Joana d'Arc. Um produtor de elenco, porém, convenceu-a a imitar Marilyn, e ela assim fez sucesso com a comédia romântica *Em Busca de um Homem* (1957). Em 1963, no filme *Promessas! Promessas!*, ela exibia suas curvas em boa parte dos 75 minutos de trama. O estigma de símbolo sensual a perseguiu até o fim precoce.

Após anos de terapia, Mariska decidiu resgatar a história de Jayne em sua estreia como diretora, como forma de fazer as pazes com seu passado, além de dar dignidade à história da mãe. "Eu tinha vergonha das escolhas que ela fez", admitiu Mariska recentemente. O sentimento mudou quando Hargitay desmistificou essa imagem. A viagem no tempo curou feridas. ■

Kelly Miyashiro



HERANÇA Jayne *(à esq.)* e a filha hoje: rival de Marilyn Monroe ainda ressoa na protagonista de *Law & Order: SVU*, que venceu Emmy e Globo de Ouro

FOTOS PHOTO12/AFP; DEBRA L ROTHENBERG/FILMMAGIC/GETTY IMAGES



ZEEKR 001

A VERDADEIRA REDEFINIÇÃO DE PERFORMANCE E SOFISTICAÇÃO.





DESENHADO NA SUÉCIA



SEGURANÇA MÁXIMA
5 ESTRELAS



544 CV | 2 MOTORES
ELÉTRICOS AWD

zeekr.com.br

IBAMA Desacelere. Seu bem maior é a vida.

Designed to redefine

MAGIA TROPICAL

Com o romance *Cartografia para Caminhos Incertos*, Ian Fraser viaja por cidades mitológicas no interior da Bahia e reforça onda que une brasilidade e misticismo na literatura **AMANDA CAPUANO**

POUCO ANTES de a pandemia eclodir no Brasil, em 2020, o baiano Ian Fraser devorou as páginas do intrigante *A Cabeça do Santo*, de Socorro Acioli. Ao final da leitura, uma imagem dominou sua mente: um homem andando sem rumo, como fizera o personagem Samuel no início da aclamada obra da cearense. Nela, o protagonista se abriga na cabeça de uma estátua de Santo Antônio e passa a ser capaz de ouvir as preces feitas a ele. Intrigado com a figura, Fraser uniu a inspiração nacional a outras influências para criar a história de Mané, jovem aspirante a poeta que perde seu amado ao se afastar de Redenção — cidade fictícia no interior da Bahia que muda constantemente de lugar, e desaparece num passe de mágica quando o protagonista ultrapassa sem querer suas fronteiras. "A história é consequência de três obras que mexeram comigo: *A Cabeça do Santo*, da Socorro, *Cândido, ou O Otimismo*, de Voltaire, e *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino", disse a VEJA o escritor de 41 anos sobre ***Cartografia para Caminhos Incertos***, recém-lançado pela Intrínseca *(leia a entrevista abaixo)*.

Ambientado em uma Bahia com cidades mitológicas — da errática Redenção a municípios ainda mais pitorescos, como a pequena Dionésia, onde todos são atores interpretando funções do dia a dia, mas a arte em si é reprimida —, o livro é o oitavo de Fraser, que começou a carreira com financiamento coletivo e já vendeu cerca de 15 000 livros. É o primeiro, no entanto, em que ele se livra da estrutura convencional que descreve como "literatura de entretenimento" e mergulha numa narrativa original que explora a cultura brasileira e a busca por identidade, unindo a realidade local a elementos místicos que se misturam ao cotidiano dos personagens. Na es-



LÍGIA RIZÉRIO

MULTICULTURAL Ian Fraser: autor baiano é neto de bibliotecária americana

"O BRASILEIRO ADORA SE VER"

Neto de americana, nascido e criado em Salvador, Ian Fraser fala a VEJA sobre suas inspirações literárias e a busca por autenticidade nas páginas.

***Cartografia para Caminhos Incertos* fala de Redenção, cidade fictícia que muda de lugar constantemente. Como surgiu essa ideia?** Eu estava em um mo-


INSTAGRAM @SOCORROACIOLI

INSPIRAÇÃO Socorro Acioli: cearense já vendeu 200 000 livros

teira de sucessos como *A Cabeça do Santo* e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior — o primeiro com adaptação confirmada para o cinema e o último com mais de 1 milhão de cópias vendidas e uma série em produção na Max —, a obra de Fraser reforça um filão que bebe de certo surrealismo tropical e da religiosidade para reaquecer a brasilidade nas páginas. "Minha escrita mudou muito depois que conheci *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez. Ali eu vi a possibilidade de falar da realidade através da fantasia, com uma perspectiva encantada daquilo que nos cerca", conta ele, citando o clássico do realismo mágico que trata a fantasia como parte natural da vida humana.

Berço de uma literatura vibrante, de Machado de Assis ao modernismo que dominou o século XX, o Brasil construiu sua marca nas letras explorando temáticas profundas do nosso território, do indianismo que colocou os povos nativos no centro da cena e moldou para o país um ideal nacional ao retrato sem filtros da pobreza, de clássicos naturalistas como *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, ao contemporâneo e autobiográfico *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. A fantasia, claro, sempre teve seu espaço nobre nesse cenário multifacetado, pincelada por autores como Jorge Amado, Guimarães Rosa e Murilo Rubião em histórias que entrelaçam as raízes ancestrais da nação, misticismo e questões sociais. De uns tempos para cá, porém, essa identidade havia perdido força. "Autores como a Socorro, o Itamar e o Ian põem no centro da narrativa elementos da cultura brasileira, algo que não era mais tão comum há poucos anos", atesta Gustavo Tuna, gerente editorial da editora Global e mestre em história cultural. Para ele, por algum tempo os autores nacionais se pautaram pela busca de referências de sucesso do exterior. "Agora há um resgate da brasilidade. Os leitores gostam de ver fragmentos da própria história nos livros", diz.


RAFAELA ARAÚJO/FOLHAPRESS

SUCESSO Itamar Vieira Júnior: best-seller *Torto Arado* abriu caminho

Nascido e criado em Salvador, Fraser tem um elemento extra para perseguir a brasilidade: neto de americana, ele herdou o nome de origem anglófona, o que fez com que muitos questionassem sua identidade. "Fui alfabetizado primeiro em inglês, morando na Bahia. É uma desassociação do que se espera de um baiano, então a identidade soteropolitana é muito preciosa pra mim", explica ele — cuja primeira ideia de livro que teve na vida foi, curiosamente, um faroeste. Sua cabeça, contudo, mudou após um puxão de orelha da então namorada, que disse estar cansada de brasileiros escrevendo para fora. "Por que vou criar um faroeste com nomes gringos? Estou na terra de Glauber Rocha, de Canudos e de Jorge Amado", diz ele hoje, depois de abraçar os sotaques e a cultura local em suas obras. A magia dos trópicos é mesmo irresistível. ■

mento de busca interna, e Redenção surge como um catalisador disso. É um livro sobre se perder e se achar, e uma cidade sem ponto fixo é uma ótima representação dessa nossa busca por identidade.

A autora Socorro Acioli é uma inspiração assumida de sua obra. Assim como ela, você e Itamar Vieira Junior se destacam explorando a brasilidade. Como vê o movimento? O brasileiro adora se ver. Esse boom está muito ligado a isso. É um fenômeno que ocorre nas novelas, e também na literatura. Há ainda um movimento mercadológico das editoras, que viram nessas histórias um meio de consumo viável.

A identidade brasileira é plural e complexa. Como colocar isso nas páginas? O essencial do brasileiro está nas pequenas coisas. Entender essa diversidade continental e valorizar as individualidades de cada região é importante. Salvador é minha musa inspiradora, mas o essencial está nas coisas miúdas que nos conectam: as festas populares, os causos contados, as tradições locais. Tem inspiração para 300 vidas de história.

STREAMING CALIENTE

Com sucessos como *Olympo*, a Netflix se confirma como paraíso de um nicho sugestivo: as séries espanholas em que a trama importa menos do que as cenas picantes **THIAGO GELLI**

A CADA CORTE, a câmera se aproxima mais das gotas de suor falso reluzente, dos músculos que se tensionam nos pescoços, ombros e peitorais e das expressões de dor e esforço que podem facilmente verter em prazer. No primeiro trailer divulgado da série *Olympo*, detalhes da trama pouco importavam. O que o público precisava saber é que, menos de um ano após o fim de *Elite*, a produtora espanhola Zeta Studios já havia criado outra série novelesca na qual jovens de corpos esculpidos competiam por algum status social e, no caminho, cometiam crimes e se atracavam repetidamente. Além disso, a ambientação não mais seria um colégio particular no qual filhos dos abastados vestem paletó, mas um ginásio de alta performance onde os melhores atletas do país estão sempre seminus, suados — ou ambas as coisas, quando na sauna. Orgulhosamente sem vergonha, a Netflix virou o paraíso de produções desse tipo — e encontrou na Espanha seu parceiro de negócios ideal para apimentar o catálogo com produções como a recém-lançada *Olympo*.

Livre dos grilhões da TV aberta, em que as ousadias são limitadas pelo alcance irrestrito (inclusive a crianças e idosos), o streaming pode carregar nas doses de libido sem medo de ser feliz. A Netflix sempre se equilibrou entre produções de prestígio capazes de lhe dar respeitabilidade em Hollywood, de *House of Cards* a *The Crown* — e, no paralelo, o apelo a certo erotismo pop. Na rede X, a conta oficial da divisão brasileira celebrou o lançamento de *Olympo* com uma simples pergunta: "Corpos malhados, doping, drama e (muita) pegação. Precisa de mais?". Como a série logo escalou ao topo dos títulos mais assistidos no país, é justo pensar que não. O doping e o drama, aliás, são detalhes. Dois dias depois, o perfil foi mais direto e listou seis das "cenas mais quentes de *Olympo*" com minutagem correspondente, dando uma mão para o público que sabe o que quer. Diversas outras publicações exibem o elenco masculino sem camisa ou a protagonista de maiô, acumulando dezenas de milhares de curtidas.

Quem vê a publicidade imagina que o conteúdo seja chocante. Junto às propagandas da plataforma, afinal, é fácil encontrar comentários que acusam o filão espanhol de ser pura pornografia. Um paralelo melhor, porém, seriam os velhos romances de banca de jornal sobre tentações eróticas, ou as próprias telenovelas. A nudez raramente vai além de um busto exposto e as cenas de sexo são claramente simuladas pelos atores. O que muda é a intensidade bem maior do que a exibida na TV aberta — e o leque diverso de possibilidades. Tanto em *Elite* quanto em *Olympo*, o direito ao sexo é estendido a casais gays e lésbicos, que dão muito mais que selinhos. A repaginação atrai o público adulto acostumado a folhetins — mas também os jovens.



MATÍAS URIS/NETFLIX

SEM PUDOR Cena de *Olympo:* uma série com sexo para todos os gostos



LUCIA FARAIG/NETFLIX

PARA MAIORES *Bem-Vindos ao Éden:* jovens libidinosos numa seita





MATÍAS URIS/NETFLIX

DESBRAVADORA *Elite:* a produção internacional mais longeva da Netflix

Quando foi lançada, em 2018, *Elite* foi vista por mais de 20 milhões de contas ao redor do globo, segundo a plataforma. Já em 2023, a agência Parrot Analytics conduziu estudo que indicou que 27% dos espectadores da série no ano anterior haviam assinado a Netflix apenas em nome dela, um terço dos quais abandonou a HBO Max para tal. Com oito temporadas, ela se tornou a produção internacional mais longeva da Netflix. O sucesso foi parte do que motivou o CEO Ted Sarandos a anunciar que a empresa vai investir mais de 1 bilhão de euros na indústria audiovisual espanhola entre 2025 e 2028, dez anos após o início de sua atuação no país. O plano é continuar a parceria que já gerou 1 000 títulos espanhóis inéditos, 20 000 empregos e 5 bilhões de visualizações de programas — além de uma indicação ao Oscar com o filme *Sociedade da Neve* (2023).

Com isso, as produções da Zeta Studios já ganham sucessoras cheias de volúpia dentro da própria plataforma — nenhuma das quais ainda conseguiu chegar ao mesmo patamar de sucesso. Da série espanhola adolescente *Merlí* (2015-2018), que acompanhava alunos de um curso de filosofia no ensino médio, surgiu *Sapere Aude* (2019-2021), sobre as descobertas sexuais de um universitário sem rótulos. Já em 2022, a produtora Brutal Media tentou emplacar *Bem-Vindos ao Éden*, com a história de jovens libidinosos presos numa seita, mas a trama não passou da segunda temporada. Fora da Espanha, surgiram outras séries de qualidade mais duvidosa e dramaticidade coruscante. Do México, veio *Desejo Sombrio* (2020-2022); da Colômbia, *Perfil Falso* (2023); e do Brasil, *Olhar Indiscreto* (2023) — todas produções que mesclam intrigas criminais a muito sexo encenado e lingerie cafona. No mundo do streaming, quem diria, nenhum tempero é tão eficaz quanto a pimentinha espanhola. ■



DIVULGAÇÃO

AULA *Sapere Aude:* descobertas sexuais de um estudante sem rótulos



TELEVISÃO

CORAÇÃO DE FERRO

(disponível no Disney+)

Superdotada, Riri Williams, papel da atriz Dominique Thorne, ingressou cedo na prestigiada universidade MIT — e também sairá de lá antes da hora. Inventiva e obstinada, ela é expulsa ao desafiar as regras da instituição para construir uma armadura inspirada na do herói Homem de Ferro, do falecido Tony Stark. De volta ao lar, em Chicago, tem de encarar novamente a falta de grana e a dor do luto pela perda da melhor amiga e do padrasto em um tiroteio. Em meio a esses dramas, é recrutada por Parker Robbins (Anthony Ramos), um criminoso em vias de se tornar o perigoso vilão Capuz. Na nova minissérie da Marvel, o drama social é tão relevante quanto seres alienígenas e superpoderes: a jovem negra órfã, pobre e brilhante encara com coragem um desafio atrás do outro, sob uma armadura emocional que espelha sua invenção tecnológica.



NO JU-HAN/NETFLIX

JOGAR OU MORRER *Round 6:* série sul-coreana chega ao fim com surpresas

ROUND 6 – TERCEIRA TEMPORADA

(disponível na Netflix)

Após duas temporadas em que a ganância e a frieza foram recursos imprescindíveis para a sobrevivência, a série sul-coreana *Round 6* retorna para o seu *grand finale* com diversas transformações em curso. Após a morte de um amigo em meio a uma rebelião fracassada, o protagonista Gi-hun (Lee Jung-jae) passa por um profundo desencanto em seus planos de vingança, enquanto o jogo se torna mais brutal que nunca. Há ainda um desfecho para o embate entre Gi-hun e o líder da gincana letal, Frontman (Lee Byung-hun) — que não quer só mostrar seu poder ao jogador, mas fazê-lo questionar, dentro de si, os princípios humanos mais fundamentais.



HEROÍNA *Coração de Ferro:* jovem obstinada e brilhante em armadura inspirada em Tony Stark

MARVEL

DISCO



I QUIT, **de Haim (disponível nas plataformas de streaming)** Em sua juventude na Califórnia, as irmãs Este (39 anos), Danielle (36) e Alana (33) foram bem providas de referências musicais: seus pais tinham uma banda de covers de rock clássico — e uma bela coleção de discos. Hoje multi-instrumentistas de formação sólida — Este, a mais velha, é etnomusicóloga e foi uma das supervisoras da trilha de *The White Lotus* —, as irmãs compõem um dos grupos mais inventivos do pop atual. No quarto álbum, as faixas que vão de relacionamentos fracassados a reflexões sobre a vida, passeando pelo folk, rock e R&B. ■

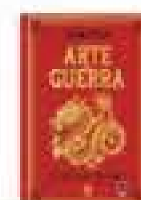
OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO



1. **A HORA DA ESTRELA** — Clarice Lispector [7 | 25#] Rocco
2. **QUARTA ASA** — Rebecca Yarros [5 | 11#] Planeta Minotauro
3. **VERITY** — Colleen Hoover [2 | 163#] Galera Record
4. **JANTAR SECRETO** — Raphael Montes [3 | 19#] Companhia das Letras
5. **A EMPREGADA** — Freida McFadden [6 | 52#] Arqueiro
6. **COMO ARRUINAR UM CASAMENTO** — Alison Espach [0 | 1] Harlequin Books
7. **CASAS ESTRANHAS** — Uketsu [8 | 3] Intrínseca
8. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE** — Matt Haig [10 | 148#] Bertrand Brasil
9. **A CABEÇA DO SANTO** — Socorro Acioli [0 | 9#] Companhia das Letras
10. **A HIPÓTESE DO AMOR** — Ali Hazelwood [0 | 36#] Arqueiro

NÃO FICÇÃO



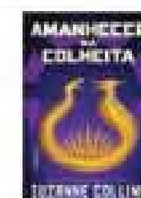
1. **A ARTE DA GUERRA** — Sun Tzu [5 | 140#] Várias editoras
2. **O PRÍNCIPE** — Nicolau Maquiavel [0 | 90#] Várias editoras
3. **EU SÓ EXISTO NO OLHAR DO OUTRO?** — Ana Suy e Christian Dunker [6 | 4] Paidós
4. **TRINCHEIRA TROPICAL** — Ruy Castro [1 | 3] Companhia das Letras
5. **A GERAÇÃO ANSIOSA** — Jonathan Haidt [3 | 35#] Companhia das Letras
6. **NAÇÃO DOPAMINA** — Dra. Anna Lembke [4 | 91#] Vestígio
7. **LEÃO XIV – O NOVO PAPA** — Samuel Pruvot [2 | 3] PAULUS
8. **BIBLIOTECA ESTOICA – GRANDES MESTRES** — Vários autores [0 | 54#] Camelot
9. **A PRATELEIRA DO AMOR** — Valeska Zanello [0 | 10#] Appris
10. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** — Clarissa Pinkola Estés [10 | 218 #] Rocco

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1. **COMO SE TORNAR UM CRISTÃO INÚTIL** — Rodrigo Bibo [0 | 3#] Thomas Nelson Brasil
2. **AS 48 LEIS DO PODER** — Robert Greene [4 | 67#] Rocco
3. **O DEUS QUE DESTRÓI SONHOS** — Rodrigo Bibo [0 | 24#] Thomas Nelson Brasil
4. **INQUIETAÇÃO EMPREENDEDORA** — Edu Lins [2 | 2] Gente
5. **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER** — Ana Claudia Quintana Arantes [0 | 27 #] Sextante
6. **A PSICOLOGIA FINANCEIRA** — Morgan Housel [10 | 80#] HarperCollins Brasil
7. **HÁBITOS ATÔMICOS** — James Clear [0 | 96 #] Alta Life
8. **CAFÉ COM DEUS PAI 2025** — Junior Rostirola [8 | 36#] Vélos
9. **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS** — Dale Carnegie [9 | 165#] Sextante
10. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** — George S. Clason [0 | 206#] HarperCollins Brasil

INFANTOJUVENIL



1. **AMANHECER NA COLHEITA** — Suzanne Collins [2 | 13#] Rocco
2. **MELHOR DO QUE NOS FILMES** — Lynn Painter [1 | 53#] Intrínseca
3. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** — J.K. Rowling [7 | 468#] Rocco
4. **O PEQUENO PRÍNCIPE** — Antoine de Saint-Exupéry [4 | 471#] Várias editoras
5. **O ABISMO DE CELINA** — Ariani Castelo [0 | 1] Rocco
6. **NÃO É COMO NOS FILMES** — Lynn Painter [5 | 17#] Intrínseca
7. **RECKLESS** — Lauren Roberts [6 | 3] Rocco
8. **POWERLESS** — Lauren Roberts [0 | 4#] Rocco
9. **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA** — Maidy Lacerda [8 | 43#] Outro Planeta
10. **DIÁRIO DE UMA GAROTA ESQUISITA** — Thalita Rebouças [10 | 2] HarperKids

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Paulus, Livraria da Rua, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Circulo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Simples, Selecta, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **Internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

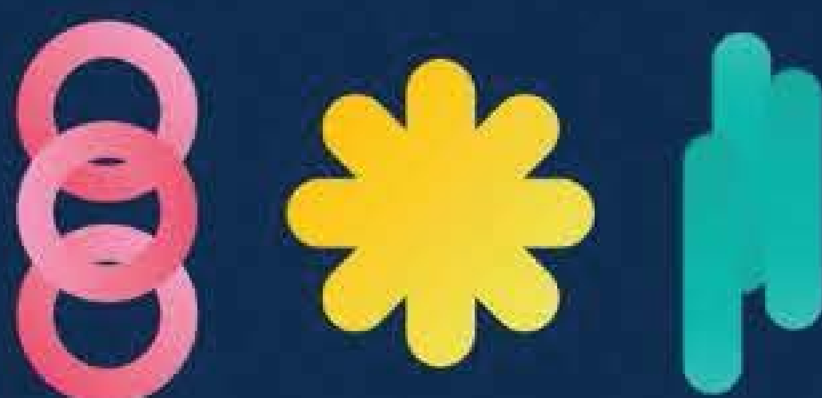
A oportunidade começa com o Espro. E a transformação, com você.

Conectamos jovens talentos a empresas que acreditam na transformação social por meio da formação, inclusão produtiva e conexão com o mercado.
Assim, abrimos portas para que jovens transformem suas vidas e os negócios onde atuam.

JOVENS EMBAIXADORES ESPRO

Rafaela Gama
Jovem Embaixadora Espro*

Embaixadores Espro é uma iniciativa que anualmente identifica, reconhece e premia o 0,2% dos jovens que mais se destacam em todo o Brasil.*



Empregabilidade se constrói junto.

Graças ao investimento de mais de **2 mil empresas** parceiras nos talentos formados pelo Espro, em **46 anos** de história, abrimos as portas do mercado de trabalho para mais de

650 mil jovens.



Inovação social, impacto e governança que transformam sua empresa e o mundo.

Visite nosso site e saiba mais:
www.espro.org.br



A Igreja Cristã Maranata e o Evangelho Eterno

"E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito." Joel 2:28-29

A Igreja Cristã Maranata emergiu do seio da comunidade evangélica mundial como resultado de um acontecimento profético, previsto no Velho Testamento pelo profeta Joel, cuja primeira fase se consolidou no Pentecostes e a última fase neste momento final da jornada da Igreja Fiel, preparando-a para a sua partida para a eternidade. O fundador e o fundamento se identificam na Pessoa do Senhor Jesus Cristo.

Nasceu, em 1968, no município de Vila Velha, Espírito Santo, com o objetivo de adorar a Deus e pregar o Evangelho, tendo a Bíblia como única regra de fé e prática. "Maranata" é um grito de alerta espiritual, uma convocação do Espírito Santo para um tempo especial da história da igreja, que é o arrebatamento.



Sede da Igreja Cristã Maranata - Vila Velha/ES

A missão e os valores

Desde a sua fundação, a Igreja Cristã Maranata sempre buscou cumprir sua missão bíblica de anunciar o Evangelho a toda a criatura, mas também atenta ao cumprimento do seu papel social, realizando para os seus membros e para a sociedade, em geral, ações de assistência social e espiritual. São diversas ações sociais de amparo e socorro realizadas nas tragédias naturais ocorridas no Rio Grande do Sul, calamidades no estado do Espírito Santo, Bahia e em diversos outros locais no Brasil.

Um dos projetos especiais de cunho evangelístico e de ação social é a missão Amazônia, que está em sua 12ª edição, e onde, desde abril de 2016, a Igreja Cristã Maranata, tem anunciado a Palavra de Deus às populações das regiões riberinhas da ilha de Marajó, alida a uma assistência social realizada por meio de médicos, dentistas, cabelereiros, auxiliares de enfermagem, professoras e pastores, por meio de um trabalho voluntariado notável.



Missão Amazônia

O ensino doutrinário

Os Maanains compreendem áreas para reuniões, presentes em todo o país, para a transmissão da doutrina bíblica. O primeiro Maanaim, fundado na década de 70, está localizado em um sítio, no município de Domingos Martins, Espírito Santo, situado a 40 km de Vitória, em meio a mata atlântica.



Seminário no Maanaim de Domingos Martins

Ensino confessional

A Igreja Cristã Maranata também desenvolve um projeto educacional, por meio da Escola Edward Dodd, com ensino fundamental e médio, fundamentado nos valores bíblicos, aliado à uma moderna metodologia e prática pedagógica.



Escola confessional Edward Dodd

Sustentabilidade

A consciência e responsabilidade ambiental da Igreja Cristã Maranata é comprovada por diversas ações.

A Igreja possui, em vários estados do Brasil, usinas de geração fotovoltaicas (energia solar) que já abastecem quase 90% dos templos, por meio de energia limpa e renovável. Ações como reaproveitamento de água nos Maanains e a preservação

do meio ambiente já constituem práticas utilizadas pelos membros da igreja.



Usina fotovoltaica no Sítio Esperança - Serra/ES

Acessibilidade

Surdos, cegos, surdo-cegos e deficientes visuais já são assistidos em todos os eventos e transmissões feitas pelo sistema de comunicação multiplataforma da Igreja Cristã Maranata. Este público tem recebido um cuidado especial da Instituição há mais de 20 anos. A cada evento, seja nos Maanains (locais destinados a grandes reuniões), seja nas próprias igrejas, uma assistência especial é realizada pelos próprios membros da Igreja com a interpretação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o cuidado com os portadores de TDAH, Síndrome de Down e autismo. Algumas publicações doutrinárias são disponibilizadas em Braile, por meio de tecnologia 3D.

O Sistema de Comunicações

Por meio de um sistema de comunicação multiplaforma, moderno e tecnológico, a Igreja Cristã Maranata provê o anúncio do Evangelho utilizando comunicação por satélite para as igrejas no Brasil e exterior, o canal da TV Maanaim na modalidade de TV aberta para diversas localidades no país e TV por assinatura, além do canal oficial do YouTube e demais mídias sociais.



Rádio e TV Maanaim - Vila Velha/ES

Por meio desta infraestrutura de comunicação, milhões de pessoas têm sido alcançadas, especialmente nos eventos mundiais, como o Trombetas e Festas e a Ceia Mundial

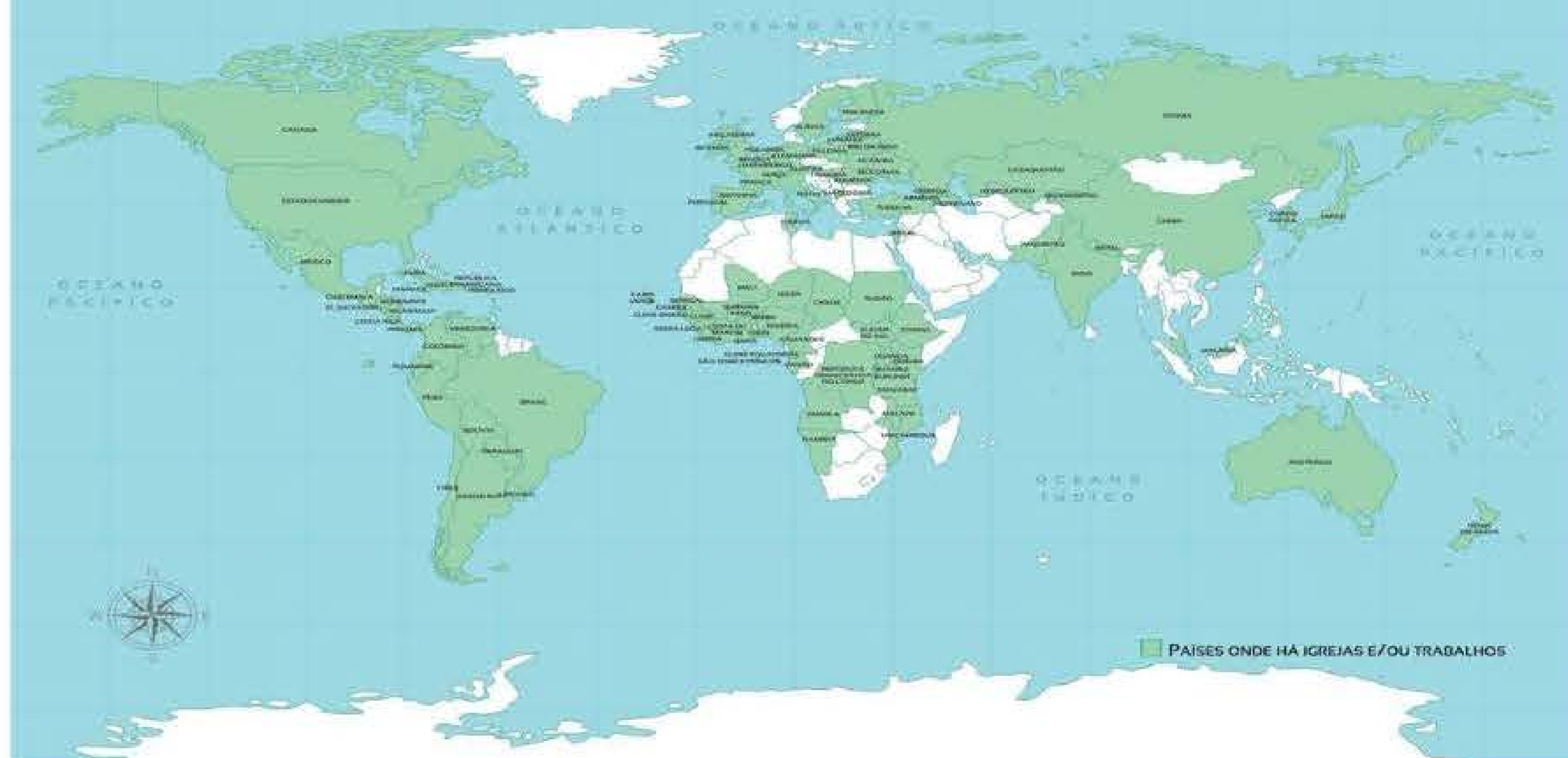


Pr. Gedelti, presidente da igreja - Evento Trombetas e Festas

Presença Mundial

A Igreja Cristã Maranata está presente em todos os continentes. O ensino é integrado por meio do sistema de comunicações multiplataforma via satélite e midias sociais.

Maranata! Ora Vem Senhor Jesus!





JOSÉ CASADO

IMPASSE

O CALENDÁRIO avisa: faltam dezesseis meses para a eleição presidencial. Lula quer, mas não sabe se vai poder se candidatar aos 80 anos. Ele depende de condições de saúde mais favoráveis, do fim do ciclo de maré baixa nas pesquisas e, principalmente, de algum dinheiro no caixa do governo para dar garantia aos novos "programas sociais" da temporada — botijões de gás grátis e motocicletas subsidiadas, entre outros.

Aos 70, Jair Bolsonaro sonha com a volta do retrato às telas das urnas eletrônicas, as mesmas que demonizou depois de eleições vencidas durante três décadas sem nunca se queixar de fraude. Ele está inelegível até 2030. E, se confirmada nova condenação por crimes constitucionais, deve continuar fora do jogo eleitoral até o fim da vida.

Lula e Bolsonaro são os únicos políticos em atividade conhecidos por nove em cada dez eleitores, segundo as pesquisas. Vêm de uma outra época, em que a hiperinflação e a dívida externa asfixiavam ditadura; o comunismo soviético fenecia, e o capitalismo de plataforma digital era coisa de ficção literária cyberpunk cultuada em fliperama.

Lula e Bolsonaro já disputavam eleições quando o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, corria nas ruas de Macapá com garotos de 12 anos, e o presidente da Câmara, Hugo Motta, era o festejado recém-nascido (1989) do clã Motta na Paraíba. Pertencem a mundos diferentes, com ideias, hábitos e costumes distintos, uns não necessariamente melhores que outros. Por acaso, estão no centro de uma transição geracional na política brasileira. E nessa travessia a importância dos personagens tende a ser proporcional à sua capacidade de apresentar propostas práticas e viáveis para solvência do Estado.

Governo, Congresso e Judiciário têm um encontro marcado em 2027 com a reorganização do financiamento da administração pública. A razão é simples e objetiva: acabou o dinheiro. Não importa quem seja, o vencedor da eleição presidencial do ano que vem será obrigado a enfrentar uma realidade inédita nas últimas três décadas, a crescente intolerância com o aumento da carga tributária (para 34,2% do PIB em 2024) como meio de equilibrar os orçamentos federal, estaduais e municipais.

"Há sinais de inédita intolerância com o aumento da carga tributária"

A situação fiscal se agrava, advertem os economistas do Senado. Preveem "déficits recorrentes" e "crescimento contínuo" das despesas, com o endividamento estatal conduzido a um "patamar preocupante". Ou seja, até o próximo ano eleitoral o governo vai aumentar significativamente sua dívida (de 77,6% para 82,4% do PIB).

Os gargalos são econômicos, as soluções são políticas, lembra o ex-deputado mineiro Marcus Pestana, que dirige a Instituição Fiscal Independente, mantida pelo Senado. A saída requer negociação entre os poderes republicanos para escolhas muito além dos limites dos problemas orçamentários. São elas que vão determinar a capacidade do país em inovação tecnológica na agricultura, indústria e mineração, e definir o poder de competição em alguns segmentos com a China, os Estados Unidos, a Índia e países asiáticos em geral.

O problema é que liderança política é mercadoria cada vez mais escassa em Brasília. O governo, por exemplo, riscou no chão limites a toda e qualquer negociação antes da eleição do ano que vem. E não aceita cobranças, repete Lula, que considera uma forma de perseguição: "Todo dia se fala de déficit fiscal, déficit fiscal... Mas quem foi que se preocupou com isso no governo passado? Qual foi o empreendedor que reclamou de desrespeito ao teto de gastos naquela época?".

Nas palavras do deputado José Guimarães (PT-CE), líder do bloco governista, em discurso na Câmara: "Nós não vamos cortar gasto daqueles que precisam do Estado. Nós podemos até fazer gastança, mas vai ser para proteger os mais pobres. Queremos, sim, é taxar essa elite econômica do Brasil".

Faltam ao governo os meios essenciais para pôr em prática suas ideias. Entre eles, votos em quantidade suficiente no Congresso e lastro de aprovação presidencial nas pesquisas (quase dois terços dos eleitores dizem há meses que Lula não deveria tentar a reeleição).

Entre empresários prevalece a percepção de que não haverá alternativa — o Estado brasileiro vai parar. "Se nós não conseguirmos nos entender, o rombo nas contas públicas será inadministrável e insuportável", resumiu dias atrás Isaac Sidney, presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban). Ele é dos que supõem já não ser possível adiar o inevitável, e acha que vai ser necessário enfrentar o inadiável: "Se não *(for)* por bem *(o ajuste fiscal)*, terá de ser por mal". ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

NCL NORWEGIAN CRUISE LINE®

Sinta-se livre para experimentar MAIS



Escolha entre 21 navios contemporâneos para mais de 400 destinos pelo mundo

Ao passar as férias com a Norwegian Cruise Line, sempre há mais para experimentar.

Você pode explorar destinos icônicos ao redor do mundo, saborear uma gastronomia de classe mundial em nossos restaurantes de especialidade, relaxar em nosso spa premiado ou acelerar nas únicas pistas de kart em alto-mar.
Aqui, todos podem ter as melhores férias da vida.

experimente **MAIS** *no mar*™

Para saber mais, entre em contato pelo **(11) 3177-3137**, acesse **ncl.com.br** ou consulte seu agente de viagens.



Escaneie o QR code para acessar nossas **ofertas!**


Norwegian Encore®, The Waterfront


Norwegian Viva®, Santorini


Norwegian Prima®, Vibe Beach Club

©2025 NCL Corporation Ltd. Ships' Registry: Bahamas and USA.2418402 05/25

VALE

Pessoas que ajudam a manter a floresta em pé

A cantora Gaby Amarantos levou o fotógrafo Bob Wolfenson para conferir de perto as pessoas que fazem a diferença para a floresta. Eles conheceram Tainah Fagundes e a Da Tribu, uma das empresas apoiadas pelo Fundo Vale, que produz moda com o látex da Amazônia e gera renda para os seringueiros locais.

A Vale está há mais de 40 anos na Amazônia investindo na proteção da floresta e em negócios de bioeconomia, como o de Tainah. Porque, para manter a floresta em pé, a gente precisa manter as pessoas de pé.

Fazer a diferença para a Amazônia, juntos.
Tem a ver com a Vale.

Saiba mais

